



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
LINHA DE PESQUISA: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

ÉLLEN SOARES DE LOIOLA

**TERMINOLOGIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
DISSEMINAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DE NOVOS SINAIS-
TERMO NO CONTEXTO BÍBLICO**

**PORTO NACIONAL-TO
2022**

ÉLLEN SOARES DE LOIOLA

**TERMINOLOGIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
DISSEMINAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DE NOVOS SINAIS-
TERMO NO CONTEXTO BÍBLICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Dr. Bruno Gonçalves Carneiro

PORTO NACIONAL-TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- L834t Loiola, Ellen Soares.
 Terminologia em língua brasileira de sinais:: disseminação e padronização de novos sinais-termo no contexto bíblico . / Ellen Soares Loiola. – Porto Nacional, TO, 2022.
 169 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2022.
 Orientador: Bruno Gonçalves Carneiro
1. Terminologia. 2. Sinal-termo. 3. Disseminação. 4. Contexto bíblico. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

ÉLLEN SOARES DE LOIOLA

TERMINOLOGIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DISSEMINAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DE NOVOS SINAIS- TERMO NO CONTEXTO BÍBLICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 10/03/2022.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro - UFT
(Orientador)

Profa. Dra. Francielle Cantarelli Martins – UFPel
(Avaliadora)

Profa. Dra. Kátia Lucy Pinheiro – UFC
(Avaliadora)

Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento – UnB
(Avaliadora)

Porto Nacional
2022

***In Memoriam:** Aos meus pais Antônio Loiola e Maria Senhorinha, que ao amor inspirou, através do nosso eterno laço de afeto. “Pais, a saudade é grande, mas o amor é para sempre”. À minha amada mãe, Maria Senhorinha Soares de Loiola, um muito obrigada, por ter me ensinado a viver, apesar das barreiras e da sociedade.*

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeito a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o DIREITO de ser surdo. Nós não devemos mudá-lo, devemos ensiná-lo, ajudá-lo, mas temos que permitír-lhe SER SURDO”. Terje Basilier.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, meu pai do céu, por escutar (ver) minhas orações mais profundas e por ser sempre inseparável. *“Ó Senhor, aceita minha oração de agradecimento e ensina-me os teus mandamentos.”* (Salmos 119:108).

A Jesus

Agradeço ao mestre Jesus, Filho amado de Deus, que foi enviado à terra para morrer por mim. Ele sofreu na cruz por conta de nossos pecados, me amou e me libertou de todo mal. Então, a Jesus, dou graças pela minha salvação. *“Mas agora, unidos com Cristo Jesus, vocês, que estavam longe de Deus, foram trazidos para perto dele pela morte de Cristo na cruz.”* (Efésios 2:13).

Ao meu filho Clayton

Também agradeço ao meu querido filho adorado, uma criança que me inspira a viver e que me dá força para continuar buscando uma vida melhor. *“Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu.”* (Lucas 15:31).

Ao meu marido

Agradeço ao meu amado marido, Edson Júnior, por me dar forças nos momentos difíceis, pelo apoio, pelo incentivo a ir mais longe: por cuidar do nosso filho, compreendendo as minhas limitações no momento de construção deste estudo. Agradeço por incentivar que eu fizesse a inscrição na seleção do mestrado da PPG-Letras, quando eu não acreditei que pudesse conseguir. Agradeço pelo profundo respeito e paciência nos momentos complicados que passei durante a dissertação de mestrado. *“A boa esposa é o orgulho do marido.”* (Provérbios 12:4).

Ao meu professor e orientador

Agradeço ao querido orientador, o Professor Dr. Bruno Carneiro, pela confiança em meu trabalho. Obrigada pela paciência, pela clareza na orientação da presente dissertação e por mostrar-me os caminhos das letras/linguística. Novamente, tenho uma gratidão imensa por todas as revisões de português ao longo desse período. Com certeza, o seu trabalho foi essencial para a produção da dissertação. *“Estes provérbios nos ajudam a dar*

valor à sabedoria e aos bons conselhos e a entender os pensamentos mais profundos.”
(Provérbios 1:2).

Ao meu amigo e pastor Josenilson Mendes

Agradeço imensamente ao meu irmão em Cristo e meu pastor, Josenilson Mendes, pela tradução de vídeos da Libras para o português brasileiro escrito e pela revisão desta dissertação; feitos com atenção, dedicação, competência e carinho, bem como pela sua contribuição para política linguística religiosa em língua de sinais. *“Meu querido amigo, você tem sido fiel naquilo que faz pelos irmãos, mesmo quando são estrangeiros.”* (3 João 1:5).

Ao meu querido coordenador Dr. Carlos Ludwig

Ao meu querido Coordenador da PPG-Letras - Porto Nacional/TO, professor Dr. Carlos Ludwig, obrigada por ser uma pessoa que sempre acredita e apoia a comunidade surda e os nossos sonhos, por mais difíceis que pareçam. *“Peça a Deus que abençoe os seus planos.”* (Provérbios 16:3).

Às avaliadoras lindas

Às professoras que participaram da minha banca de Exame de Qualificação e Defesa de Dissertação de mestrado, Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, Profa. Dra. Francielle Cantarelli Martins e Profa. Dra. Kátia Lucy Pinheiro, agradeço pelas sugestões de melhoria deste trabalho. *“Que o avaliador avalie por suas qualidades.”* (Levítico 27:12).

Aos meus queridos Pastores Surdos

Aos meus queridos Pastores Surdos Josiel Teixeira e Nilton Damasceno, aos irmãos Valdecir Menis e Salomão Lins e ao fundador do MSB, Marcos Kléber, agradeço por acreditarem em mim. Obrigada por cada palavra/sinal de demonstração de confiança em meu trabalho e na profissional que sou. *“E, quando o Grande Pastor aparecer, vocês receberão a coroa gloriosa, que nunca perde o seu brilho.”* (1 Pedro 5:4).

Aos meus irmãos missionários surdos e ouvintes

Aos meus irmãos missionários surdos e ouvintes, pastores, líderes surdos e servos surdos (todos que participaram dos grupos privados: MSB, Glossário DOT Brasil, SB, ex-

integrantes de Clamor de Silêncio, IES e ASSENOS/ENOS), eu espero que saibam que sempre guardarei muita gratidão por vocês. Espero sempre que continuem a espalhar esta mensagem tão importante. Deus me salvou através de vocês e, por isso, vocês estarão sempre em minhas orações de agradecimento. *“Aleluia! Louvem a Deus, o Senhor, vocês que são seus servos.”* (Salmos 135:1).

Ao DOT Brasil

Aos mobilizadores nacionais, Sr. Sérgio Seiffert, esposo da Sra. Hosana Seiffert; ao Diretor de projeto Pr. Paulo Sérgio (surdo); aos mobilizadores internacionais, americanos, Sr. Paul Fahnestock, esposo da Sra. Linda Fahnestock; ao coordenador regional Pr. Alex Silva; ao coordenador do glossário, Gabriel Corbacho (surdo); ao missionário americano Samuel Ropp (surdo), ao consultor teológico Pr. Flavio Fernandes; à consultoria de tradução de Saulo Xavier, à irmã e amiga Meire Borges e sua família; aos tradutores surdos e intérpretes ouvintes brasileiros; aos irmãos e às irmãs em Cristo do DOT, pelo incentivo, apoio, paciência e pela confiança em minha capacidade de trabalhar na equipe de revisão e validação das traduções bíblicas para surdos, aperfeiçoando conceitos de sinais-termo bíblicos em Libras durante a tradução de João capítulo 8, da Bíblia Sagrada, no canal YouTube (DOT Bíblia). Guardarei com carinho a lembrança de todos vocês. *“A pessoa faz os seus planos, mas quem dirige a sua vida é Deus, o Senhor.”* (Provérbios 16:9).

À minha amiga e irmã em Cristo

Agradeço a minha grande amiga, Erika Silverio, pelo apoio, por partilhar os momentos de alegria e tristeza, pelas conversas, pelas sugestões e por compartilhar toda sua experiência de tradução comigo no DOT Brasil. *“O amigo ama em todos os momentos; é um irmão na adversidade.”* (Provérbios 17:17).

Aos pastores

Aos pastores que passaram pela minha vida, especialmente ao Pastor Surdo Nilton Damasceno, por ter demonstrado disponibilidade para me orientar, tanto teologicamente quanto linguisticamente. Novamente, agradeço a você por cuidar de mim com tamanha atenção. [...] *“Eu lhe ensinarei o caminho por onde você deve ir; eu vou guiá-lo e orientá-lo.”* (Salmos 32:8).

À intérprete de Libras para português

Agradeço a Adriana Uchoa pelo tempo disponível para interpretar para voz na direção Libras/Português durante minha defesa. “*Se, porém, alguém falar em língua, devem falar dois, no máximo três, e alguém deve interpretar.*” (Bíblia NVI, 1 Coríntios 14:27).

Às minhas sobrinhas

Obrigada a minha sobrinha tradutora, Thaíza Loiola, que ajudou na tradução de trechos do inglês para o português. Também agradeço a minha outra sobrinha, Thalia Loiola, pela correção de trechos em português. “[...] *traduzindo; e davam explicações para que o povo entendesse o que era lido.*” (Neemias 8:8).

Aos meus amigos e meus irmãos em Cristo

Agradeço aos meus amigos e irmãos em Cristo que, de maneira distante ou próxima, sempre estiveram ao meu lado quando foi preciso. “*Meus queridos amigos, não esqueçam isto: para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia.*” (2 Pedro 3:8).

Ao Delles

Ao Chefe do Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos – Delles da UFC, aos professores, agradeço por permitirem meu afastamento acadêmico para meu aperfeiçoamento profissional. “*E, porque temos essa esperança, agirmos com toda a confiança.*” (2 Coríntios 3:12).

Ao ministério de surdos

Ao ministério de surdos da minha igreja, ministério CN Surdos, principalmente a minha querida Igreja Comunidade das Nações em Fortaleza - CE. Agradeço a Deus, que me ajudou a superar os obstáculos, me dando forças para concluir essa dissertação de mestrado que tanto me ajudou a evoluir. “*Peça a Deus que abençoe os seus planos, e eles darão certo.*” (Provérbios 16:3).

A toda a Comunidade Surda

A toda a Comunidade Surda que me auxiliou e incentivou a desenvolver este trabalho. “*Ó Deus, eu te louvo porque me escutaste e me deste a vitória*”. (Salmos 118:21).

Enfim, a todos que de algumas formas me ajudaram nesta vitória, fui e serei grata para sempre. Vocês foram essenciais para que este trabalho se concretizasse. *“És tu que dás a vitória. Ó Senhor Deus, abençoa o teu povo.”* (Salmos 3:8).

RESUMO

Esta pesquisa discute a renovação terminológica na língua brasileira de sinais a partir das atividades de quatro Grupos de Trabalho de denominação evangélica: (1) Clamor do Silêncio, (2) Manuário Sinais Bíblicos, (3) Glossário DOT Brasil e (4) Sinalário Bíblico. O objetivo geral é descrever os fatores que favorecem a disseminação e padronização de sinais-termo no contexto bíblico, e os objetivos específicos são (1) descrever fatores que favorecem a necessidade de surgimento de novas unidades terminológicas sinalizadas, (2) descrever atitudes dos Grupos de Trabalho que favorecem a disseminação e padronização dessas novas unidades e (3) descrever atitudes de líderes e participantes do contexto bíblico que também favorecem a disseminação e padronização. Para fundamentar essa empreitada, baseamo-nos nos fundamentos da terminologia de maneira geral (ANDRADE 1998; BARBOSA, 1998) e da terminologia envolvendo línguas de sinais (FARIA-NASCIMENTO, no prelo; FAULSTICH, 2018), bem como nas noções de política linguística envolvendo línguas de sinais (SCHERMER, 2012). A coleta de dados envolveu observação-participante, análise de documentos e entrevistas. Identificamos três fatores que favorecem o surgimento de novas unidades terminológicas sinalizadas: (1) novos conceitos demandam novos sinais-termo, principalmente sinais cujos parâmetros sejam conceitualmente embasados (conceito visualmente percebido), (2) o receio de estar cometendo heresia, com sinais considerados inadequados e (3) a resistência a sinais por datilologia. As ações que parecem favorecer a disseminação e padronização de novos sinais-termo são (1) a demanda de criação de novos sinais por parte dos surdos, (2) a liderança de surdos nos trabalhos de criação de sinais-termo, (3) a recomendação para uso desses sinais, (4) a atuação dos membros dos grupos de trabalho nas instituições vinculadas a denominações evangélicas; (5) a participação de membros surdos de vários os estados brasileiros nos Grupos de Trabalho; (6) o registro dos novos sinais em glossários virtuais com suporte de divulgação de fácil acesso e gratuito e (7) a realização de grandes eventos envolvendo a comunidade surda nacional. Na análise de pregações de pastores surdos e da tradução de um trecho da Bíblia em Libras, identificamos estratégias de disseminação e padronização, que são (1) o uso dos novos sinais-termo, (2) o uso do sinal-termo antigo seguido do sinal-termo novo e (3) o uso de datilologia seguida do sinal-termo novo e percebemos, em alguns momentos, (4) o uso tanto da datilologia associada ao sinal-termo antigo seguido do sinal-termo novo.

Palavras-chave: Terminologia; Sinal-termo; Disseminação; Contexto bíblico.

ABSTRACT

This research discusses the terminological renewal in Brazilian sign language from the activities of four Working Groups of evangelical denominations: (1) Clamor do Silêncio, (2) Manuário Sinais Bíblicos, (3) DOT Brazil Glossary and (4) Sinalário Bíblico. The general objective is to describe the factors that favor the dissemination and standardization of term signs in the biblical context and the specific objectives are: (1) to describe factors that favor the need for the emergence of new signed terminological units, (2) to describe attitudes of the groups of Work that favors the dissemination and standardization of these new units and (3) describing attitudes of leaders and participants in the biblical context also favors the dissemination and standardization. To support this endeavor, we rely on the foundations of terminology in general (ANDRADE 1997, BARBOSA, 1998) and terminology involving sign languages (FARIA-NASCIMENTO, in press, FAULSTISH, 2018), as well as notions of linguistic policy involving sign languages (Schermer, 2012). Data collection involved participant observation, document analysis and interviews. We identified three factors that favor the emergence of new signed terminological units: (1) new concepts demand new term-signs, mainly signs that are conceptually grounded (visual concept), (2) the fear of committing heresy, with signs considered inappropriate and (3) resistance to typing signals. The actions, that seem to favor the dissemination and standardization of new term signs are: (1) the demand for the creation of new signs by the deaf; (2) the creation works are led by the deaf; (3) there is a recommendation for the use of these signs; (4) the members of the work groups are active in institutions linked to the evangelical denomination; (5) there are deaf members from all Brazilian states; (6) the registration of new signs takes place in virtual glossaries with easy access and free dissemination support and (7) the holding of major events involving the national deaf community. In the analysis of preaching by deaf pastors and an excerpt from the Bible in Libras, we identified strategies for dissemination and standardization, which are: (1) the use of new term-signs; (2) the use of the old term-sign with the new term and; (3) the use of manual spelling with the new sign-term and we have also noticed, in some moments; (4) the use of both manual spelling and the old sign-term with the new sign-term.

Keywords: Terminology; Sign-term; Dissemination; Biblical context.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Associação Educativa Evangélica
ASCE	Associação de Surdos do Ceará
ASE	Associação de Surdos Evangélicos
ASL	Língua de Sinais Americana
ASOF	Associação dos Surdos Organizados de Fortaleza
ASSENOS	Associação Evangélica Nacional de Obreiros com Surdos
CBB	Convenção Batista Brasileira
CCOSurdos	Comunidade Cristã de Obreiros Surdos do Brasil
CCTSurdos	Centro Cristão de Treinamento para Surdos
CN	Igreja Comunidade das Nações
COMSEB	Comunidade Surda Espírita Brasileira
CS	Clamor do Silêncio
DOT	Deaf Owned Translation
EaD	Educação à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ENOS	Encontro Nacional de Obreiros e Surdos
ENSOE	Encontro Nacional de Surdos e Ouvintes Espíritas
FAAMA	Faculdade Adventista da Amazônia
FABAPA	Faculdade Batista do Paraná
FEBTV	Federação Espírita Brasileira – Canal do YouTube
FEEB	Federação Espírita do Estado da Bahia
FENEIDA	Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FMS	Federação Mundial de Surdos
IBAM	Igreja Batista Metropolitana
ICEB	Igreja Cristã Evangélica do Brasil
ICES	Instituto Cearense de Educação de Surdos
IES	Instituto Expressa Surda
ILES	Instituto Londrinense de Educação de Surdos
INES	Instituto Nacional da Educação de Surdos
IntSL	Língua de Sinais Internacional
JMN	Junta de Missões Nacionais
JUERP	Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSCB	Língua de Sinais dos Centros Urbanos do Brasil
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSI	Língua de Sinais Israelense
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MSB	Manuário Sinais Bíblicos
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
ONU	Organização das Nações Unidas
SB	Sinalário Bíblico
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
SIL	Sociedade Internacional de Linguística
STBNE	Seminário Teológico Batista do Nordeste
TILS	Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais
TJ	Testemunhas de Jeová

UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNI7	Centro Universitário 7 de setembro
UniEVANGÉLICA	Universidade Evangélica de Goiás
UTS	Unidades Terminológicas Sinalizadas
WA	Wycliffe Associates
WFD	World Federation of the Deaf

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Terminologização do universo conceptual para o terminológico.....	37
Figura 2 - Terminologização da linguagem comum para o universo terminológico. Erro! Indicador não definido.	
Figura 3 - Terminologização entre áreas com manutenção de traços semânticos..... Erro! Indicador não definido.	
Figura 4 - Terminologização entre áreas com perda de traços semânticos Erro! Indicador não definido.	
Figura 5 - Transformação de termo em vocábulo comum Erro! Indicador não definido.	
Figura 6 - Mandíbula	40
Figura 7 - Escápula	41
Figura 8 - Patela.....	41
Figura 9 - Fíbula	41
Figura 10 - Tipos de empréstimos da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais Erro! Indicador não definido.	
Figura 11 - Sinal-termo de LÍNGUA (da ASL para Libras)	48
Figura 11 - Sinal-termo de LÍNGUA (da ASL para Libras) Erro! Indicador não definido.	
Figura 12 - Sinal-termo de LINGUÍSTICA (da ASL para Libras)	48
Figura 13 – Sinal-termo de FONOLOGIA (da ASL para Libras).....	49
Figura 14 – Sinal-termo de LÍBANO em LSI (Israel) para Libras	50
Figura 15 - Sinal-termo de MONTE SIÃO em LSI (Israel) para Libras.....	50
Figura 16 - Sinal-termo de TARSO em LSI (Israel) para Libras	50
Figura 17 - Sinal-termo de PALAVRA	51
Figura 18 - Sinal-termo de MORFOLOGIA	52
Figura 19 - Sinal-termo de COMPOSIÇÃO	52
Figura 20 - Sinal-termo de DERIVAÇÃO	52
Figura 22 - Sinais-termo EMBRIÃO e CORDÃO UMBILICAL.....	545
Figura 23 - Sinal-termo de DEUS (processo metafórico)	556
Figura 24 - Sinal-termo UMBANDA (processo metonímico).....	556
Figura 25 - Imagem do livro Apóstolo dos Surdos, em 1849.	701
Figura 26 - Imagem da capa do livro de “Linguagem das mãos”	72
Figura 27 - Imagem do Monsenhor Vicente Burnier	72
Figura 28 - Imagem da Feira Madre Tonina Ugolini	73
Figura 29 - Imagem das Irmãs da Pequena Missão para Surdos, em Brasília.....	73
Figura 30 - Imagem do Padre Wilson Czaia	74
Figura 31 - Imagem da capa do livro “Linguagem de sinais do Brasil”	76
Figura 32 - Imagem do Pastor Hélio Moreira dos Santos	78
Figura 33 - Imagem da capa do livro “O Clamor do Silêncio”	79
Figura 34 - A Bíblia em Libras – Carta de Paulo aos Colossenses	80
Figura 35 - A tradução do Novo Testamento para Libras	81
Figura 36 - Imagem dos participantes surdos e ouvintes no DOT Brasil.....	84
Figura 37 - CCOSurdos	85
Figura 38 - Imagem do Pastor Douglas Domingos da Silva	86
Figura 39 - O Evangelho de João em Libras	88
Figura 40 - Imagem do livro “Linguagem de sinais”	88
Figura 41 - Palestrante surda Ronise Oliveira	90
Figura 42 - Glossário Axé Libras (Projeto de pesquisa e extensão Edé Lami).....	93
Figura 43 - Imagem da capa da apostila publicada pelo MSB	97

Figura 44 - Sinal-termo de FÉ (1)	104
Figura 45 - Sinal-termo de FÉ (2)	105
Figura 46 - Sinal-termo de FÉ (3)	105
Figura 47 - Sinal-termo de FÉ (4)	105
Figura 48 - Sinal-termo de SENHOR (1)	106
Figura 49 - Sinal-termo de SENHOR (2)	106
Figura 50 - Sinal-termo de SENHOR (3)	106
Figura 51 - Sinal-termo de MOISÉS (1)	107
Figura 52 - Sinal-termo de MOISÉS (2)	107
Figura 53 - Sinal-termo de MOISÉS (3)	107
Figura 54 - Sinal-termo de MOISÉS (4)	108
Figura 55 - Sinal-termo de SINAGOGA	117
Figura 56 - Sinal-termo de SINAGOGA	118
Figura 57- Sinal-termo novo de SINAGOGA	118
Figura 58 - Sinal-termo de IGREJA	119
Figura 59 - Sinal-termo novo de IGREJA (Corpo de Cristo).....	119
Figura 60 - Sinal-termo novo de Igreja (estabelecimento)	119
Figura 61 - Sinal-termo de PÁSCOA (comercial)	121
Figura 62 - Sinais-termo de “Feliz Páscoa” (comercial)	122
Figura 63 - Sinal-termo de PÁSCOA (católico).....	123
Figura 64 - Sinais-termo de FELIZ PÁSCOA (católico)	123
Figura 65 - Sinal-termo novo de PÁSCOA (evangélico).....	124
Figura 66 - Sinais-termo de “FELIZ PÁSCOA” (evangélico).....	124
Figura 67 – Sinal-termo de BATISMO (Igreja Católica/ Igreja Presbiteriana/ Igreja Luterana).....	125
Figura 68 - Sinal-termo de BATISMO (evangélico).....	125
Figura 69 - Sinal-termo de BATISMO (TJ)	126
Figura 70 - Sinal-termo de DIABO	127
Figura 71 - Sinal-termo de DIABO	128
Figura 72 - Sinal-termo de SATANÁS	128
Figura 73 - Sinal-termo de HERESIA (evangélico).....	129
Figura 74 - Imagem da página do Manuário Sinais Bíblicos - MSB	137
Figura 75 - Imagem da página do Manuário Sinais Bíblicos - MSB do Facebook.....	138
Figura 76 - Imagem da conta do Manuário Sinais Bíblicos - MSB no Instagram	138
Figura 77 - Imagem do repositório das regras do Manuário Sinais Bíblicos - MSB na Plataforma do YouTube.....	139
Figura 78 - Imagem do Manuário Sinais Bíblicos - MSB na Plataforma do YouTube	139
Figura 79 - Imagem do Canal no YouTube DOT Glossário Brasil.....	140
Figura 80 - Imagem do Canal no YouTube Bíblia DOT.....	141
Figura 81 - Imagem da página do DOT Brasil no Facebook.....	141
Figura 82 - Imagem da conta do DOT Brasil no Instagram	142
Figura 83 - Imagem do site institucional do DOT Brasil	142
Figura 84 - Imagem do aplicativo do DOT Brasil.....	143
Figura 85 - Imagem do Instagram do Sinalário Bíblico - SB.....	144
Figura 86 - Imagem do Facebook do Sinalário Bíblico - SB	144
Figura 87 - Imagem do YouTube do Sinalário Bíblico - SB.....	145
Figura 88 - Sinal-termo de GRAÇA (SB) no culto do Pastor Nilton Damasceno	147
Figura 89 - Sinal-termo de CRISTO (SB) no culto do Pastor Nilton Damasceno	148
Figura 90 - Sinal-termo de FÉ (MSB) no culto do Pastor Nilton Damasceno	148

Figura 91 - Sinal-termo de EZEQUIEL (MSB) no culto do Pastor Nilton Damasceno	149
Figura 92 - Sinal-termo antigo de GRAÇA (CS) no culto do Pastor Gustavo Gartner	149
Figura 93 - Sinal-termo novo de GRAÇA (SB) no culto do Pastor Gustavo Gartner..	150
Figura 94 - Sinal-termo antigo de JEREMIAS (CS) no culto do Pastor Gustavo Gartner	150
Figura 95 - Sinal-termo novo de JEREMIAS (MSB) no culto do Pastor Gustavo Gartner	151
Figura 96 - Datilologia de J-E-R-E-M-I-A-S no culto do Pastor Gustavo Gartner.....	151
Figura 97 - Datilologia de A-M-Ó-S no culto do Pastor Gustavo Gartner.....	152
Figura 98 - Sinal-termo novo de AMÓS (MSB) no culto do Pastor Daniel Gartner ...	152
Figura 99 - Sinal-termo de CLOÉ (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil ..	153
Figura 100 - Sinal-termo de APOLO (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil	153
Figura 101 - Sinal-termo de CEFAS (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil	153
Figura 102 - Sinal-termo de CRISPO (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil	154
Figura 103 - Sinal-termo de GAIO (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil.	154
Figura 104 - Sinal-termo de ESTÉFANAS (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil.....	154

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparativo dos sinais-termo de IGREJA: OATES (1969), CS (JMN, 1991) e SB (2020).....	120
Quadro 2 - Comparativo dos sinais-termo de PÁSCOA	122
Quadro 3 - Análise comparativa entre sinais-termo de profetas em Clamor do Silêncio (JMN, 1991) e Manuário Sinais Bíblicos (2015)	132

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
1.1 O contexto da minha experiência pessoal	22
1.1.2 Situando a pesquisa no contexto da minha experiência religiosa.....	27
2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	33
2.1 Objetivos geral	33
2.2 Objetivos específicos	34
3 TERMINOLOGIA EM LÍNGUA DE SINAIS	36
3.1 Terminologia, termo e sinal-termo	36
3.2 Estratégias de criação de sinais-termo	45
3.2.1 Empréstimos do português para a Libras	45
3.2.2 Empréstimos de outras línguas de sinais para a Libras	48
3.2.3 Morfema base	51
3.2.4 Codificação visual de conceitos	53
3.2.5 Metáfora e metonímia.....	54
3.3 Padronização e disseminação de sinais-termo	56
4 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E LÍNGUAS DE SINAIS NO CONTEXTO RELIGIOSO	60
4.1 Política e planejamento linguístico e as línguas de sinais	60
4.2 Os agentes religiosos no Brasil	67
4.2.1 Catolicismo.....	69
4.2.2 Protestante (Luteranismo)	75
4.2.3 Igreja Batista.....	77
4.2.4 Adventista do Sétimo Dia.....	85
4.2.5 Testemunhas de Jeová	87
4.2.6 Doutrina Espírita	89
4.2.7 Judaísmo	91
4.2.8 Igreja Messiânica Mundial	91
4.2.9 Candomblé.....	92
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	94
5.1 Contato com as instituições participantes e autorização para a pesquisa	94
5.2 Observação participante	95

5.3 Análise de documentos	96
5.4 Entrevistas	98
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA	100
6.1 Grupos de Trabalho e suas características organizacionais	100
6.1.1 Clamor do Silêncio	101
6.1.2 Manuário Sinais Bíblicos.....	103
6.1.3 DOT Brasil	111
6.1.4 Sinalário Bíblico	114
6.2 A necessidade de criação de sinais-termo no contexto bíblico	116
6.2.1 Novos termos para novos conceitos	117
6.2.2 Os sinais podem ser heresia.....	129
6.2.3 Resistência aos sinais-termo inicializados	131
6.3 Disseminação de novas unidades terminológicas	136
6.3.1 Plataformas de suporte.....	137
6.3.2 Atitude e discurso dos missionários	148
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS	162
APÊNDICE A	167
APÊNDICE B.....	168
APÊNDICE C.....	169

1 INTRODUÇÃO

1.1 O contexto da minha experiência pessoal

Eu sou surda, filha de pais ouvintes, nasci e morei na cidade de São Paulo até os 5 anos de idade e depois nos mudamos para a cidade de Fortaleza. Eu nasci ouvinte e fiquei surda aos 3 meses de idade, devido a uma pneumonia e uso de antibióticos muito fortes. Meus pais só descobriram a minha surdez quando tinha 10 meses de idade, em 1984.

Aqui faço um paralelo da minha história com a de tantas outras famílias de surdos, filhos de pais ouvintes. A fase do luto, da perda do filho perfeito, perpassa por nossas famílias e é narrada por Laborit (2000), surda francesa que descreve um pouco das nossas histórias de vida.

A mãe disse: “Eras um lindo bebê, nasceste sem dificuldades, pesavas três quilos e meio, choravas quando tinhas fome, rias, palavras como os outros bebês, e brincavas. Não nos apercebemos logo do que se passava. Achámos que eras sossegadinha porque dormias profundamente num quarto ao lado da sala onde a música tocava ensurdecedoramente nas noites em que havia festas com os nossos amigos. E tínhamos muito orgulho no nosso bebê tão tranquilo. Achámos que era “normal” porque viravas a cabeça quando batia uma porta. Não sabíamos que o que tu sentias era o vibrar do chão, em cima do qual tu brincavas, e também a deslocação do ar. Do mesmo modo que dançavas, no teu parque, balançando-te e agitando as pernas e os braços de cada vez que o teu pai punha um disco a tocar. (LABORIT, 2000, p. 9).

Na época do diagnóstico, os meus pais trabalhavam fora e eu ficava em uma creche pública. A professora percebeu que eu não correspondia às atividades sonoras. Ela explicou à minha mãe que eu tinha algum problema na audição e foi a primeira pessoa que orientou e alertou minha mãe para me levar ao médico. Os meus pais estavam perdidos e, certamente, preocupados com meu futuro em relação aos estudos, trabalho e autonomia.

Compreendo o choque que tiveram. Os pais culpabilizam sempre, procuram sempre alguém a quem culpar. Mas atirar as culpas da surdez de um filho a um ou a outro, ao pai ou à mãe, é terrível para a criança. Ninguém deve fazê-lo. No que me diz respeito, não se sabe nada. Possivelmente não se saberá nunca. E talvez seja melhor assim. (LABORIT, 2000, p. 11).

Os meus pais foram em busca de orientação com profissionais da área de saúde, após o diagnóstico da surdez. O médico os aconselhou a eu iniciar a fonoterapia¹, com

¹ A fonoterapia é uma técnica que utiliza exercícios específicos para estimular a linguagem, fala, audição, motricidade oral e voz. Esse tipo de terapia só pode ser realizado por um fonoaudiólogo. Disponível em:

treino de fala e oralização. Assim, meus pais procuraram um serviço de fonoaudiologia para tratamento.

Durante os meus estudos, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, eu me lembro de ter dificuldades em me relacionar com colegas, de tal forma que não tinha amigos para me comunicar. Eu me sentia muito sozinha e não havia intérprete de Libras. O professor explicava diversas vezes os temas abordados em aula e eu não conseguia entender.

Aos 9 anos de idade, meus pais me matricularam no Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES²), em Fortaleza. Nesta instituição eu comecei o contato com outros surdos. Embora o ICES fosse uma instituição de orientação oralista, na época não havia a proibição do uso de gestos. Os alunos tinham a liberdade de se comunicar em língua de sinais no espaço escolar. Essa oportunidade de contato com outras crianças surdas foi uma surpresa muito agradável para mim. Meus olhos brilhavam e sorriam, porque eu pensava que era a única surda. Percebi que não era a única e que outros surdos também sinalizavam, principalmente no intervalo das aulas. Eu adquiri a Libras de maneira rápida. Essa experiência de contato surdo-surdo também é compartilhada com outros surdos. Conforme menciona Laborit (2000),

[...] aquilo que eu compreendi de imediato foi que não estava só no mundo. Revelação que foi um choque. Um deslumbramento. Eu, que me julgava única e destinada a morrer criança, como imaginam tantas crianças surdas, descubro que tenho um futuro possível, uma vez que Alfredo é adulto e surdo. (LABORIT, 2000, p. 34).

A filosofia educacional que prevalecia na época era a Comunicação Total³. Os professores explicavam o conteúdo oralizando e sinalizando, de forma bimodal, além de misturar imagens e gestos. Com isso, me sentia mais contemplada em relação à experiência educacional previa que tive.

<<https://aeraparelhosauditivos.com.br/reabilitacao-auditiva-por-que-a-fonoterapia-e-necessaria-no-processo/>>. Acesso em: 08/06/2021.

²Um pouco da história do ICES. O ICES, Instituto Cearense de Surdos, foi fundado em 1961, pelo Governador do Estado. Adotou inicialmente uma abordagem de ensino oralista, mas na década de 90 passou para uma abordagem bilíngue. Endereço: AV. Rui Barbosa, 1970 – Aldeota, Fortaleza/CE. Informações disponíveis em: <<https://sites.google.com/site/icesonline/historico-1>>. Acesso em: 13/07/2021.

³Vários autores publicados pronunciavam criticamente dessa modalidade mista, dizem que o maior problema é a mistura de duas línguas, a língua portuguesa e a língua de sinais resultando numa terceira modalidade que é o ‘português sinalizado’, essa prática recebe também o nome de ‘bimodalismo’ que encoraja o uso inadequado da língua de sinais, já que a mesma tem gramática diferente de língua portuguesa. (PERLIN e STROBEL, 2008, p. 15)

No ICES ainda não havia a disciplina de Libras no currículo, nem a presença de intérpretes e de instrutores surdos. Aos poucos fomos contemplados com a presença desses profissionais na instituição. Eu e os demais estudantes surdos da escola ficamos surpresos com a presença de instrutores surdos e intérpretes de Libras, pois não conhecíamos líderes surdos e profissionais fluentes em língua de sinais. Um novo mundo se descortinava. Uma das instrutoras surdas, na época, foi Kátia Lucy Pinheiro, que foi nossa professora quando eu estava na 7ª série, no ano de 1999. Uma profissional surda, jovem e linda que ministrou aulas de Libras. A própria Kátia Lucy narra a inserção de profissionais surdos e intérpretes no ICES, em sua dissertação de mestrado.

Assim, mais precisamente em 1999, o ICES iniciou um processo de abertura à participação dos surdos na elaboração de propostas pedagógicas que priorizassem a educação bilíngue em sua prática educacional. Nesse período, a então coordenadora pedagógica do ICES me convidou, e a um grupo de surdos, para participar desses debates e pudemos colaborar com o relato de nossas experiências. Assim, pude contribuir com minha vivência acerca das práticas que permeavam a educação de surdos. Em função desses eventos, o ICES iniciou um processo de suavização em sua abordagem oralista e deu os primeiros passos rumo ao bilinguismo, conforme já mencionado, e viabilizou como uma experiência pioneira na educação de surdos, a inserção de três instrutores surdos da Libras e três profissionais intérpretes (eu fui uma das contratadas como instrutora) em seu quadro funcional, com contratação temporária. Para cada turno – manhã, tarde e noite – havia um instrutor e um intérprete, objetivando o ensino da Libras como conteúdo curricular nas séries da educação infantil ao ensino fundamental. (PINHEIRO, 2012, p. 21).

A referida profissional ministrava aulas de Libras durante uma hora em cada turma e, simplesmente, não queria que ela fosse embora. Considerava o tempo com a instrutora surda em sala muito pouco. Recordo-me de ter aprendido muito. Aquele era o momento de troca de informações e de construção de conhecimento diretamente em Libras, em que a cultura e as identidades surdas pulsavam.

Em 2000, no ano seguinte a esse primeiro contato com Kátia Lucy como instrutora de Libras, tivemos aulas com outro instrutor surdo, Willer Cysne Prado Vasconcelos, que assumiu seu lugar. De início, eu tinha medo dele, porque parecia antipático e sinalizava muito rápido. Mas, em pouco tempo, fiquei muito admirada por ele ser um forte líder na comunidade surda. Lembro-me dele entrar na minha sala de aula e narrar a luta do movimento surdo. Ele era inteligente. Observei que ele tinha um chaveiro com chave de carro. Questionei e ele disse que surdo pode dirigir. Então, eu o admirei ainda mais. Eu ficava encantada com essas informações. Como ele conseguia fazer tudo? Então, eu decidi que ia tentar fazer igual, tê-lo como modelo para meu futuro.

No mesmo ano, Willer Cysne me convidou para participar do curso de Instrutores Surdos de Língua de Sinais – Sinalizando o Futuro, promovido pela Associação de Surdos Evangélicos⁴ (ASE). Na época, eu tinha 16 anos de idade.

Nessa experiência, ampliei minha rede de contatos com a comunidade surda. Tive novos colegas e professores surdos. O curso de formação era coordenado por Erika Barreto e Ernando Pinheiro Chaves (*in memoriam*). Eu fiquei entusiasmada com um colega surdo muito inteligente. Ele nunca estudou no ICES e fiquei curiosa em saber como ele conseguia falar tudo em Libras e de forma muito inteligente. Ele me disse que tinha 3 irmãos surdos e a mãe dele também sabia Libras. Quando cheguei em casa, entrei no meu quarto e chorei. Minha mãe veio ao meu encontro e, de maneira carinhosa, me perguntou “*Minha filha, o que foi? Por que está chorando?*” Eu disse que “*conheci um colega surdo que era muito inteligente e que sinalizava muito bem; eu ainda conhecia pouco sobre a Libras; não tinha o conhecimento que ele tinha; ele nunca foi oralizado*”. Minha mãe se justificou: “*Oh perdão, eu não tenho culpa porque foi a orientação médica que tive, que me aconselhou a estimular você a oralizar, assim como acontece em sociedade. Eu não conhecia sobre a Libras e nunca fui orientada em relação à língua de sinais. Mas agora você é igual a ele; você também é inteligente*”. Eu não desisti de meus objetivos, de ter minhas metas e sonhos e segui em diante para conquistá-los. Sou imensamente grata pelas conquistas e por ser uma pessoa guerreira.

Em 2002, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) promoveu um curso de formação de instrutores de Libras⁵, com a proposta de formar Agentes Multiplicadores⁶, com ênfase no ensino de Libras como segunda língua para ouvintes. Eu fui aprovada junto com outros 20 instrutores surdos.

Naquela época, eu tive participação ativa em instituições de surdos. Eu atuei na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) como coordenadora

⁴Atualmente, a ASE não está em funcionamento, mas era uma instituição regimentalmente organizado, com CNPJ, e teve como presidente Walderi Caze da Silva (*in memoriam*). Há outras informações no capítulo II.

⁵[...] quando se utilizou os livros “LIBRAS em Contexto”, em sua primeira versão; um em Brasília, em 2001, quando se utilizou a segunda versão, revisada e ampliada, dos livros “LIBRAS em Contexto”, e que capacitou surdos de todo o Brasil e, quando esses 54 surdos, que fizeram o curso em Brasília, voltaram para seus 27 estados como Instrutores - Agentes Multiplicadores, voltaram com a missão de prepararem, em média, 20 novos Instrutores de LIBRAS em cada estado. (DORNELLES e ZANELLA, 2008, [n.p]).

⁶Foi oferecido curso de Libras para instrutores surdos, habilitando-os para o ensino de Libras no ano de 2001, com a metodologia Libras em Contexto organizado pela professora doutora Tanya Felipe e equipe de instrutores da FENEIS. Estes primeiros surdos cursistas foram chamados de agentes multiplicadores, pois tinham como tarefa capacitar novos instrutores para o ensino da Língua de sinais em seus estados de origem. (VILHALVA, ARRUDA e ALBRES, 2014, p. 23).

voluntária e também como instrutora de Libras, ministrando aulas para ouvintes. Fui sócia da Associação de Surdos do Ceará (ASCE), onde atuei como secretária e tesoureira, em cargos voluntários.

Consegui meu primeiro emprego como instrutora de Libras, no ICES, na educação infantil de surdos, a partir da indicação do instrutor Willer Cysne. A Diretora da instituição na época, Norma Leite Barbosa Campos, me convocou e fiquei muito contente pelo voto de confiança. Esse período foi de grande experiência e de desafios para ministrar aulas de Libras na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Em 2004, minha mãe faleceu na época em que entrei no curso de graduação de Licenciatura em História, em uma faculdade privada. Fiquei muito frustrada, mas me esforcei para continuar, pois admirava meu amigo Willer Cysne. Ele virou um amigo muito querido. Ele e sua esposa (surda), na faculdade, lutaram e conseguiram um intérprete de Libras para o nosso curso.

Em outubro de 2006, passei no vestibular para o curso pioneiro de Letras-Libras na modalidade de Educação à distância - EAD, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Pólo da Universidade Federal do Ceará – UFC, com outros 55 candidatos. A turma era composta majoritariamente por alunos surdos e apenas 3 alunos ouvintes fluentes em Libras. Este curso foi um exemplo de ambiente bilíngue (Libras/Português escrito), um marco histórico na educação de surdos no Brasil. Os alunos, professores, tutores e intérpretes assumiram uma postura de valorização e respeito à língua de sinais e à cultura surda. Os materiais didáticos também eram bilíngues (Libras/Português escrito).

Em 2008, eu me formei em História, mas nunca exerci a profissão, por ter-me apaixonado por ministrar aulas de Libras. Em 2010 me formei em Letras-Libras e me tornei professora efetiva na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Em 2015, fui redistribuída para a Universidade Federal do Ceará (UFC) para acompanhar meu pai em tratamento de um câncer. Em 2017, concluí uma pós-graduação *latu sensu* intitulada Libras: Docência e Tradução no Centro Universitário 7 de setembro (UNI7), em Fortaleza/CE.

1.2 Situando a pesquisa no contexto de minha experiência religiosa

Eu posso afirmar que ser surda e ser cristã em igreja evangélica na cidade de Fortaleza/CE, perpassa por políticas linguísticas, instituição religiosa e envolve questões terminológicas em língua de sinais no contexto bíblico.

Eu e toda a família éramos católicos. Durante minha infância, lembro quando minha família me levava à Igreja Católica. Andei num corredor e vi ambiente semelhante a uma capela escondida. Neste ambiente, havia uma cruz com um homem (Jesus) que formavam uma imagem enorme e eu tive muito medo. *“Porque aquela cruz e aquele sofrimento? Por que lágrima em sangue, coroa de espinhos na cabeça, fisionomia triste e corpo em sangue?”* Vi uma outra pessoa se ajoelhar no chão, também com fisionomia de tristeza e cabeça baixa, em frente à cruz. Corri para encontrar meus pais e meus padrinhos dentro da igreja católica, com coração acelerado. Pena que meus pais e familiares não conseguiam se comunicar comigo em língua de sinais. Eu não sabia nada sobre a crucificação de Jesus Cristo. Quando voltamos para casa, dormi e sonhei com a imagem daquele “homem triste” crucificado, com os braços abertos e pregados na cruz. Eu acordei assustada e fui direto para o quarto dos meus pais. Tentei explicar e me disseram que se tratava de Jesus e que estava no céu. Me explicaram sobre rezar por ele e confessar para ele os nossos pecados. Eu tinha questionamentos a fazer, mas havia o desafio da comunicação. Minha mãe me levava sempre para a igreja. Um certo dia, o Padre fez uma piadinha durante sua exposição e todas as pessoas sorriram. Eu a questioneei *“sorrindo de quê?”*. Ela me disse que era uma piadinha sobre o pecado. *“Só isso?”* Eu continuei sem entender, e fiquei tentando imaginar sobre o que se tratava. Eu olhei para os lados, para cima e para frente e vi várias imagens. Na época, não havia intérprete de Libras na igreja.

Nunca me esquecerei de um episódio que marcou minha vida. Um parente meu, de quem não lembro, a relação de parentesco levou-me a uma igreja, mas não me lembro qual. Aquele ambiente era desconhecido e estranho para mim. Dentro da igreja, não tinha a cruz ou outras imagens. Não era como a Igreja Católica. Eu me assustei com a forma de as pessoas orarem, por suas fortes expressões faciais.

Quando terminou o culto, um pastor veio conversar com a pessoa que estava comigo. Eu era pequena, não me comunicava bem e não lembro que idade eu tinha. Provavelmente, uns 10 anos. Meu parente conversou com o pastor. Eles me olhavam. O

pastor veio falar comigo, mas eu não entendia nada. Meu perante fez o gesto de “*oração*”. O Pastor agarrou minha cabeça com uma mão e me assustei. Olhei para o lado, perdida, com medo, porque, antes, vi uma pessoa cair no chão. “*Eu poderia cair também?*” Fiquei gelada. O que aconteceria comigo? Olhei para o pastor que continuava orando. Enquanto ele falava, gotículas de saliva respingavam em mim. Depois, eu continuava pensando “*Por quê? O que aconteceria?*” Continuei sem entender.

Quando cheguei em casa, não consegui me comunicar. Meu parente fez os gestos de ouvido, oração e Deus. Eu senti falta de comunicação, então, desisti do assunto. Passou um tempo, eu estava na lojinha de costura e conserto, aqui mesmo em minha casa, com minha mãe que também trabalhava para o município. Então, enquanto eu brincava, outro homem desconhecido veio aqui e conversou com minha mãe.

Ela ficava negando, mas ele insistia em algo. Ela permitiu. Então, ele pegou na minha cabeça, semelhante ao que aconteceu antes, e fiquei assustada, mas já sabia o que era e me acomodei à situação. Ele tentou me curar da minha surdez. Fiquei pensando “*Por que sempre eu?! Eu tinha algum problema!? Por que com eles não? Só comigo?*” Olhei para ele enquanto orava e olhei para o lado, para minha mãe que tentava não rir. Terminada a oração, ele me perguntou alguma coisa, mas eu continuei sem entender. Eles conversaram e, logo depois, ele foi embora. Então, perguntei à mãe o que tinha acontecido.

Ela explicou que veio falar sobre curar “*surdo-mudo*”, porque ele acreditava que ser “*surdo-mudo*” era possessão do demônio, que não deixa a pessoa falar. Minha mãe disse a ele que eu perdi a audição ainda bebê, mas estudava no ICES e me comunicava bem com colegas surdos. Ela dizia que ele não se preocupasse, mas ele insistiu em me curar, ordenando, em nome de Jesus, que saísse o demônio. Fiquei em choque e me entristeci. Sempre houve discriminação no meio religioso em relação às pessoas com deficiência. É recorrente o discurso de que essa diferença é causada pelos pecados dos pais ou culpa da própria pessoa. Conforme a Bíblia Sagrada,

Jesus ia caminhando quando viu um homem que tinha nascido cego. Os seus discípulos perguntaram: — Mestre, por que este homem nasceu cego? Foi por causa dos pecados dele ou por causa dos pecados dos pais dele? Jesus respondeu: — Ele é cego, sim, mas não por causa dos pecados dele nem por causa dos pecados dos pais dele. É cego para que o poder de Deus se mostre nele. (Bíblia NTLH, João 9, 1-3).

Até hoje, não me agrada, sinceramente, quando dizem “*curar a surdez*”, “*será que o surdo tem demônio, porque não pode falar?*”, “*foi pecado, culpa dos pais ou do próprio surdo*”, ou ainda, “*pode se curar, se tem fé*”. É preciso respeitar as pessoas com deficiência e as diferenças que envolvem a condição humana.

É importante que, primeiramente, se pergunte à pessoa se ela quer ser curada. Essa é uma decisão pessoal. As pessoas devem evitar tocar na cabeça de uma pessoa e fazer oração sem pedir autorização. Não podem nos analisar para verificar se estamos com demônio ou se somos como somos por fruto de um pecado. Há um grande risco de gerar um trauma psicológico na pessoa vítima dessa imposição. Muitos sentem-se desconfortáveis. Essas atitudes provocam uma marginalização social.

Nunca me esqueci daquele episódio. Então, perguntei à mãe porque não escuto e não falo. Jamais esqueci a frase linda que ela disse e que me causou muita emoção. Eu a entendia. Sempre nos comunicávamos bem porque nós éramos íntimas. Ela disse “*Olha, minha filha, imagina se você tivesse nascido com deficiência visual, não pudesse ver, precisasse utilizar bengala, enfrentasse barreiras e dificuldades, ou ainda tivesse uma deficiência física, não pudesse andar e outras dificuldades. Minha filha, você perdeu só uma coisa, a audição. Então, está tudo bem. Olha, você é linda, pode ver, pode andar, pode utilizar as mãos para se comunicar. Então perdeu somente a audição e agradecemos a Deus por minha filha ser inteligente*”. Eu concordei. Fiquei feliz, com a estima elevada e abracei minha mãe. Tenho orgulho de ser surda⁷ e da Libras, minha primeira língua.

Eu tinha 15 anos, quando uma amiga surda me convidou para conhecermos a Igreja Betesda⁸, em Fortaleza. Nós nos tornamos cristãs e aceitamos Jesus. Quando meu pai soube que eu me tornei evangélica, ele brigou muito porque tinha em mente o senso comum e pejorativo em relação ao movimento evangélico. Eu expliquei “*Pai, não é como o senhor diz; somente Deus vê e fará justiça*”. Outro dia, eu participei de uma vigília de oração, durante a madrugada, com irmãos em Cristo na Igreja Betesda. Quando voltei cedo para casa, encontrei meus pais. Meu pai questionou “*Para que você foi para o culto durante a madrugada?*” Eu argumentei “*Quer que eu saia para festas durante a*

⁷Também, ter orgulho de ser surdo é um ato de afirmação pessoal. É um ato de autoestima. (MCCLEARY, 2003, p.3) Mas o importante é que a comunidade surda tem agora uma nova arma: a auto-estima, incentivada pelo conceito do “orgulho de ser surdo”. (MCCLEARY, 2003, p.8)

⁸Atualmente, não há um ministério de surdos na Igreja Betesda em Fortaleza/CE.

madrugada com os colegas rebeldes, ou posso frequentar a minha igreja evangélica?”

Ele ficou pensando por algum momento e concordou.

Desde então, comecei a ter maior contato com a Igreja Evangélica. Durante o culto, havia intérprete de Libras. No entanto, percebi que eu não conhecia alguns sinais-termo bíblicos, fato que despertou interesse e curiosidade em saber o que cada sinal significava, até então desconhecido por mim. Naquele contexto, percebi que a datilologia era muito usada para se referir a personagens e lugares citados na Bíblia.

Em 2001, viajei com amigos, pela primeira vez, para Salvador para participar do 7º Encontro Nacional de Obreiros e Surdos (ENOS), promovido pela Associação Evangélica Nacional de Obreiros com Surdos (ASSENOS), em uma Igreja Batista da cidade. Nessa viagem, eu percebi que havia variação linguística para alguns sinais-termo.

Em 2018, eu e meu marido, Edson Júnior, aceitamos ser membros da Igreja Comunidades das Nações (CN)⁹, em Fortaleza, que era liderada pelo bispo Fabrício Miguel e sua esposa, a bispa Raquel Moreira. A CN foi fundada em Brasília-DF e, atualmente, possui 25 unidades espalhadas em 9 estados brasileiros, além de 3 unidades nos Estados Unidos, lideradas pelo bispo JB Carvalho e sua esposa bispa Dirce Carvalho. Um novo Ministério de Surdos, chamado CN Acessibilidade da Comunidade das Nações em Fortaleza/CE iniciou-se em 2017, liderado pela intérprete Cristiane Brasileiro e Josiel Beckman, seu marido.

Em 2019, eu e meu marido, Edson Júnior, fomos escolhidos para sermos líderes do Ministério de Surdos, passou a ser chamado CN Surdos¹⁰. O pastor disse que gostaria de nos apresentar no culto especial de domingo. Ele convidou outros pastores e obreiros para o evento. Foi a primeira vez que teria líderes surdos para o CN Surdos.

Na ocasião, o nosso pastor pediu a outro pastor para fazer a oração para nos abençoar naquele momento do culto. Havia mais de 4 mil pessoas assistindo a nossa consagração. Uma intérprete estava à nossa frente e, ao lado, o pastor orando ao microfone de olhos fechados. Eu e meu marido olhávamos para a intérprete a nossa frente e não percebemos o que ele falava porque ficamos nervosos e emotivos. Infelizmente, a intérprete não conseguiu interpretar tudo, porque ficou chocada e omitiu uma fala do pastor. Então, terminou em oração. Ela foi sozinha falar com nosso pastor e depois veio

⁹A CN é uma igreja evangélica que segue os princípios bíblicos cristãos. Disponível em: <<https://cnfortaleza.com.br/>>. Acesso: em 14/02/2022.

¹⁰Ministério CN Surdos, disponível em: <<https://www.instagram.com/cn.surdos/>>. Acesso em: 14/02/2022.

falar a nós sobre o outro pastor ter orado pela cura da nossa surdez. Meu marido e eu ficamos chocados, e nosso pastor sentiu vergonha.

Depois de tantos anos, ainda não mudou nada! Não acusamos aquele pastor, porque lhe falta conhecimento sobre a língua de sinais e a cultura dos surdos. A esse respeito, há um versículo muito esclarecedor da Bíblia em que Deus responde a Moisés:

Porém o Senhor lhe disse: — Quem dá a boca ao ser humano? Quem faz com que ele seja surdo ou mudo? Quem lhe dá a vista ou faz com que fique cego? Sou eu, Deus, o Senhor. (Bíblia NTLH, Êxodo 4.11).

Infelizmente, até hoje muitos religiosos pensam que a condição da pessoa surda é culpa dela ou dos pais, e continua a discriminação, preconceito, piedade, superproteção, desprezo e indiferença em algumas igrejas. Novamente, não é necessário tentar curar a pessoa, a menos que ela peça. O surdo tem o direito de responder por si. É fundamental respeitar cada identidade e conhecer a história das pessoas surdas. A comunidade surda está sempre lutando. É preciso que esta luta entre no contexto religioso, nos cultos, missas etc., com o objetivo de fazer conhecer a língua de sinais e de respeitar as identidades e a cultura surda.

Na liderança, conseguimos expandir o projeto do Ministério de Surdos que agora tem 5 unidades, nas cidades de Fortaleza-CE, Brasília-DF, Valparaíso-GO, Eusébio-CE e Maraponga (Bairro de Fortaleza) das Igrejas CN. Uma parceria entre surdos e ouvintes trabalhando, também, com o apoio dos pastores já com a visão aberta, admirando e tendo o respeito pela capacidade dos surdos que servem e sempre procurando evoluir mais.

As atividades de liderança na Igreja me motivaram a estudar sobre sinais-termo no contexto bíblico. Durante meus estudos, um pastor surdo me indicou um grupo de WhatsApp, chamado Manuário Sinais Bíblicos (MSB). Para entrar no grupo, havia uma entrevista e, depois, um dos administradores do grupo enviava um arquivo informando sobre as regras. Felizmente, minha ansiedade durante todo o processo não prejudicou minha aprovação pelo grupo MSB, em 2017. Foi um momento de muita alegria para mim, mas, ao mesmo tempo, eu sabia que teria uma grande responsabilidade pela frente, de levar o grupo com seriedade, pois, o grupo era muito organizado e as regras eram bem rígidas.

A partir disso, aprendi vários conceitos e percebi que alguns dos novos sinais-termo eram empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais (língua de sinais americana - ASL e língua de sinais internacional - IntSL), principalmente de línguas de

sinais do Oriente Médio, origem do ambiente histórico bíblico¹¹, que faz referência a pessoas, acontecimentos, costumes sociais, assuntos de geografia (cidades, rios, montanhas etc). A cada semana, havia uma nova discussão entre os integrantes do grupo MSB para estudo e criação de novos sinais-termo. Aos poucos, eu substituí a datilologia pelos sinais que fui aprendendo.

Fiquei no grupo seguindo essa dinâmica ao longo de um ano e dois meses. No entanto, chegou um momento em que não tinha mais tempo para dedicar-me ao grupo. Por isso optei por sair, mas mantive contato com pastores surdos, com os quais aproveitei para tirar várias dúvidas de sinais-termo no contexto bíblico.

Entre 2018 e 2019, participei como voluntária do projeto DOT¹² na Tradução Bíblica Própria dos Surdos (DOT Brasil). De 2017 e 2019, participei de uma parceria da Wycliffe Associates (WA)¹³, nos Estados Unidos, com a UniEvangélica¹⁴, em Goiás. Participei também do Encontro Nacional DOT Brasil, em Brasília, obtendo experiência como tradutora por 10 dias ao ano.

Em de janeiro de 2020, surgiu um novo desafio para atuar como consultora linguística de Libras de forma voluntária. A proposta envolve participar da avaliação linguística com a equipe de revisão, validação dos textos traduzidos em Libras e criação de novos sinais bíblicos no contexto, discutir com consultor teológico o conceito e orientar os tradutores/atores¹⁵ surdos. Eu também fui colaboradora no glossário DOT Brasil. Trabalhei em equipe com o teólogo ouvinte Flávio Fernandes e o que me impactou foi que alguns sinais bíblicos antigos não tinham relação com o conceito bíblico na tradução em Libras. Em um primeiro momento, achei que talvez ele não conhecia a área da Libras profundamente, mas ele conhecia sim. Discutimos e eu discordava dele. Após algum tempo, depois de muita reflexão, fiquei me questionando por que alguns sinais

¹¹Bíblia sagrada e outro disponível em: < <https://acruzhebraica.com.br/antigo/introducao-geografia-biblica-terra-de-israel/>>. Acesso em: 09/06/2021.

¹²Deaf Owned Translation - DOT para traduzir Tradução Bíblica Própria dos Surdos. Disponíveis em: <<https://give.wycliffeassociates.org/p-1662-deaf-owned-translation-dot.aspx>> e <<https://dotbrasil.org/>>. Acesso em: 31/03/2021.

¹³A Missão Norte-Americana Wycliffe Associates (WA), uma organização cristã, fundada em 1967, tem atuado com treinamento linguístico e suporte a projetos de tradução em todos os continentes. A organização criou uma metodologia de tradução e acompanha mais de 30 projetos de tradução para línguas de sinais em andamento ao redor do mundo.

¹⁴Sobre a Universidade Evangélica de Goiás (UniEvangélica) disponível em: <<https://www4.unievangelica.edu.br/>>. Acesso em: 02/02/2022.

¹⁵ Um dos efeitos de modalidade mais marcantes é o fato do tradutor ser o ator e mostrar o corpo no ato da tradução. [...] pois, o texto está sendo visto na Língua Brasileira de Sinais no corpo do tradutor/ator. [...] Os tradutores são atores (Quadros e Souza, 2008, p.175).

bíblicos antigos não se relacionam aos conceitos da Bíblia sagrada? Seria uma problemática dos sinais bíblicos antigos? Isso aguçou minha curiosidade e me trouxe a esta nova etapa de pesquisa.

A minha experiência nesses grupos e nessas instituições motivou meu interesse por essa pesquisa, que envolve discutir a língua de sinais em instituições religiosas, mais especificamente, o surgimento, disseminação e padronização de sinais-termo no contexto bíblico.

2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

A presente pesquisa descreve fatores envolvidos na criação, disseminação e padronização de sinais-termo no contexto bíblico atreladas à segmentação evangélica.

No contexto de trabalho missionário interdenominacional, há projetos de extensão vinculados à UniEvangélica¹⁶, instituição fundada pela Associação Educativa Evangélica (AEE), atrelada à Igreja Cristã Evangélica do Brasil (ICEB)¹⁷. Nessas atividades, há uma grande participação de surdos, o que demanda a emergência natural de sinais-termo.

Pastores surdos durante a pregação, missionários surdos, líderes surdos, tradutores e intérpretes de língua de sinais, surdos e ouvintes, bem como os participantes surdos promovem a circulação da Libras de maneira consistente e robusta na rotina dessas instituições. O acesso, a permanência e a participação de surdos nesses ambientes, favorecem a criação e a circulação de novos sinais, o que pode exigir, algumas vezes, planejamento para ampliação lexical.

Obras lexicográficas sobre a Libras são registros históricos sobre a língua e contribuem para o processo de padronização da língua de sinais no Brasil. Em 1875, foi publicado o primeiro dicionário de Libras, intitulado *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, elaborado por Flausino José da Gama, ex-aluno surdo do Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES). Em 1969, foi publicado o segundo dicionário, a obra *Linguagem das Mãos*, do padre Eugênio Oates. Em 1991, foi publicada a obra

¹⁶O Centro Universitário é uma instituição filantrópica, de caráter religioso, que atende às necessidades da população brasileira e está ligada à ICEB. (Informações disponíveis em <http://www.unievangelica.edu.br/novo/a_instituicao.php?idioma=pt_BR> Acesso em 18/09/2020).

¹⁷Esta associação fundou a UniEvangélica. Disponível em: <<https://www4.unievangelica.edu.br/pagina/quem-somos>>. Acesso em 02/05/2021.

Clamor do Silêncio (JMN¹⁸), de Salomão Lins, uma obra com sinais-termo do contexto bíblico. Este livro é considerado a segunda publicação sobre sinais-termo bíblicos, após *Linguagem das Mãos*, e a primeira de caráter denominacional batista. Em 1992, foi publicado o *Dicionário de Linguagem de Sinais*, da instituição das Testemunhas de Jeová (TJ).

O recorte escolhido para esta pesquisa descreve fatores que favorecem o surgimento, a disseminação e padronização de sinais-termo no contexto bíblico, a partir dos grupos (1) Clamor do Silêncio (CS), (2) Manuário Sinais Bíblicos (MSB), (3) Glossário DOT Brasil e (4) Sinalário Bíblico (SB).

2.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é descrever os fatores que favorecem a disseminação e padronização de novos sinais-termo relacionados ao contexto bíblico.

2.2 Objetivos específicos

(1) Descrever fatores que favorecem a necessidade de surgimento, disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas;

(2) descrever atitudes de Grupos de Trabalho responsáveis pela criação de sinais-termo que favorecem a disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas;

(3) descrever as atitudes de líderes e participantes do contexto religioso que favorecem a disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas.

A fim de que os objetivos da pesquisa sejam alcançados, estabelecemos a seguinte pergunta de pesquisa: *quais são os fatores individuais e institucionais que favorecem o surgimento, a disseminação e a padronização de sinais-termo no contexto bíblico?* Para atingir os objetivos da pesquisa, o levantamento de informações e a geração de dados aconteceram por observação participante, análise de documentos e entrevistas semiestruturadas.

¹⁸ Junta de Missões Nacionais (JMN) disponível em: <<https://missoesnacionais.org.br/>>. Acesso em: 02/02/2022.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, discutimos a terminologia e as línguas de sinais. No segundo capítulo, trazemos noções de política e planejamento linguístico, bem como a ação de agentes religiosos frente aos surdos, o que favorece o contato surdo-surdo, a circulação da Libras e, conseqüentemente, a emergência de sinais-termo. No terceiro capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos. Por fim, no quarto capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa.

3 TERMINOLOGIA EM LÍNGUAS DE SINAIS

O objetivo deste capítulo é apresentar princípios da terminologia envolvendo línguas de sinais, processos de criação de sinais-termo na Libras e as ações que favorecem a disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas.

3.1 Terminologia, termo e sinal-termo

A Terminologia é uma disciplina que se ocupa do estudo e da descrição do léxico especializado e, de forma geral, está relacionada à linguagem de especialidade, da ciência e da tecnologia. O termo, por sua vez, é a expressão lexical dos saberes de especialidades. Segundo Andrade (1998), a terminologia trata da denominação de noções ou conceitos e o uso da terminologia adequada, torna possível a compreensão de um texto especializado, principalmente o técnico-científico.

O termo possui um estatuto diferente quando comparado com o vocábulo da linguagem corrente, pois se refere a uma linguagem técnico-científica. De acordo com Barbosa (1998), os termos integram o universo do discurso técnico-científico com o objetivo de propor taxonomias e delimitar conceitos, domínios e subdomínios técnicos e científicos em áreas de especialidade.

Segundo a autora, a especificidade do objeto de estudo da ciência e da tecnologia, a análise e descrição desse objeto, a busca da verdade e o aprimoramento da qualidade de vida exigem a construção de um discurso metalinguístico específico, pois a representação das descobertas e do saber construído perpassam pelo discurso metalinguístico dessas ciências. Por isso, “a construção da ciência é indissociável da construção de sua metalinguagem” (p. 28), já que “o campo conceitual e metalinguístico específico constituem, como dissemos, uma das condições fundamentais, para delimitação de uma área” (p. 29).

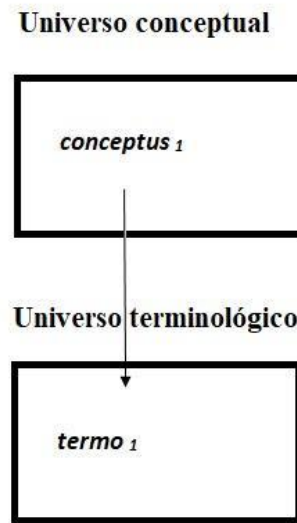
Todo o discurso metalinguístico de uma ciência, se preciso e bem elaborado, aprimora a prática profissional em toda a sua abrangência e, conseqüentemente, pode haver uma realimentação dessa linguagem de especialidade com novos fatos e novas unidades linguísticas da ciência e da tecnologia. Mais uma vez, a autora considera que a prática de uma ciência demonstra a necessidade de permanente construção e reconstrução de um vocabulário próprio, preciso e consensual. Isso permite definir instrumentos de análise, descrever fenômenos, delimitar uma área da ciência, criar categorias e proporcionar uma prática mais rigorosa, produtiva e eficaz dos princípios, métodos e técnicas.

A ciência e a tecnologia, então, são constituídas por unidades terminológicas criadas especificamente para determinada área do conhecimento. Nesse sentido, a terminologia enquanto campo de conhecimento da linguística é fundamental para a vida, principalmente quando se trata de áreas de especialidade.

Barbosa (1998) apresenta a dinâmica da terminologização, que se refere ao surgimento de termos que integram uma linguagem técnico-científica. A terminologização envolve tanto o processo de converter um conceito em um termo, quanto a transformação de uma unidade lexical da linguagem comum para uma linguagem de especialidade, ou seja, de um vocábulo em termo, bem como o empréstimo de termos entre áreas de especialidade. Essa dinâmica, certamente, envolve alterações semânticas. Há também o processo de banalização ou de vocabularização, quando um termo se torna vocábulo da linguagem comum.

A Figura 1 ilustra a criação de um termo a partir de uma informação virtual, amorfa, que passa a ser delimitado a partir de um recorte, transformando-se em conceito e, conseqüentemente, em termo. Seria o processo de passagem do conceptual para o terminológico.

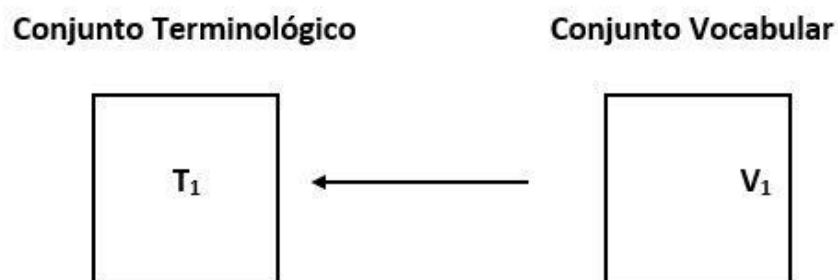
Figura 1-Terminologização do universo conceptual para o terminológico



Fonte: Barbosa (1998, p. 36)

A Figura 2 ilustra o processo de passagem de um vocábulo da linguagem comum para a linguagem de especialidade. A autora cita o exemplo de navegar na língua portuguesa, que significa viajar pela água com embarcação, que passou a ser um termo usado tanto na aeronáutica quanto na informática.

Figura 2-Terminologização da linguagem comum para o universo terminológico



Fonte: Barbosa (1998, p. 33)

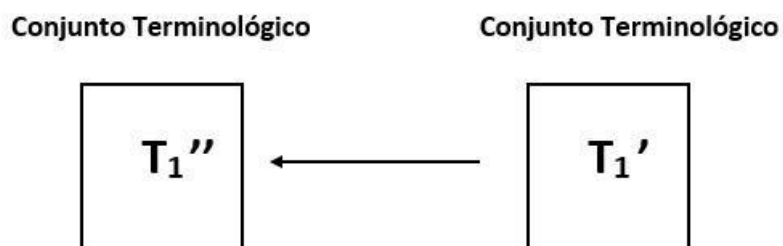
Para Andrade (1998), nesse processo em que um vocábulo da linguagem comum passa a integrar uma linguagem de especialidade, a especificação do significado determina a redução dos semas de maneira que o vocábulo passa a apresentar uma única

significação. Nesse contexto, o vocábulo passa a denominar um conceito correspondente, em uma relação monorreferencial.

Conforme mencionado, há também a terminologização em que um termo é emprestado de outra área, podendo combinar com elementos da própria área. Barbosa (1998) menciona o termo metabolismo e patologia, em língua portuguesa, que se referem a um fenômeno da fisiologia humana e que passam a ser usados, por exemplo, em metabolismo urbano, metabolismo industrial e patologia urbana etc.

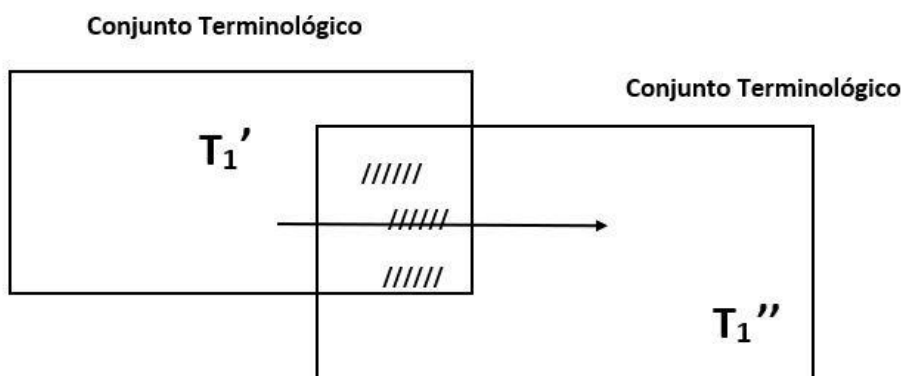
Esse processo pode envolver tanto a manutenção de um núcleo sêmico comum aos termos das diferentes áreas, com a manutenção de alguns traços semânticos, quanto a perda de traços semânticos, em que há o uso da forma, mas sem preservação de um núcleo sêmico. As Figuras 3 e 4 ilustram esses processos, respectivamente.

Figura 3-Terminologização entre áreas com perda de traços semânticos



Fonte: Barbosa (1998, p. 35)

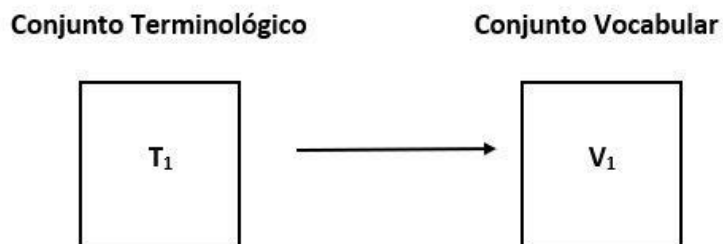
Figura 4- Terminologização entre áreas com manutenção de traços semânticos



Fonte: Barbosa (1998, p. 34)

No dinamismo da linguagem, há também a migração de um termo de uma linguagem de especialidade para a linguagem comum. De acordo com Barbosa (1998), esse processo pode ser chamado de banalização, vulgarização ou popularização. A Figura 5 ilustra esse processo.

Figura 5- Transformação de termo em vocábulo comum



Fonte: Barbosa (1998, p. 32)

A autora ressalta ainda que uma unidade lexical não é termo ou vocábulo em si, mas está em função de termo ou de vocábulo. Isso significa que esse estatuto é estabelecido no discurso. Da mesma forma, há termos/vocábulos que se situam em uma interface entre discurso científico e discurso da linguagem comum e, assim, há um continuum entre cientificidade e linguagem geral.

Segundo Andrade (1998), os limites entre a linguagem comum e as linguagens de especialidade são tênues e nada impede que uma forma linguística faça parte de ambas. Para a autora, a linguagem geral abrange o conjunto de todas as variedades de linguagem, abrangendo a linguagem não marcada ou linguagem comum e a linguagem marcada ou linguagem de especialidade. Entre elas, há características que as aproximam e características que as distanciam.

A designação é uma das principais diferenças fundamentais entre vocábulos da linguagem comum e das linguagens especializadas. Os termos se referem à linguagem de especialidade e essa designação significa que a forma linguística se refere a um só conceito.

Para Andrade (1998), os pressupostos teóricos implícitos nessas definições devem ser considerados para a elaboração de vocábulos técnico-científicos. Como exemplo, a autora cita o Encontro da Federação Internacional de Associações de Anatomistas, realizado na cidade de São Paulo, em agosto de 1997, que contou com 21 cientistas representantes de 18 países de todos os continentes.

O objetivo do encontro foi rever cerca de mil nomes das partes do corpo humano e oficializar outros cinco mil, que já existiam e eram usados, de maneira não oficial ou não obrigatória, pelo menos desde 1955. Havia cerca de dez mil nomes, reduzidos para seis mil. Foram elaboradas duas listas, em inglês e em latim; podendo cada país traduzir para a sua língua os nomes adotados, porém, nas comunicações científicas, esses nomes só poderão constar em inglês ou em latim. (ANDRADE, 1998, p. 15).

Nesse evento, o critério utilizado para a normalização da terminologia foi o de encontrar novos nomes que descrevessem o máximo possível a anatomia e as funções das partes do corpo humano. Além desse valor descritivo, os novos termos deveriam privilegiar a semelhança com figuras geométricas e evitar o emprego de nomes de cientistas. Assim, buscaram denominações que correspondessem, o máximo possível, a forma e as funções das partes do corpo humano. Segundo Andrade (1998), isso significa que foi adotado um critério onomasiológico inerente à denominação do termo. Esse evento evidencia a função da terminologia de codificar um conceito (pré-existente), já que seu objetivo é nomear um fato, uma noção ou um conceito.

Como exemplo de termos normatizados no evento, a autora cita o termo “mandíbula”, que significa “aquilo que morde”; “escápula”, porque esse osso tem a forma de enxada; “patela”, porque esse osso tem a forma de disco achatado; “fibula”, que é o nome do alfinete que prendia as pontas de uma toga romana e esse osso tem essa forma. As figuras 6, 7, 8 e 9 a seguir ilustram esses ossos.

Figura 6 - Mandíbula



Fonte: Kenhub, 2022

Figura 7 - Escápula



Escápula
"semelhante a uma enxada"

Fonte: Souenfermagem, 2022

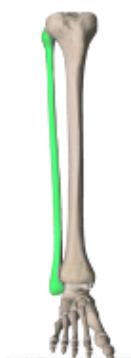
Figura 8 - Patela



Patela
"Disco redondo e achatado"

Fonte: Kenhub, 2022

Figura 9 - Fíbula



Fíbula
"nome do alfinete usado
para prender pontas de
togas romanas"

Fonte: Anatomifysiologi, 2022

De acordo com Fausltish (2018), a ampliação lexical se dá a cada momento, mediante a constante inovação tecnológica, que constitui, de fato, linguagens de especialidade e que precisam ser reconhecidas e entendidas para serem usadas.

De maneira geral, segundo a autora, as linguagens de especialidade chegam ao português pela via da língua criadora, quase sempre o inglês, entendido como berço dessas criações. Por outro lado, para que as linguagens de especialidade e as inovações sejam compreendidas pelos surdos e surdocegos, considerando o contexto brasileiro, normalmente as linguagens de especialidade surgem a partir do português. Há aí um jogo

de conceituação, tradução, compreensão e interpretação para que seja atingido o alvo da aprendizagem.

Considerando os termos enquanto unidades lexicais que se referem ao conhecimento especializado e que são criados para satisfazer a nomeação do ‘estado de coisas’ de áreas específicas do saber, o sinal-termo também estabelece uma relação conceitual entre conteúdos semânticos de linguagens especializadas nas áreas específicas do conhecimento, mas é exclusivo das línguas de sinais (FAULSTICH, 2018). De acordo com Faulstich (2018, p. 28-29),

Com esse entendimento, criamos a expressão *sinal-termo* para, nas áreas específicas do conhecimento, estabelecer uma relação conceitual entre conteúdos semânticos de linguagens especializadas. Desse modo, *sinal-termo* é entendido como termo exclusivo de línguas de sinais para representar, em discurso especializado, conceitos com características próprias de classe de objetos, de relações de significado ou de entidades que recebem denominações fora da linguagem comum. (p. 28-29).

Normalmente, o sinal-termo ou é adaptado de conceitos da área das ciências ou de áreas da tecnologia, pelas vias do português ou de uma língua estrangeira, para preencher lacunas lexicais nas línguas de sinais. Uma das vantagens do sinal-termo é a precisão conceitual, que diminui a ambiguidade de sinais e a homonímia entre sinais. (p. 29).

Nessa perspectiva, Faulstich (2018) explica que a criação de um sinal-termo não se faz de modo aleatório, mas fundamentada na organização linguística das línguas de sinais para que as linguagens usadas pelos sinalizantes reflitam a constituição estrutural das línguas relacionadas em repertórios terminológicos que pretendem informar referência, conceito e uso.

Sobre esse assunto, Faria-Nascimento (no prelo) pontua que os sinais-termo em Libras vão sendo criados, naturalmente, nos ambientes em que conceitos especializados emergem para um determinado grupo de sinalizantes, que passa a dominar conceitos e terminologias em áreas do conhecimento antes desconhecidas, principalmente após o acesso dos surdos ao ensino superior.

De acordo com a autora, a Libras pode e deve se equipar a partir de um planejamento de expansão terminológica e registro em repertórios terminográficos, como acontece com qualquer outra língua que possui lacunas terminológicas. É esperada a emergência de neologismos terminológicos nas mais distintas áreas do conhecimento. Os contextos naturais de interação acadêmica e social entre os indivíduos, que demandam interação em linguagem específica, favorecem isso. Mas, na pressa de se estabelecer

equivalentes da língua portuguesa na língua brasileira de sinais, em contato linguístico, podem surgir propostas inconsistentes.

Faria-Nascimento (no prelo) ressalta que há uma demanda por formalizar, sistematizar e aplicar uma linguagem de uma área específica de conhecimento, o que provoca a criação de terminologia em laboratório (planejamento *in vitro*), em grupos de pesquisa. Nas palavras da autora,

O viés *in vitro* demanda um debate atento e exige cautela, pois não se trata simplesmente de um grupo x ou y criar uma lista de termos para auxiliar o ensino, bastando-se, para isso, agendar um encontro com alguns sinalizantes de língua de sinais, voluntários, que irão propor sinais que possam vir a ser empregados como equivalentes a cada item de uma lista de termos previamente definida. Não! De forma alguma! Contextos de pesquisa *in vitro* demandam ações responsáveis. Trata-se de fazer ciência. Pesquisas “com” e “sobre” a LSB precisam ser desenvolvidas por grupos de estudo e pesquisa que se propõem a análise de terminologia *in vitro*. Esses grupos devem ser compostos por lexicólogos e terminólogos, surdos e não surdos proficientes em LSB. (Faria-Nascimento, no prelo, p. 7).

Ainda de acordo com a autora, esses grupos precisam buscar sinais-termo preexistentes; refletir a partir de contextos autênticos para viabilizar discussões que focam em conceitos e definições a partir dos quais propostas de sinais-termo podem emergir; e contar com a presença de consultores, especialistas na área do conhecimento em debate, para que possam discutir, afirmar, confirmar ou refutar associações e proposições defendidas no processo de geração de um sinal-termo (FARIA-NASCIMENTO, no prelo). Em sala de aula, por exemplo, há os contextos e as demandas naturais a partir da interação entre os interessados e o ambiente em que circula a linguagem de especialidade, mas,

[...] nem sempre, os estudantes têm a maturidade linguística necessária para materializar linguisticamente uma forma objetiva, visualmente perceptível, semanticamente compatível e morfologicamente construída para propor uma Unidade Terminológica Sinalizada – UTS que atenda às regularidades e aos critérios linguísticos cabíveis e permitidos em LSB, a partir da “abstração conceitual” e objetiva da percepção conceitual do termo. (FARIA-NASCIMENTO, no prelo, p. 10).

A criação de sinais-termo também deve partir de uma abordagem onomasiológica, que consiste em destacar um conceito e procurar a forma ou formas possíveis para designá-lo em língua de sinais. E, entre as formas possíveis de representação de um sinal-termo, haverá algumas mais icônicas e mais representativas do conceito. Nesse sentido,

é necessário que os sinalizantes tenham a consciência do conceito inerente a cada sinal-termo (FARIA-NASCIMENTO, no prelo).

Assim, para se criar um sinal-termo é preciso ter conhecimento linguístico do fundo lexical, das regras de construção léxico-terminológica, do conceito inerente ao sinal-termo em construção, assim como do conhecimento cultural e intercultural imbricado na língua. (FARIA-NASCIMENTO, no prelo, p. 13). Acrescenta-se que todo conceito, por mais abstrato que seja, tem potencial semântico e visual transponível para gerar uma construção lexical ou terminológica em uma língua de sinais, o que significa dizer que é possível extrair uma representação mental e visual para qualquer conceito abstrato, com base no fundo lexical inerente ao léxico mental dos falantes das línguas de sinais. (FARIA-NASCIMENTO, no prelo, p. 13).

Mais uma vez, é importante que uma proposta de criação de um sinal-termo se baseie em conceitos e em contextos reais que demandam linguagens de especialidades. A fim de fundamentar as reflexões sobre o assunto, na próxima seção apresentamos alguns processos de criação de sinais-termo.

3.2 Estratégias de criação de sinais-termo

Em relação à demanda por ampliação lexical na Libras, podemos mencionar a necessidade de criação de sinais-termo para atender a áreas específicas de conhecimento, seja por empréstimo linguístico, seja por processos internos de formação de sinais da própria língua. Nesta seção, mencionamos (1) os empréstimos linguísticos a partir da língua portuguesa, (2) empréstimos de outras línguas de sinais, (3) os morfemas-base, (4) a codificação visual de conceitos e (5) metáfora e metonímia.

3.2.1 Empréstimo do português para a Libras

De acordo com Faria-Nascimento (no prelo), na ausência de um sinal-termo em na língua brasileira de sinais, é comum os sinalizantes fazerem a datilologia do sinal e, ainda, costumam combinar um sinal provisório com o público inserido no contexto que demanda uma linguagem de especialidade. Nesta seção, apresentamos o processo de empréstimo da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais.

A língua de sinais brasileira e a língua portuguesa coexistem em um mesmo território e, por serem línguas em contato, é esperado que haja empréstimos linguísticos

principalmente da língua majoritária para a língua minoritária. Para Faria-Nascimento (2009), os empréstimos da língua portuguesa para a língua de sinais brasileira podem ser categorizados em empréstimos por (1) transliteração, que pode ser do tipo (2) pragmática ou (3) lexicalizada, (4) transliteração da letra inicial, (5) ‘configuração’ visual dos lábios, (6) semânticos, (7) estereotipados e (8) cruzados. A Figura 10, a seguir, ilustra essas categorias.

Figura 10- Tipos de empréstimos da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 70)

De acordo com a autora, o empréstimo por (1) transliteração se refere à representação de palavras ou parte de palavras de línguas orais por meio de configurações de mão equivalentes à representação de letras do alfabeto de dada língua oral, em um ponto de articulação específico no espaço de sinalização, no qual todas as letras são articuladas. A partir do alfabeto manual, constituído de configurações de mão que representam as letras do alfabeto da língua portuguesa, é possível fazer referência a nomes desta a partir de uma datilologia (ou transliteração) que corresponde a uma representação manual da ortografia em português escrito.

O empréstimo por transliteração pode ser do tipo (2) pragmático ou do tipo (3) lexicalizado. No primeiro caso, os empréstimos são provisórios pois apenas preenchem uma lacuna lexical e terminológica em determinado momento através da representação visual da ortografia de uma palavra em uma língua oral. No segundo caso, os empréstimos são mais estáveis e podem (ou não) se tornar parte do sistema de uma língua de sinais a partir de um processo de lexicalização, mesmo ainda ancorada na datilologia podendo, por exemplo, a datilologia de palavras inteiras ser lexicalizada.

O empréstimo por (4) transliteração da letra inicial refere-se aos sinais que utilizam uma configuração de mão que corresponde, no alfabeto manual, à primeira letra

da palavra equivalente em uma língua oral. Aparentemente, refere-se ao uso exclusivo da letra inicial de uma palavra em língua oral como motivação para a construção de uma unidade lexical na Libras. Na literatura, esses sinais são conhecidos como sinais inicializados. Esses sinais acabam sendo considerados híbridos, havendo componentes que remetem à língua estrangeira e componentes da língua importadora. Neste caso, a configuração de mão remete a uma letra da palavra equivalente em uma língua oral, acrescido dos processos de construção que obedecem às regras da língua de sinais.

O empréstimo da (5) configuração visual dos lábios diz respeito à pista visual de uma dada unidade fonológica articulada pelos falantes de línguas orais simultaneamente à articulação do referente equivalente em Libras. Na literatura, essa articulação da boca também é conhecida por *mouthing*, que são ações bucais provenientes de línguas orais como uma maneira de simular a articulação oral de uma palavra (MOHR, 2014).

O (6) empréstimo semântico, descrito pela autora, é uma tradução literal do termo em uma língua oral para a língua de sinais e, em geral, é conhecido como calque. O (7) empréstimo estereotipado refere-se àqueles termos que se estabelecem na Libras a partir da cópia do formato de um objeto ou de um símbolo gráfico convencionalizado. Esta categoria envolve formas geométricas, símbolos matemáticos e sinais de pontuação. A articulação desses empréstimos ocorre a partir do esboço desses símbolos no espaço de sinalização, representando uma imagem visual do referente. Por último.

O (8) empréstimo cruzado também é uma tradução literal de uma palavra em uma língua oral para a língua de sinais, a partir da semelhança visual entre palavras homógrafas ou parônimas da língua portuguesa.

Apesar de empréstimos linguísticos serem comuns e esperados no contato entre línguas, há um incômodo, em alguma medida, da comunidade surda nos empréstimos da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais.

De acordo com Calvet (2007), existem milhares de línguas que permitem aos seus falantes comunicar-se de maneira satisfatória em seu ambiente social tradicional, mas que são incapazes de assegurar uma comunicação científica. Uma política linguística também pode decidir equipar determinada língua para utilizá-la em determinada área de conhecimento e agir em detrimento aos empréstimos linguísticos. Nesse processo, a descrição das línguas e a análise dos processos de criação lexical são fundamentais.

Por isso, é preciso também pensarmos em direito linguístico além de uma visão tradicionalista. De acordo com Tuxi e Felten (2019), para garantir esse direito, é preciso desfazer a barreira ideológica que supõe que todo o universo linguístico de áreas

especializadas se resume a uma simples prática de tradução do português para a língua de sinais. De acordo com Faulstich (2013),

[a] exposição ao contato Língua brasileira de sinais – Língua Portuguesa e vice-versa promove facilmente a datilologia no uso especializado. Embora reconheçamos que essa forma de sinalizar em Português as palavras que ainda não fazem parte do vocabulário especializado da Libras tenha valor funcional, motivamos o pensamento cognitivo que venha a promover conceitos e novos termos, em conformidade com a natureza motora, visual e espacial que o signo linguístico requer, a fim de distinguir a modalidade oral e auditiva de uma língua em relação à outra, que pratica movimento com as mãos, desenvolve função perceptiva e tem lugares definidos de ordem, de ritmo e de frequência. (p. 80).

Mais uma vez, isso nos leva a atentarmos para os processos de formação de sinais inerentes à língua brasileira de sinais, que serão apresentadas mais adiante. Antes disso, mencionamos o empréstimo de outras línguas de sinais para a Libras.

3.2.2 Empréstimo de outras línguas de sinais para a Libras

De acordo com Faria-Nascimento (no prelo), antes de qualquer tipo de criação de sinais-termo, é imprescindível pesquisar se há registros de sinais equivalentes em algum repertório lexicográfico ou terminográfico na língua brasileira de sinais ou em uma língua de sinais estrangeira¹⁹.

Nesse sentido, a Libras também importa sinais de outras línguas de sinais a fim de atender à demanda de áreas especializadas por sinais-termo. Os sinais-termo na área de linguística podem ser exemplificados pelos empréstimos linguísticos principalmente da língua majoritária (ASL) para a língua minoritária (Libras) e o uso de empréstimo para suprir essa demanda nesta área de conhecimento envolvendo o curso de Letras Libras.

Sobre isso, Machado e Quadros (2020) apresentam um estudo descritivo sobre empréstimos linguísticos de diferentes línguas de sinais para a Libras em videoaulas de disciplinas do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ofertado de 2006 a 2010. A partir de uma comparação entre os sinais encontrados nas videoaulas com sinais extraídos de dicionários online de outras línguas de sinais, e de entrevistas com tradutores que produziram materiais didáticos das disciplinas (vídeos) e com sinalizantes estrangeiros, os autores sugerem quais sinais-termo seriam empréstimos

¹⁹As línguas de sinais são diferentes e não existe uma língua de sinais universal, assim como as línguas faladas são diferentes.

de outras línguas de sinais. Os dicionários consultados foram da língua de sinais internacional (IntSL²⁰), língua de sinais francesa (LSF) e da língua de sinais americana (ASL), por entenderem que essa seria a provável fonte de empréstimo. Em relação às entrevistas, 8 sinalizantes brasileiros e 6 surdos estrangeiros (dois estadunidenses sinalizantes da ASL, dois franceses sinalizantes da LSF, 1 argentino e 1 belga sinalizante de IntSL) foram entrevistados.

De acordo com os autores, os sinais LÍNGUA, LINGUÍSTICA e FONOLOGIA seriam sinais oriundos da língua de sinais americana e que fazem parte do léxico da Libras enquanto sinais-termo, especificamente na área de conhecimento envolvendo a linguística. Os sinais mencionados são ilustrados nas Figuras 11, 12 e 13 a seguir.

Figura 11 - Sinal-termo de LÍNGUA (da ASL para Libras)



Fonte: Machado e Quadros (2020, p. 188)

Figura 12 - Sinal-termo de LINGUÍSTICA (da ASL para Libras)



Fonte: Machado e Quadros (2020, p. 188)

²⁰[...] é uma espécie de língua de sinais internacional, muitas vezes usada pelos surdos em conferências, esportes, reuniões, na associação de surdos, na mídia e em diversos outros contextos, seja eles regional, nacional e internacional, ou em situações informais sendo utilizada, por exemplo, em reuniões internacionais de surdos. (PINHEIRO, 2020, p.23) A doutora Kátia Pinheiro foi minha avaliadora na banca e me informou sobre uma nova publicação que traz a sigla IntSL para língua de sinais internacional, international sign language, (autores Quadros e Rathmann, no prelo).

Figura 13 – Sinal-termo de FONOLOGIA (da ASL para Libras)



Fonte: Machado e Quadros (2020, p. 188)

Conforme mencionado, a demanda para o surgimento de unidades lexicais em língua de sinais em áreas especializadas pode gerar empréstimo linguístico de outras línguas de sinais para a Libras, os autores identificavam os itens lexicais nas outras línguas em contato na fase de adoção e categorizaram em: (1) estrangeirismo como um termo que não perde a forma original, ou seja, o termo não integra a língua e se refere alternância de sinais que pode acontecer com ou sem a intenção do sinalizante, (2) empréstimos que são aceitos na língua importadora e sofrem adaptação para serem incorporados e (3) instâncias de xenismo que designa o sinal cuja forma permanece a mesma da língua original, conforme descrito por Machado e Quadros (2020) em relação à área de linguística demandada pelo curso de Letras Libras.

Um outro exemplo de empréstimos são alguns itens lexicais do contexto bíblico que circulam nas atividades de pregação, tradução e interpretação vinculadas às igrejas evangélicas. Há empréstimo linguístico na Libras que são provenientes da língua de sinais israelense.

A Bíblia Sagrada foi originalmente compilada em latim, hebraico e grego e cita personagens, lugares, e acontecimentos que envolvem a região do Oriente Médio (Eurásia) e do norte da África. Por isso, no que se refere à circulação desse conhecimento em língua brasileira de sinais, a língua de sinais israelense (LSI²¹) é considerada por pastores e missionários surdos do Brasil, por ser o povo de Israel a origem da Bíblia. Exemplos de empréstimo seriam os sinais de LÍBANO, MONTE SIÃO e TARSO.

²¹A língua de sinais israelense utilizada pela comunidade surda de Israel é chamada LSI, também como ISL (Israeli Sign Language) disponível em: <https://artigos.wiki/blog/en/Israeli_Sign_Language>. Acesso em: 18/03/2022. Assim como outra língua de sinais internacional (IntSL) utilizada pela comunidade surda do mundo.

Figura 14 – Sinal-termo de LÍBANO em LSI (Israel) para Libras



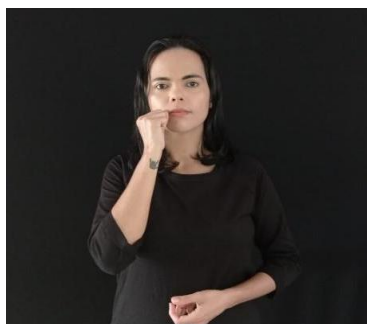
Fonte: Manuário Sinais Bíblicos (MSB) Imagem disponível em:
<<https://youtu.be/kYQXEysC7J8>>. Acesso em: 27 de abril de 2021

Figura 15 - Sinal-termo de MONTE SIÃO em LSI (Israel) para Libras



Fonte: Manuário Sinais Bíblicos (MSB) Imagem disponível em:
<<https://youtu.be/9Xb9kusEjt0>>. Acesso em: 27 de abril de 2021

Figura 16 - Sinal-termo de TARSO em LSI (Israel) para Libras



Fonte: Manuário Sinais Bíblicos (MSB) Imagem disponível em
<https://youtu.be/ovJ_2GzJnnc>. Acesso em 27 de abril de 2021

Nessa seção, apresentamos alguns empréstimos de sinais-termo de outras línguas de sinais para a Libras. Na próxima seção, apresentamos processos de formação de sinais-

termo como parte do sistema de criação de unidades terminológicas sinalizadas da língua brasileira de sinais.

3.2.3 Morfema base

Os sinais-termo também são criados a partir de processos internos de formação de palavras na Libras. De acordo com Faria-Nascimento (2013), uma unidade lexical sinalizada pode se tornar um morfema-base para a derivação de novas unidades lexicais sinalizadas de mesmo campo semântico. Esse mecanismo morfológico é bastante produtivo na expansão terminológica em Libras. Nas palavras da autora,

No estudo das unidades morfológicas construcionais da Libras também são encontrados morfemas livres, independentes constituído de unidade lexical sinalizada já construída na língua, as quais podemos considerar como unidades primeiras/primitivas, que servirão de base ou complemento para a construção de novas unidades; e morfemas presos, dependentes, os quais nunca aparecem sozinhos, ligam-se a pelo menos um outro morfema para construir uma unidade livre, isto é, são unidades dependentes de outras para se constituírem unidades lexicais independentes. (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p. 83).

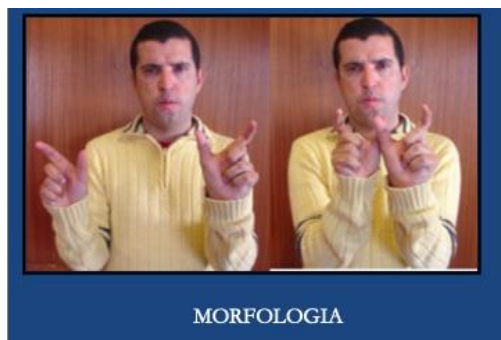
Um exemplo apresentado pela autora é o sinal de PALAVRA que passa a ser considerado um morfema-base quando é ligado a um sufixo. Esse processo permite a derivação de uma série de unidades terminológicas sinalizadas, tais como os sinais de MORFOLOGIA, COMPOSIÇÃO e DERIVAÇÃO (alguns sinais foram atualizados. Hoje, por exemplo, sinal de DERIVAÇÃO tomou-se sinal de morfema e os sinais de derivação e flexão são outros sinais). Esses sinais são ilustrados nas Figuras 17, 18, 19, 20 e 21 a seguir.

Figura 17 - Sinal-termo de PALAVRA



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 270)

Figura 18 - Sinal-termo de MORFOLOGIA



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 274).

Figura 19 - Sinal-termo de COMPOSIÇÃO



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 274)

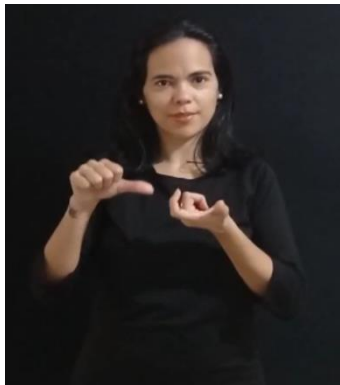
Figura 20 - Sinal-termo de DERIVAÇÃO



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 273)

O sinal de DERIVAÇÃO tomou-se o sinal de morfema e criou-se um novo sinal para derivação.

Figura 21 - Sinal-termo de DERIVAÇÃO (atualmente)



Fonte: dados da pesquisa (2022) Imagem disponível em <<https://youtu.be/t9PYQkJF4fY>>. Acesso em 04 de abril de 2022

Os sinais-termo apresentados apresentam uma forma morfológica que carrega uma definição que faz parte dessa área de especialidade e que é oriunda do morfema-base PALAVRA. Nesse sentido, os parâmetros passam a ser considerados como unidades fonomorfológicas. Além do traço distintivo, o parâmetro traz em si um significado que é acrescido à unidade lexical à qual adiciona (FARIA-NASCIMENTO, 2013).

3.2.4 Codificação visual de conceitos

A criação de sinais-termo envolve o processo de destacar os conceitos mobilizados pelo referente e estudar de que maneira a estrutura desses sinais pode remetê-los visualmente (COSTA, 2021; FARIA-NASCIMENTO, no prelo).

De acordo com Costa (2021), na criação de uma unidade terminológica sinalizada, é importante que se tome como base o conceito mobilizado pela linguagem de especialidade. É oportuno que a nova forma represente visualmente os conceitos. Assim, é preciso pensar a língua de sinais de maneira visual que, neste caso, também envolve a mobilização de referentes, conceitos e pensamentos abstratos.

Na descrição de unidades terminológicas sinalizadas, o autor percebe que, no processo de formação de sinais-termo, “a base se repete como um recurso visual e produtivo para a expansão terminológica, pois carrega uma informação conceitual na sua constituição” (COSTA, 2021, p. 45). Nesse processo produtivo, percebe-se visualmente,

o aspecto semântico presente na progressão de sinais hipônimos, que estão relacionados a outros conceitos gerais, construídos como hiperônimos.

Um exemplo apresentado por Costa (2021), que ilustra o conceito visualmente representado e que serve de base para a criação de outros sinais-termo, é o sinal CORDÃO UMBILICAL, derivado do sinal EMBRIÃO. A Figura 22 ilustra esses sinais.

Figura 22 - Sinais-termo EMBRIÃO e CORDÃO UMBILICAL



Fonte: Costa (2021, p. 48)

Esse processo de codificação pode ser categorizado como verbos descritivos, na proposta de Liddell (2003), que se refere à descrição de formas visualmente percebidas, mesmo as noções mais abstratas.

3.2.5 Metáfora e metonímia

Nunes e Bernardo (2018) analisam sinais religiosos e verificam como traços de determinada crença contribuem para a produção de sinais na língua brasileira de sinais, a partir de processos metafóricos e metonímicos.

As autoras analisam 14 sinais que pertencem à categoria nome a partir da consulta ao episódio “Religião” do programa “A vida em Libras” da TV INES. Sobre os processos metafóricos e metonímicos, Nunes e Bernardo (2018) se baseiam na linguística cognitiva e consideram que conceitos abstratos são geralmente metafóricos, pois noções abstratas são compreendidas a partir de conceitos concretos, em que um domínio fonte/origem é projetado em um domínio alvo. Na metonímia, há um fenômeno conceptual em que uma entidade substitui outra, numa relação em que tais entidades pertencem a um mesmo domínio. “Em outras palavras, a metáfora trabalha com uma projeção entre dois domínios, enquanto a metonímia estabelece relações no interior de um único domínio” (p. 116).

Ainda de acordo com as autoras, esses processos funcionam como gatilhos que acessam o domínio de uma religião específica, que pode acontecer, por exemplo, por meio

da sinalização de um ritual ou adorno religioso. Nesses sinais, a distância entre o polo fonológico e o polo semântico é reduzida, pois o polo fonológico remete ao polo semântico por meio de metonímias e/ou de metáforas.

O sinal de DEUS, por exemplo, ilustrado na Figura 23, é um sinal simples e há um processo metafórico. O sinal apresenta a metáfora de que Deus está acima. Na análise das autoras, a ação de apontar para cima está atrelada à metáfora conceptual de que bom é para cima e que o ser divino está associado a algo bom. O uso da Configuração de Mão em “D”, também se configura como empréstimo linguístico da palavra ‘Deus’ em língua portuguesa.

Figura 23 - Sinal-termo de DEUS (processo metafórico)



Fonte: Nunes e Bernardo (2018, p. 117)

O sinal de UMBANDA, ainda de acordo com as autoras, é um processo metonímico. Esse sinal é produzido apontando para o Ojá, que é um tipo de turbante usado na cabeça em algumas religiões tradicionais africanas. Dessa forma, neste sinal há a metonímia de Ojá para umbanda, ilustrado na Figura 24.

Figura 24 - Sinal-termo UMBANDA (processo metonímico)



Fonte: Nunes e Bernardo (2018, p. 117).

A partir do corpus analisado, as autoras identificam que as principais metáforas identificadas foram “bom é para cima”, “religião é de dentro para fora” e “religião é coração”. Em relação às metonímicas, identificaram os processos “objeto por religião”, “líder religioso por religião”, “país por religião” e “letra inicial por religião”.

Nos domínios acessados para a produção de sinais religiosos, Nunes e Bernardo (2018) observam que tais sinais podem ser motivados por uma prática ou acessório de uma determinada religião, pelo empréstimo linguístico da palavra em língua portuguesa ou pelo país de origem de uma religião específica.

Nesta seção, apresentamos os empréstimos linguísticos a partir da língua portuguesa e de outras línguas de sinais, morfemas-base, codificação visual de conceitos, a partir de verbos descritivos, e metáfora e metonímia como processos de criação de sinais-termo na língua brasileira de sinais. Na próxima seção, apresentaremos reflexões sobre padronização e disseminação de novos sinais-termo.

3.3 Disseminação e padronização de sinais-termo

De acordo com Calvet (2007), o planejamento linguístico, mais especificamente o planejamento de corpus, envolve determinar as necessidades da língua, repertoriar o vocabulário existente, avaliá-lo e, eventualmente, melhorá-lo, para depois divulgá-lo por meio de dicionários terminológicos, bancos de dados etc.

Nesse processo, surgem novos termos e, de alguma forma, é preciso que eles sejam utilizados pelos falantes/sinalizantes. Mas, pode acontecer de os novos termos não serem utilizados, seja porque o novo termo não agrada, seja porque há outros termos já em uso, oriundos de uma neologia espontânea ou de empréstimos linguísticos.

De acordo com Faria-Nascimento (no prelo), quem decide que sinal ocupará efetivamente uma lacuna linguístico-terminológica é o uso que a comunidade linguística faz do sinal. Nesse sentido, “a validação em língua de sinais, seja de um sinal do léxico comum, seja de um sinal-termo, dá-se somente pela comunidade sinalizante” (p. 17). É o uso que determinará a padronização. Segundo a autora,

Algumas formas são valorizadas em detrimento de outras, fadadas ao esquecimento; algumas são adaptadas e outras se transformam. Sempre, porém, essas formas são regidas pela dinâmica interacional dos falantes/sinalizantes,

que moldam a língua, na medida em que a monitoram; ora sob restrições gramaticais, estéticas, modais, conceituais; ora sob o acolhimento e a acomodação linguística; ora simplesmente pela repulsa espontânea a algumas construções. (FARIA-NASCIMENTO, no prelo, p. 2).

Sobre a criação de sinais-termo por meio de grupo de pesquisa, a fim de formalizar, sistematizar e aplicar uma linguagem de especialidade, a partir de uma demanda emergente, Faria-Nascimento (no prelo) apresenta alguns princípios para um processo de criação responsável e consistente: (1) seleção terminológica apurada de termos na(s) área(s) do conhecimento em debate; (2) contextualização conceitual dos termos; (3) sondagem de conceitos, com a participação de especialistas da área para esclarecer, delimitar, refinar e apropriar melhor conceitos em discussão; (4) análise crítica e reanálise de propostas de sinais-termo que representem os conceitos em discussão; (5) testagem do sinal-termo proposto em frases que exemplificam o uso desses sinais no âmbito da área envolvida; (6) validação acadêmica coletiva de sinais-termo pelos sinalizantes nativos e (7) sistematização dos registros que irão contribuir para a pulverização e disseminação dos sinais propostos.

Nestes grupos, a validação acadêmica busca atestar a qualidade da estrutura linguística de uma proposta terminológica, em que se discute a proposta com surdos fluentes em Libras, que participaram de contextos produzidos para a discussão linguística. A validação, de fato, acontece em outro momento, por meio da percepção intuitiva dos sinalizantes e da apropriação que farão do conceito que o sinal-termo se propõe a remeter. No contexto de uso, os sinalizantes poderão testar o sinal-termo sugerido, ainda que esse processo não seja consciente e, conseqüentemente, pode haver uma aceitação coletiva (FARIA-NASCIMENTO, no prelo).

A validação do povo surdo sinalizante, contudo, pode ocorrer de diversas formas. Como mencionado, essa última, não corresponde a uma “votação”. Um sinal-termo passa por uma validação do povo sinalizante, sempre que um sinalizante contesta o uso de determinado sinal ou dele se apropria; sempre que um sinalizante cria ou usa um sinal próprio, sempre que opta por outro sinal entre os candidatos a termo. (FARIA-NASCIMENTO, no prelo, p. 17).

Nesse sentido, Faria-Nascimento ressalta ainda que um sinal-termo, mesmo com validação acadêmica poderá (ou não) ser incorporado à língua de sinais, ser modificado, ou ainda, ser refutado. Por isso, “somente a partir do uso que a comunidade sinalizante fará desse sinal-termo é que ele será efetivamente validado” (p. 19).

De acordo com Shermer (2012), o registro lexicográfico desempenha um papel importante na padronização de uma língua de sinais. Quando as pesquisas em língua de sinais começam em um país, geralmente a primeira grande tarefa que se propõe a fazer é a compilação de um dicionário, que sugere autoridade, status e, para a maioria das comunidades surdas, é uma importante publicação histórica. Um dicionário sobre determinada língua de sinais é um instrumento poderoso para o avanço da educação bilíngue, bem como no exercício pleno dos direitos constitucionais dos surdos.

Embora a principal intenção da maioria dos lexicógrafos de línguas de sinais seja documentar e descrever o léxico de uma língua, suas escolhas nesse processo determinam quais variedades são incluídas e quais não. Nesse sentido, inevitavelmente, muitos lexicógrafos de línguas de sinais produzem uma obra padronizando a língua de sinais ou, pelo menos, (não intencionalmente), nomeiam uma variante como a preferida. E mesmo que não seja essa a intenção do lexicógrafo, o público em geral, principalmente os ouvintes, muitas vezes interpretam as informações no dicionário como prescritivo e não descritivo (SHERMER, 2012).

Em relação aos sinais-termo e suas variantes, Faria-Nascimento (no prelo) menciona que os grupos de pesquisa que tratam de neologismos terminológicos tomam decisões que podem impactar no processo de padronização desses sinais. As ações desses grupos de pesquisa perpassam por (1) seleção de formas já existentes, (2) criação de uma forma nova a partir das formas existentes, (3) descrição precisa das variedades dialetais, (4) análise do registro de cada forma e, conseqüentemente, (5) seleção natural pelos sinalizantes.

Shermer (2012) estabelece que as ações planejadas de disseminação de novas formas lexicais e, conseqüentemente, com impacto na padronização, são denominadas pelo autor de planejamento de aquisição. Segundo o autor, o planejamento da aquisição é crucial para o desenvolvimento e consolidação das línguas de sinais.

O autor menciona que atividades como oficinas, seminários, eventos, banco de dados, dicionários, glossários, interpretação em canais de televisão e outras ações que contemplem novas unidades lexicais, considerando novas unidades terminológicas sinalizadas, são ações de planejamento de aquisição. Shermer (2012) destaca que banco de dados, dicionários e glossários online são ferramentas importantes no desenvolvimento e na dispersão de novos sinais.

Por fim, antes de qualquer apologia à criação de sinais-termo que pretenda a prescrição, segundo Faria-Nascimento, “uma proposta terminológica adequada acelera e

viabiliza um processo que terá necessariamente de ocorrer para que os sinalizantes tenham a oportunidade de se apropriarem de temas nas diferentes áreas do conhecimento, em sua primeira língua” (p. 22).

Neste capítulo apresentamos conceitos e princípios da terminologia, processos de criação de sinais-termo e as ações que favorecem a disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas. No próximo capítulo, apresentamos sobre as políticas de instituições religiosas em relação aos surdos.

4 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E LÍNGUAS DE SINAIS NO CONTEXTO RELIGIOSO

“Não amaldiçoe um *surdo*, [...]. Tenha respeito para comigo, o seu Deus. Eu sou o Senhor.” (Bíblia NTLH, Levítico 19:14)

Políticas linguísticas voltadas para os surdos, no contexto de instituições religiosas, favorecem a circulação da Libras nesses espaços e, em alguma medida, favorecem a emergência e circulação de sinais-termo desta área de especialidade.

É oportuno apresentar uma relação entre os agentes religiosos, os surdos e as línguas de sinais, com ênfase no Brasil. A Igreja Católica, a Igreja Protestante/Evangélica, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, as Testemunhas de Jeová, o movimento espírita, o Judaísmo e a Igreja Messiânica Mundial do Brasil são algumas das instituições que desenvolvem atividades com/para surdos. Conforme Assis-Silva (2011),

Desde os anos 1980, determinadas igrejas cristãs – sobretudo Igreja Católica, Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Igreja Batista e Testemunhas de Jeová – tornaram-se locais fundamentais para formulação da surdez como particularidade linguística. Tais instituições desempenharam papel chave nos processos associativos de pessoas surdas, na produção da organização do léxico em sinais em formato de dicionários, no aprendizado de tal língua (tanto por surdos como por ouvintes), na formação de professores e intérpretes de língua de sinais, na constituição de lideranças surdas e de oradores públicos nessa língua. (ASSIS-SILVA, 2011, p. 122-123).

Neste capítulo, apresentamos os conceitos de política e planejamento linguístico, na primeira seção, e a ação de agentes religiosos em relação às línguas de sinais e aos surdos, com ênfase no contexto brasileiro.

4.1 Política e planejamento linguístico e as línguas de sinais

De acordo com Calvet (2007), as políticas linguísticas se referem às decisões sobre as línguas e os seus usos na sociedade e, a partir delas, surgem diretrizes e orientações que serão implementadas a partir de um tipo de planejamento.

As políticas linguísticas estabelecem *o que, o porquê e o como* nas relações entre línguas e sociedade, enquanto o planejamento linguístico remete à implementação dessas decisões na prática, ou seja, à preparação, às ações e aos serviços para que a política sobre as línguas se efetive (SCHERMER, 2012). Apesar da existência dos termos “política linguística” e “planejamento linguístico”, é comum o termo “política linguística” abarcar tanto as decisões sobre as línguas quanto a implementação de ações, ou seja, abranger tanto a política em si quanto o planejamento.

Assim, a partir de decisões, planos de ações são deliberados para que se obtenham determinados resultados. De acordo com Schermer (2012), nesse processo, há a identificação de alternativas, escolhas e ações com base em objetivos almejados, o que envolve mecanismos políticos, gerenciais, financeiros e administrativos. Todos esses procedimentos podem envolver instâncias de governo, de organizações privadas, de grupos e de indivíduos. Isso significa que as políticas linguísticas envolvem leis, crenças e atitudes das pessoas.

O planejamento linguístico envolve (1) planejamento de status, (2) planejamento de corpus, ou ainda, (3) planejamento de aquisição (CALVET, 2007; SCHERMER, 2012).

De acordo com Calvet (2007), o planejamento de status se refere aos esforços para mudar os usos e as funções de uma língua (ou das línguas) nas atividades e relações sociais. Isso significa promover línguas e modificar seu status de dominadas e invisibilizadas para um patamar de reconhecimento, legitimação e uso. Essa esfera de planejamento compreende também as ações de retirar de uma língua o status que ela gozava, ou ainda, de fazer prevalecer um equilíbrio entre as línguas em um contexto de plurilinguismo. As ações de planejamento de status envolvem, por exemplo, o reconhecimento (ou não) de uma língua como oficial.

A mudança de status de uma língua pode implicar ações sobre ela, no sentido de equipá-la para os novos usos e novas funções sociais que passa a assumir. Ou seja, um planejamento de status acarreta um planejamento de corpus. Nesse sentido, o planejamento de corpus se preocupa com a estrutura da língua e, em alguns momentos, atua com intervenções prescritivas na forma da língua. Geralmente, as ações de planejamento de corpus estão relacionadas a questões como introdução de um sistema de

escrita, padronização e reforma ortográfica, produção de gramáticas e de dicionários e modernização lexical.

Para que novas formas sejam disseminadas de maneira a atender às demandas de uso da língua, pode haver um planejamento de aquisição, que inclui ações para promover o ensino e aprendizado das línguas. De alguma forma, o planejamento de aquisição é necessário para mudar o status, equipar e, conseqüentemente, garantir a sobrevivência de uma língua. De acordo com Schermer (2012), no contexto das línguas de sinais, muitas associações de surdos, organizações nacionais de línguas de sinais, universidades e pesquisadores têm contribuído de forma significativa para a disseminação e o desenvolvimento das línguas de sinais.

De acordo com Quadros (2016), as línguas de sinais são naturais e devem ser assim consideradas. A autora considera que há uma tensão entre distintas perspectivas sobre as línguas de sinais em muitos países. Muitas vezes, a legislação atrela essas línguas à educação especial e não ao patrimônio linguístico cultural do país. Por isso, os surdos devem ser autores e atores no planejamento e na implementação das políticas linguísticas, já que as línguas de sinais pertencem aos surdos. Nas palavras da autora,

historicamente, as pessoas surdas não participaram das discussões relativas às políticas e implementação de um planejamento linguístico. A presença de surdos faz diferença nos planos conduzidos e aceitos pela comunidade. As pesquisas sobre o empoderamento das pessoas com surdez e os papéis dos agentes surdos na constituição das políticas são bem-vindas, uma vez que os resultados estarão alinhados às ações e desejos estabelecidos no seio das comunidades de surdos. (QUADROS, 2016, p. 36).

Preconceitos e estereótipos ainda permeiam as línguas de sinais em todo o mundo e, por isso, a importância da participação ativa das pessoas surdas nos processos de tomada de decisão para contrapor, principalmente, à visão clínico-patológica da surdez, o que coloca os surdos como comunidades em risco de tutela de ouvintes.

O reconhecimento das comunidades surdas enquanto comunidades linguísticas de línguas de sinais é contemplado na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (UNESCO, 1996). Para Schermer (2012), esse reconhecimento acontece principalmente a partir do Artigo 3º da Declaração, que considera como direitos individuais inalienáveis (1) ser reconhecido como membro de uma comunidade linguística, (2) uso da língua em privado e em público, (3) uso do próprio nome, (4) relacionar-se e associar-se com outros membros da comunidade linguística de origem e (5) manter e desenvolver a própria cultura. Entre os direitos coletivos dos grupos linguísticos estão (6) ensino da própria

língua e da própria cultura, (7) dispor de serviços culturais, (8) uma presença equitativa da língua e da cultura do grupo nos meios de comunicação, (9) ser atendido na sua língua nos organismos oficiais e nas relações socioeconômicas. Esses direitos devem ser exercidos em todas as situações e não devem representar qualquer obstáculo à sua interação e à integração na comunidade linguística majoritária, nem qualquer limitação dos direitos desta comunidade ao pleno uso público da própria língua na totalidade do seu espaço territorial.

As línguas de sinais são essenciais para o desenvolvimento linguístico, psicológico, cultural e social dos surdos. Trata-se de uma necessidade humana e, por isso, as línguas de sinais são a principal marca de uma comunidade surda. As línguas de sinais são constituidoras dos sujeitos surdos, daí as políticas linguísticas envolvendo as línguas sinalizadas serem essenciais e imprescindíveis. As instituições representativas das pessoas surdas se articulam e se mobilizam por políticas linguísticas que garantem o reconhecimento das línguas de sinais e a garantia de acesso, permanência e a participação dos surdos em todas as atividades que envolvem o comportamento humano.

A Federação Mundial dos Surdos (WFD²²) é uma organização internacional não governamental que atua para garantir que os surdos possam exercer plenamente seus direitos linguísticos e humanos, em todos os lugares, o que perpassa pelo reconhecimento das línguas de sinais. De acordo com o site da organização, estima-se que haja aproximadamente 70 milhões de pessoas surdas e mais de 200 línguas de sinais em todo o mundo.

A WFD trabalha em parceria com outras entidades internacionais, nacionais e regionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e suas agências, instituições representativas, associações de surdos, entre outras. Os princípios da entidade coadunam com os objetivos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência. Nesse sentido, a WFD se dedica à (1) equalização de oportunidades e participação dos surdos em todos os aspectos da vida, em seus respectivos países, (2) promoção e respeito das línguas de sinais como parte da diversidade humana, (3) estabelecimento e fortalecimento de associações nacionais de surdos e (4) promoção de uma sociedade acessível e de uma educação em língua de sinais.

²²Disponível em: <wfdeaf.org>. Acesso em: 24/06/2021.

Mas, ainda, muitas comunidades de línguas de sinais não têm efetivado o direito de se constituírem e de terem acesso, permanência e participação social a partir das línguas de sinais, identidades e cultura surda.

A Federação Mundial dos Surdos (FMS) publicou a carta “Direitos de Língua de Sinais para Todos”, a favor dessas demandas (WFD, 2019). No documento, reafirma-se que os surdos são titulares de direitos humanos, com direito a oportunidades iguais na sociedade assim como os demais cidadãos. Isso implica que deve ser garantido aos surdos o pleno gozo de seus direitos humanos, civis, culturais e políticos a partir das línguas de sinais. “Todos” inclui crianças surdas, jovens surdos, mulheres surdas, homens surdos, idosos surdos, negros surdos, surdos LGBTQIA+, migrantes surdos, pessoas surdocegas, famílias de crianças surdas, filhos de surdos e todas as pessoas que usam línguas de sinais. A educação bilíngue, na língua de sinais nacional e na língua oral nacional (na modalidade escrita), é fundamental, bem como a inclusão de surdos na sociedade por meio do emprego e do empoderamento das organizações de surdos para garantir que sejam capazes de exercer liderança.

Por isso, o reconhecimento legal das línguas de sinais é uma pauta permanente. A Suécia foi o primeiro país do mundo a reconhecer a língua de sinais na legislação, em 1977. Mas apesar de muitas línguas sinalizadas terem respaldo legal, de acordo com Pinheiro (2020), apenas a língua de sinais neozelandesa é considerada língua oficial, no caso, de seu país (Nova Zelândia).

A partir do princípio “Nada sem nós sobre nós”, a WFD acredita na autonomia e na participação das comunidades surdas de maneira ativa na sociedade, principalmente nos processos de tomada de decisão.

No contexto brasileiro, as comunidades surdas têm se organizado de maneira a criar espaços que proporcionem o fortalecimento da cultura surda e da língua brasileira de sinais, a partir do contato surdo-surdo, de eventos acadêmicos, de entretenimento, de esporte e de lazer, bem como a partir de participação política com suas entidades representativas.

No âmbito da atuação política, os surdos devem assumir a liderança de movimentos sobre os seus próprios desafios e demandas. Nesse sentido, de acordo com Campello (2020), é fundada a Feneis²³ (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), em 1987, a partir da estrutura da Feneida (Federação Nacional de Educação

²³Disponível em: <<https://feneis.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 05/07/2021.

dos Deficientes Auditivos) e da Associação Brasileira de Surdos. A Feneida foi fundada em 1977 e não foi de grande ajuda à comunidade surda; era composta exclusivamente por ouvintes, porque se acreditava que os surdos não fossem capazes de coordenar uma entidade, optando pela completa exclusão de pessoas surdas da diretoria da organização responsável pela luta por seus direitos.

Após muita luta, uma comissão conquistou a presidência da Feneida, em 16 de maio de 1987. Uma assembleia geral conseguiu votar pela criação de um novo estatuto da instituição e um grupo de surdos promoveu a criação da Feneis. Ana Regina de Souza Campello foi a primeira presidente surda, uma pessoa que até hoje atua no meio da sua comunidade.

Atualmente, a instituição é uma entidade filantrópica sem fins lucrativos e de direito privado, constituída no país por pessoas surdas que lutam pelo seu reconhecimento e pelo exercício de sua cidadania. A Feneis representa institucionalmente as associações de surdos a nível nacional.

A Feneis é filiada à WFD e tem protagonizado importantes conquistas. Dentre elas, mencionamos a decisão e posição da Feneis em definir a sigla Libras em oposição à LSCB (língua de sinais dos centros urbanos do Brasil)²⁴ para se referir à língua de sinais em circulação a nível nacional (CAMPELLO, 2020), e a ação judicial da Feneis contra o Estado brasileiro para garantir que as provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) fossem traduzidas para a Libras²⁵ (QUADROS; STUMPF, 2018).

Na trajetória de lutas e conquistas da comunidade surda brasileira, foi sancionada a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão e outros recursos de expressão a ela associados (BRASIL, 2002).

Art. 1 É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como língua brasileiro de sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

²⁴Na década de 80, Lucinda Ferreira Brito utilizava a sigla LSCB, língua de sinais brasileira utilizada nos centros urbanos, em oposição à língua de sinais kaapor brasileira (LSKB), utilizada entre os indígenas urubu-kaapor (BRITO, 1984). Trata-se, então, de línguas de sinais diferentes.

²⁵A partir de 2017, as provas do ENEM passam a ser também disponibilizadas em Libras (vídeos) para os candidatos surdos.

A Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, também conhecida como a Lei de Libras, é um marco importante pois representa uma grande decisão sobre a língua brasileira de sinais frente à sociedade e, assim, o estabelecimento de uma política linguística favorável aos surdos brasileiros ao reconhecê-la. Neste momento, a Libras passa a ser institucionalizada como uma língua legalmente reconhecida no Brasil. Após, foi publicado o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a referida lei e estabelece um planejamento linguístico envolvendo a Libras e os surdos brasileiros.

As políticas e o planejamento linguístico devem considerar as línguas de sinais como cruciais para o desenvolvimento do sujeito (QUADROS, 2016). De acordo com a autora,

O planejamento de status e educação deve considerar:

- a. atitudes em relação à língua de sinais: como as políticas podem mudar isso (visibilidade da língua; afirmação da comunidade surda e da sua identidade ética);
- b. programas de aquisição precoce da língua de sinais para bebês surdos;
- c. educação bilíngue incluindo a garantia do estabelecimento dos encontros surdo-surdo, instrução na língua de sinais, língua de sinais como primeira língua, português como segunda língua, língua de sinais como segunda língua das crianças ouvintes e criação de ambientes bilíngues no espaço escolar;
- d. ensino da segunda língua considerada a língua primária na sociedade na qual a criança surda está inserida;
- e. difusão das línguas de sinais por meio da internet e das redes sociais, publicações de materiais em Libras, filmes e programas disponíveis na língua de sinais;
- f. sistematização de materiais didáticos em Libras como primeira língua e como segunda língua, no caso da língua portuguesa, considerando a língua de sinais vernácula e a língua portuguesa a segunda língua.

O planejamento de corpus de língua de sinais deve considerar:

- a. corpora de línguas de sinais;
- b. descrição das línguas de sinais;
- c. elaboração de gramáticas de línguas de sinais;
- d. dicionários de sinais das línguas de sinais (monolíngues e bilíngues);
- e. documentação da variação nas línguas de sinais. (QUADROS, 2016, p. 37).

No que diz respeito às línguas de sinais, na maioria dos casos, não há um plano sistemático em relação aos planejamentos de status, de corpus e de aquisição (SCHERMER, 2012). Sobre isso, para um ponto de partida inicial, Schermer (2012) propõe (1) descrever o estado das coisas em relação ao planejamento de status, planejamento de corpus e planejamento de aquisição no país; (2) identificar as partes interessadas e seu interesse específico em relação à língua de sinais; (3) identificar as necessidades e objetivos de cada uma das partes interessadas que precisam ser alcançadas para cada um dos tipos de planejamento e, para isso, fazer uma lista de prioridades; (4)

identificar as etapas que precisam ser tomadas, as pessoas que precisam estar envolvidas e que precisam assumir a responsabilidade; e (5) estabelecer o financiamento necessário e estabelecer um cronograma.

Na próxima seção, apresentamos a ação de agentes religiosos que, de alguma forma, prestigiam a língua brasileira de sinais e promovem um protagonismo em muitas de suas instituições.

4.2 Os agentes religiosos no Brasil

Vamos retomar um pouco a história da comunidade surda com as instituições religiosas. Há relatos que datam desde a antiguidade e, desde então, há abordagens educacionais e religiosas a partir de diferentes pensadores, seja de caráter individual, seja de caráter institucional.

De acordo com McBurney (2012), existe um relacionamento complexo entre os membros das comunidades surdas e os indivíduos que historicamente tentaram “ajudá-los”, em especial os cientistas, médicos e educadores. O objetivo de muitas políticas e práticas educacionais tem sido impedir que os surdos aprendam ou usem uma língua de sinais, fazendo com que a emergência de comunidades surdas acontecesse em um contexto sociolinguístico complexo, carregado de discriminação e opressão linguística.

Segundo a autora, na antiguidade clássica, a audição era considerada essencial para o desenvolvimento da inteligência e da razão. Supunha-se que o som fosse a base da linguagem e, por extensão, do pensamento. Relatos de Platão e Aristóteles mostram que os recém-nascidos com deficiências eram submetidos à prática da “exposição”, ou seja, ao abandono à própria sorte para que morressem. Em Roma acreditava-se que os surdos não poderiam ser educados.

Com o advento do cristianismo, a pessoa com deficiência passou a ser vista como alguém que tem alma e faz parte de um plano divino. Contudo, mesmo com esta mudança, que fez com que os deficientes passassem a ser acolhidos pela igreja, não mudou o estigma de que o surdo era um incapaz. A assistência era de forma paternalista e os surdos viviam de trabalhos domésticos, pequenos favores e da mendicância.

No fim da Idade Média, os surdos e os demais deficientes conquistaram avanços considerando sua integração à sociedade, quando alguns profissionais se dedicaram a estudar meios que favorecessem o seu aprendizado. Mas, a educação era destinada apenas aos filhos de nobres sendo os pobres relegados, uns à caridade e outros

a castigos. No século XIV, foram confundidos com endemoniados e foram banidos do convívio social para os internatos, hospitais e asilos, que não tinham função educacional e sim de resguardar a sociedade da lembrança incômoda da diferença e da incapacidade de superá-la.

Somente a partir do século XVI surgem os relatos dos primeiros profissionais que se dedicaram a estudar métodos que favorecessem o aprendizado dos surdos. Diferentes resultados surgem através das mais diversas práticas, entretanto, pouco se conhece do trabalho destes profissionais, visto que trabalhavam autonomamente e mantinham segredo sobre os seus métodos. O objetivo da educação nesta época era de desenvolver o pensamento, ensinar conteúdos e fazer com que o surdo fosse capaz de se comunicar com o mundo ouvinte.

Na Espanha, Pedro Ponce de León (1520-1584) tornou-se monge e talvez tenha sido um dos primeiros religiosos a trabalhar com a educação de surdos. Amplamente citado como o primeiro professor de crianças surdas, Ponce de León iniciou uma escola para crianças surdas no mosteiro de Oña, utilizando um método que incluía escrita, alfabeto manual e também códigos manuais. Os objetivos desta educação incluíam a possibilidade de os jovens surdos filhos de nobres pudessem herdar propriedades e gozar de outros direitos legais. A oralização não era vista como elemento essencial ao surdo e sim como meio de aprender as habilidades citadas anteriormente. O alfabeto manual era muito utilizado para que os surdos relacionassem sons da fala aos elementos visuais.

Ainda de acordo com McBurney (2012), na França, o Abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789) foi um educador de sucesso e teve muita influência na educação de surdos do século XVIII, sendo considerado o “pai da comunidade surda”. O Instituto dos Surdos Mudos em Paris, fundado em 1760, foi a primeira escola pública para os surdos. L'Épée estabeleceu um método de ensino chamado de Sinais Metódicos, que combinava sinais para que os surdos aprendessem a ler e escrever em francês. O grande legado de L'Épée foi oportunizar a emergência de uma comunidade surda e, conseqüentemente, a standardização de uma língua de sinais.

Embora os surdos usem sinais para se comunicar há séculos, é relativamente recente o registro de reunião de comunidades de surdos em número suficiente para oportunizar o surgimento de línguas de sinais. A Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX teve papel importante também na educação de surdos, no sentido de que o aumento demográfico das cidades, junto com as escolas públicas para surdos, proporcionou um ambiente para a emergência de línguas de sinais (MCBURNEY, 2012).

No Brasil, no século XIX, sentiu-se a influência das novas doutrinas educacionais (religiosas) de surdos que surgiam na Europa (HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1983). Na próxima seção, apresentamos algumas ações individuais e institucionais, no contexto brasileiro, que favoreceram (e favorecem) a circulação da Libras e, conseqüentemente, a emergência de sinais-termo no contexto religioso.

4.2.1 Catolicismo

De acordo com Assis-Silva (2012), a Igreja Católica é uma instituição social com uma relação histórica de longa duração com a surdez e explicita os diferentes modos históricos de produzir as relações de alteridade das comunidades que envolvem os sujeitos surdos. É importante considerar que institutos e missões vinculados à Igreja Católica têm impulsionado a formação de redes de sinalizantes, que tem contribuído para a constituição de uma comunidade de língua de sinais e consolidação da Libras. Nas palavras do autor,

a história da língua brasileira de sinais é bem mais complexa do que essa mera disseminação dos sinais para o Brasil a partir do INES, pois ao longo do século XX, outras instituições foram se constituindo em todo o Brasil, sendo também importantes territórios para associação de pessoas com surdez. É precisamente nesse ponto que o papel das congregações católicas precisa ser considerado. (ASSIS-SILVA, 2012, p. 20).

Ainda de acordo com o autor, os institutos de determinadas congregações católicas, assim como o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), ao longo da história, ocupam um papel chave no processo de reunião entre pessoas com surdez, bem como na consolidação e desenvolvimento de formas de comunicação sinalizada, ainda que todos, sem exceção, tenham sido historicamente oralistas (ASSIS-SILVA, 2012).

De acordo com a publicação Pastoral dos Surdos (2006), a relação entre Igreja Católica e a comunidade/pessoa surda é uma história que remonta ao século XVI, com o padre Ponce de León, educador de surdos nobres na Espanha, e com o abade de L'Épée, na França, que funda a primeira escola pública para surdos no ocidente. No Brasil, ao longo do século XX, foram fundadas congregações religiosas diversas, para cuidado sistemático de pessoas surdas.

Em 1849, na Bologna (Itália), Pe. José Giuseppe Gualandi fundou a Pequena Missão para Surdos. Ele viu uma surda na Primeira Comunhão dela, que chamou a sua

atenção pelo seu comportamento diferente das outras pessoas. Conforme o livro Apóstolo dos Surdos,

Ainda na sacristia, Pe. José pergunta ao vigário:

- Quem é aquela moça?
- É uma SURDA.

Começa a Missa Solene.

O olhar do Pe. José não se afasta daquela moça.

- Como pode entender, se ela é surda?
- Como pode falar, se é muda?
- Como e quem a preparou para a Primeira Comunhão?
- Quantos surdos existem nesta cidade? E no mundo?

(APÓSTOLO DOS SURDOS, p.10, 1849)

De acordo com o livro Apóstolo dos Surdos, Pe. José conversou sobre seus projetos com o irmão César, ainda estudante de Teologia. César aceitou colaborar e os dois irmãos, José e César, começaram a estudar e a frequentar a pequena escola da senhora Ranuzzi, que havia preparado a Carolina Galuppini à Primeira Comunhão. Pe. José e César pediam e recebiam livros de Paris, sobre educação de surdos. Não é suficiente estudar, então precisavam visitar escolas e instituições que trabalham com estas crianças surdas.

Assim, Pe. César Augusto Gualandi e Pe. José Gualandi fundaram a Pequena Missão para Surdos e foram educadores de surdos. Vários Institutos foram fundados, em trabalho para a Pequena Missão para Surdos, como na Itália (Bolonha, Roma, Firenze, Benevento, Giulianova, Catania, Torino e outros), nas Filipinas (Manila e Cebu) e no Brasil (Londrina, Cascavel e Campinas). A Figura 23, a seguir, ilustra a imagem do Pe. César Augusto Gualandi.

Figura 25 - Imagem do livro Apóstolo dos Surdos, em 1849.



Fonte: Própria autora

De acordo com Assis-Silva (2012), a congregação Gualandianos da Pequena Missão para Surdos veio para o Brasil no início dos anos de 1970, a convite do padre diocesano Vicente Penido Burnier. A partir de 1973, passaram a atuar no Instituto Londrinense de Educação de Surdos (ILES), em Londrina – PR.

Outra Congregação seria a das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, fundada em 1933, em Gramat, França, pelo padre Pierre Bonhomme, com atuação também no Brasil (ASSIS-SILVA, 2012). De acordo com a publicação Pastoral dos Surdos (2006), o Padre Pierre Bonhomme (1803-1861), nascido na França, foi ordenado sacerdote e se tornou pároco e missionário diocesano. Sua missão foi com surdos. Preocupou-se com a dificuldade que eles tinham para se comunicar e com o fato de que viviam isolados em relação à sociedade. Então, em 1854, o padre Bonhomme abriu a primeira escola para educação dos surdos, na cidade de Mayrinha-Le Tour, sul da França, na qual doze meninas surdas foram matriculadas e cinco Irmãs Calvarianas foram responsáveis por elas na escola.

De acordo com Assis-Silva (2012), no Brasil, chegaram em 1906. Em 1929, a pedido do bispo da região de Campinas – SP, Dom Francisco de Campos Barreto, foram enviadas à França duas irmãs calvarianas brasileiras, Suzana Maria e Madalena da Cruz, que se dedicaram aos estudos sobre educação de surdos e depois regressaram. Elas, junto com duas irmãs francesas, Luiza dos Anjos e Maria João, fundaram o Instituto Santa Teresinha para meninas surdas, em Campinas, que depois foi transferido para São Paulo

no ano de 1933. As irmãs calvarianas fundaram mais duas escolas para surdos, o Instituto Nossa Senhora de Lourdes, em 1959, no Rio de Janeiro, e o Instituto Nossa Senhora do Brasil, em 1969, em Brasília (ASSIS-SILVA, 2012).

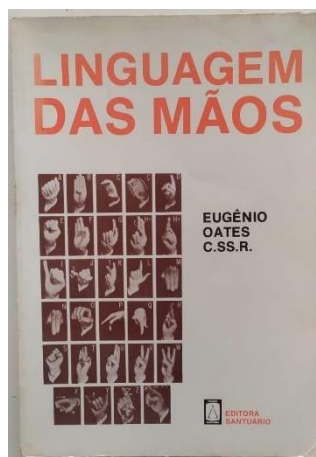
Em 1950, em Curitiba – PR, destaca-se a Irmã Nydia Moreira Garcez da Congregação Sociedade das Filhas do Coração de Maria, religiosa que ficou surda aos 6 anos. Foi educadora e catequista, fundou a Escola Epheta para surdos (PASTORAL DOS SURDOS, 2006). De acordo com Assis-Silva (2012), a Congregação Sociedade das Filhas do Coração de Maria foi fundada em 1970, na França, e está presente em 31 países (Europa, Ásia, África e Américas). Em 1937 chegaram ao Brasil e, desde 1948, estão em Curitiba.

A Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida foi fundada em 1929 e foi a primeira congregação brasileira do estado do Rio Grande do Sul. Foi fundada pela madre Clara Maria de Azevedo e Souza, nascida em Santa Cruz do Sul-RS e pelo frei Pacífico de Bellevaux, nascido em Bellevaux, França. Eles fundaram a Escola Epheta – Instituto Frei Pacífico, em Porto Alegre, no ano de 1956, renomeada posteriormente como Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico – Educação de Surdos (ASSIS-SILVA, 2012).

A Congregação das Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações foi fundada em 1885, em Lecce, Itália, por Filippo Smaldone, e está presente em países como Paraguai, Ruanda, Benin, Tanzânia e Moldávia. No Brasil, estão desde 1972, tendo fundado escolas para surdos em Belém-PA, em 1977, em Manaus-AM, em 1984, em Fortaleza-CE, em 1988, e em Pouso Alegre-MG, em 1988. Atualmente, tais instituições afirmam ser escolas bilíngues (ASSIS-SILVA, 2012).

O padre Eugênio Oates teve uma missão importante junto aos surdos brasileiros. Ele é estadunidense, ouvinte e missionário redentorista que chegou ao Brasil no ano de 1946. De acordo com Hoemann, Oates e Hoemann (1983), o Padre Oates iniciou seus trabalhos com surdos no estado do Amazonas e permaneceu no Brasil por mais de vinte e três anos, expandindo assistência religiosa entre os surdos brasileiros e, depois de dez anos, era ordenado sacerdote. No ano de 1969, foi publicado um dos primeiros dicionários brasileiros de sinais intitulado *Linguagem das mãos*, de sua autoria.

Figura 26 - Imagem da capa do livro de “Linguagem das mãos”



Fonte: Oates (1969).

Ainda segundo a Pastoral dos surdos (2006), o Monsenhor Vicente Burnier foi ordenado o primeiro padre surdo do Brasil e da América Latina, e o segundo na história da Igreja Católica. Tornou-se sacerdote em 1950 e prestou serviço de assistência religiosa aos surdos. Desenvolveu seu trabalho inicialmente com os surdos do Rio de Janeiro, ensinando catecismo no INES, e seguiu trabalhando nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e outros.

Figura 27 - Imagem do Monsenhor Vicente Burnier



Fonte: Imagem disponível em:
 <<https://www.cnbb.org.br/mens-burnier-falece-primeiro-padre-surdo-da-america-latina/>> Acesso em: 22 de junho de 2021.

Monsenhor Burnier e Padre Eugênio Oates trabalharam juntos na Pastoral dos Surdos. Oficialmente, a Pastoral dos Surdos no Brasil teve início em 1950, mas já mencionamos a fundação da primeira instituição para surdos, em Campinas, em 15 de

abril de 1929. Houve também o engajamento do Padre Wolmir Guizo, de Porto Alegre – RS, que tinha surdez moderada, uma força a mais ao cumprimento dos objetivos da Pastoral dos Surdos. Atualmente a Pastoral está instalada em quase todos os estados do Brasil.

Em 1970, em Brasília, houve o 1º Simpósio sobre catequese de surdos, promovido pelo Monsenhor Vicente Burnier e padre Eugênio Oates. O padre espanhol surdo Agustín Yanes Valer, foi convidado especial para o evento, professor de Belas Artes, que prestava serviço de assistência religiosa aos surdos da Espanha e das Ilhas das Canárias.

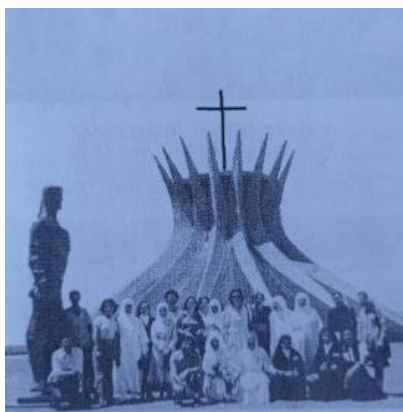
Em 1973, em Londrina/PR, a Madre Tonina Ugolini, uma das primeiras Irmãs da Pequena Missão para Surdos, chegou ao Brasil para educar os surdos.

Figura 28 - Imagem da Feira Madre Tonina Ugolini



Fonte: Apóstolo dos surdos

Figura 29 - Imagem das Irmãs da Pequena Missão para Surdos, em Brasília.



Fonte: Apóstolo dos surdos

O primeiro Encontro Nacional de Ensino Religioso²⁶ para Pessoas Surdas foi realizado no ano de 1975. Neste encontro, Padre Oates enfatizou a catequização com pessoas surdas.

Segundo o Padre Wilson Czaia, de Curitiba, pároco da Paróquia Nossa Senhora da Ternura, a paróquia é voltada para os surdos em Curitiba. Apresentou o seu testemunho em Libras, disponível em <<https://youtu.be/5pI-OgXpIk8>>, acessado 12 de agosto de 2021. Atualmente, ele é o único sacerdote surdo no Brasil. Entrou no seminário graças ao apoio de toda a Arquidiocese de Curitiba, os reitores Dom Pedro Fedalto, Dom João Braz de Avis e Dom Moacyr Vitti, que conseguiram colocar um seminarista para interpretar durante sua formação. Não foi fácil, mas ele venceu cada etapa e cada ano. Em 2019, já tinha 13 anos de sacerdócio. Também é o assessor eclesial da Pastoral dos Surdos do Regional Sul. No mundo, são 6 sacerdotes surdos. O periódico Fé Católica News fez entrevista com Padre Czaia, disponível em <<https://fecatolica.com.br/noticia/padre-wilson-czaia-e-o-unico-com-deficiencia-auditiva-na-igreja-do-brasil>>, acessado em 12 de agosto de 2021.

Figura 30 - Imagem do Padre Wilson Czaia



Fonte: Arquidiocese de Maringá
(foto do canal do Youtube).

Com a organização nacional centralizada da Pastoral dos Surdos do Brasil, em 2006, no contexto da Campanha da Fraternidade, a concepção de surdo em uma perspectiva linguístico-cultural tem se imposto como legítima sobre outras, o que está em plena consonância com os processos políticos e acadêmicos de classificação de tais sujeitos (ASSIS-SILVA, 2012).

²⁶Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2016/12/13/uma-nacao-invisivel/>>. Acesso em: 09/09/2021.

Existindo a Pastoral dos Surdos do Brasil, as comunidades surdas católicas divulgam os vídeos em Libras sobre eventos como o Encontro do Jovem Surdo, reunião de intérpretes, retiro, encontros, sinais católicos, curso e informações²⁷.

4.2.2 Protestante (Luteranismo)

De acordo com Assis-Silva (2014), apesar do Brasil se manter como um país majoritariamente católico, as últimas décadas do século XX são marcados por uma crescente atuação pública de protestantes e a atuação de tais agentes tem contribuído para a emergência de uma relação de alteridade com os surdos, a partir de uma noção de surdez como particularidade linguística e cultural.

Segundo o autor, o processo de missão protestante para evangelização de surdos trouxe também as categorias da etnicidade (tais como língua, cultura, identidade, povo, comunidade e história) para a noção de surdez. Isso foi fundamental para a concepção da surdez enquanto especificidade linguística. Ainda segundo o autor, destaca-se a atuação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, em Porto Alegre, principalmente seu vínculo com a Escola Especial Concórdia – Centro Educacional para Deficientes Auditivos, fundada em 1966. Outro destaque foi a publicação do livro “Linguagem de Sinais do Brasil (HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1983).

Esta obra tem capítulos de vários autores e, algo digno de nota, os autores luteranos não possuem apenas formação religiosa, mas também formação acadêmica em universidades brasileiras e estadunidenses, o que trouxe uma produção discursiva diferente sobre a surdez. Há partes, por exemplo, que tratam sobre a estrutura da “linguagem de sinais do Brasil” (ASSIS-SILVA, 2014). A Figura 31, a seguir, ilustra a capa dessa obra.

²⁷Disponível em: <<https://www.facebook.com/PastoralSurdosCatolicos/>>. Acesso em: 11/08/2021, vários vídeos de catequeses, Evangelho do dia em Libras, reflexão e orações em Libras.

Figura 31 - Imagem da capa do livro “Linguagem de sinais do Brasil”



Fonte: Hoemann; Oates;
Hoemann, 1983

É nesse contexto, no início dos anos de 1980, que jovens ouvintes estudantes de teologia do Seminário Concórdia passam a se interessar pela missão com surdos. Com as novas experiências da Comunicação Total, emerge a figura do intérprete de “linguagem de sinais” e intelectuais importantes para a constituição de um campo intelectual relativo à surdez (ASSIS-SILVA, 2014). Nas palavras do autor,

É precisamente desse meio que emergem o pastor e pedagogo que ocupou posições fundamentais nos anos 1980 como intérprete, Ricardo Sander. Em sua trajetória, exerceu influência com sua performance de interpretação em igrejas, escolas especiais e regulares e universidades. Esteve também associado à Comissão pela Luta dos Direitos do Deficiente Auditivo nos anos 1980 e ocupou posições na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Foi fundador e presidente da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores Intérpretes e Guias-intérpretes de Língua de Sinais, de 2008 a 2011. (ASSIS-SILVA, 2014, p. 8).

É do meio luterano que também emergem intelectuais importantes para a constituição de um campo intelectual relativo à surdez, entre eles Ronice Quadros (UFSC), Lodenir Karnopp (UFRGS), Otmar Teske (Ulbra), Madalena Klein (UFPL) e Marianne Stumpf (UFSC), por isso as constantes conexões de agentes provenientes dessa instituição religiosa e pesquisas que passaram a ser desenvolvidas no âmbito universitário, destacando-se a UFRGS, PUCRS, Ulbra e UFSC. (ASSIS-SILVA, 2014, p. 8).

Dessa forma, de acordo com Assis-Silva (2014), os luteranos iniciaram um quadro intensa atividade missionária com surdos, além de produção científica, movimentos sociais e atuação no mercado (como intérpretes, professores de Libras e consultores).

4.2.3 Igreja Batista

Em relação à Igreja Batista, Assis-Silva (2014) menciona que suas ações institucionais tem papel fundamental na formação de um grande número de ouvintes fluentes em Libras, além de disseminar a concepção de surdez enquanto especificidade linguístico-cultural, o que contribuiu significativamente para a consolidação da Libras em termos nacionais. Segundo o autor, a atividade missionária batista com surdos se vinculou à lógica de trabalho de missão transcultural, com um povo de língua e cultura, e que precisa ser alcançado.

Mais uma vez, Assis-Silva (2014) menciona que as ações institucionais vinculadas à denominação Igreja Batista têm papel fundamental na disseminação da concepção de surdez enquanto especificidade linguístico-cultural.

No final dos anos 1970, a vinda de missionários com surdos estadunidenses batistas, dentre eles o casal John Peterson e Caroline Decker, para a região de Campinas – SP, marca a disseminação da prática batista de evangelização de surdos em uma rede, inicialmente nas cidades das regiões Sul e Sudeste e, depois, em outras regiões. A denominação batista organiza-se em congregações locais autônomas e, assim, há acampamentos de surdos, retiros, cultos, programação religiosa evangélica, além de cursos de língua de sinais para ouvintes e escola bíblica para surdos.

De acordo com Melo (2017), a primeira iniciativa voltada para um ministério com surdos no Brasil, considerando a denominação Batista, aconteceu na região de Campinas, no ano de 1978, em uma Igreja Batista em Sumaré. Nesse retiro havia 22 surdos, dentre eles o surdo Nelson Cremonese, atualmente pastor da Primeira Igreja Batista de Surdos do Brasil, no centro de Campinas, que foi instituída em 27 de janeiro de 1979 pelo pastor John Peterson e sua esposa. Ambos eram “mímicos”, termo utilizado na época para intérpretes de língua de sinais.

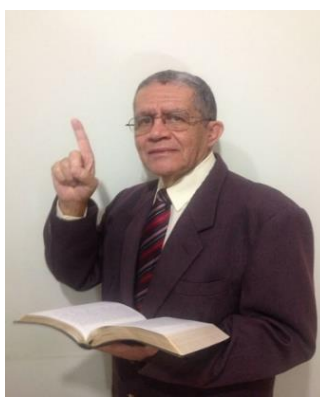
O primeiro pastor surdo no Brasil, formado em uma instituição teológica, foi Hélio Moreira dos Santos²⁸. Ele nasceu em 1946 e ficou surdo ao 1 ano e meio de idade, após contrair sarampo e uso de medicação equivocada. Ele decidiu estudar teologia quando

²⁸Encontrei com Pr. Hélio e me contou a sua história, por isso dissertei aqui. O Pr. Hélio Moreira chegou ao PIB Goiânia no início dos anos 1992. Converteu-se, através dos sermões interpretados em língua de sinais, e foi batizado. Já formado em Agrimensura e Edificações pela Escola Técnica Federal de Goiás, desejou dirigir-se ao Seminário Teológico Batista Goiano. Disponível em: <<http://cristocentrado.blogspot.com/2013/04/ufmbpibgoiania-2013-homenagem-ao-pr.html>>. Acesso em: 27/04/2021. Depoimento disponível em: <<https://youtu.be/yOv3qK2C6hs>> Acesso em: 01/02/2022.

tinha 45 anos de idade e concluiu o curso de bacharelado em Teologia em 1996, aos 50 anos de idade.

Durante a graduação em Teologia, segundo um depoimento do pastor Hélio dos Santos, ele contou com o apoio de 10 intérpretes de Libras²⁹ cristãos voluntários, que atuavam em dupla, de segundas a sexta, no período da noite, intercalando entre sinalização e registro de anotações no caderno dele, pois ele não tinha como baixar a cabeça e anotar. Não foi fácil cursar o seminário e teve de se esforçar muito em casa. A Figura 29, a seguir, ilustra a imagem do pastor.

Figura 32 - Imagem do Pastor Hélio Moreira dos Santos



Fonte: Imagem disponível em: <<https://atlanticanews.com.br/noticias/religiao/19653/euna-polis-vai-receber-19-encontro-estadual-de-obreiros-e-surdos-20-05-2019/>>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

Em 1992, o pastor Hélio Santos atuava no ministério de surdos chamado “Dynamis”, que significa “*poder do Espírito Santo*” (Bíblia NTLH, 1 coríntios 2:4-5), da Primeira Igreja Batista de Goiânia. Em seu ministério, ele atuava com aproximadamente 140 surdos. Posteriormente, atuou na Igreja Batista Jardim Novo Mundo, também em Goiânia. Atualmente, há aproximadamente 20 pastores surdos no Brasil.

²⁹Na época não tinha a Lei de profissional TILS, não tinha fundado Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils) acessando disponível em: <<https://febrapils.org.br/>> e não conhecia ética e postura de TILS. Eles foram voluntários cristãos na igreja dele.

A Convenção Batista Brasileira começou no Ministério com Surdos a partir da Junta de Missões Nacionais (JMN). Segundo Assis-Silva (2014), a JMN é uma instância fundamental de divulgação e padronização dessa atividade missionária nas congregações batistas e se apropriou de uma produção acadêmico-científica relativa à surdez e à língua de sinais. Nesse processo, houve a publicação da obra *O clamor do silêncio* e o *Manual de sinais bíblicos*, marco inicial no período de 1991 a 1994, para fundamentar o Ministério com Surdos. Foram promovidas também oficinas de formação de intérpretes de língua de sinais.

Ainda segundo o autor, o que motivou a publicação de *O clamor do silêncio* foi um encontro realizado em Petrópolis – RJ, em 1990, no qual batistas definiram o objetivo fundamental para o ministério com surdos. Um dos objetivos da obra foi sistematizar as práticas missionárias com surdos em diversas congregações batistas e produzir um manual que orientasse a fundação de novos ministérios com surdos. A obra tenta descrever as principais características e os requisitos técnicos e espirituais para a formação da equipe que deve fundar um ministério com surdos (ASSIS-SILVA, 2014). A Figura 30 ilustra a capa dessa obra.

Figura 33 - Imagem da capa do livro “O Clamor do Silêncio”



Fonte: Clamor do Senhor
(JMN,1991)

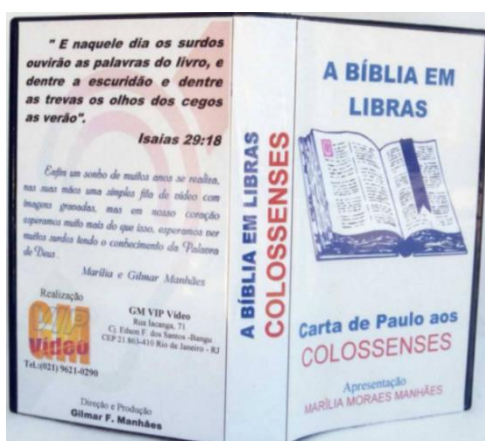
A obra *O clamor do silêncio* passou por atualização e revisão e foi republicada em 2002. Essa reedição foi realizada por Marília Moraes Manhães, intérprete e atualmente coordenadora do Ministério com surdos da Junta de Missões Nacionais. Ela estava presente na comissão que integrou a produção da primeira edição da publicação.

Nesta edição, há uma nova parte dedicada aos fundamentos linguísticos da Libras e ao bilinguismo na educação de surdos (ASSIS-SILVA, 2014).

De acordo com Douettes (2015), no Rio de Janeiro, a JMN da Convenção Batista do Brasil também implementou o “Projeto da Bíblia em Libras”. Um dos primeiros projetos no Brasil que faz a tradução de vários livros no Novo Testamento da Bíblia Sagrada para língua brasileira de sinais. Essa produção foi a primeira registrada pelo MEC como obra cultural intitulada “Bíblia em Libras – Carta de Paulo aos Colossenses”, gravada em 1997 em fitas de VHS, pela missionária, intérprete Marília Moraes Manhães e líder do “Ministério com Surdos”. Essa fita de VHS tem a interpretação simultânea do texto original da Bíblia na Nova Tradução da Linguagem de Hoje, com áudio.

De acordo com Douettes (2015), a segunda edição desse DVD tem a participação do primeiro tradutor surdo, o jovem Flávio Milani. Também há o DVD que traz a Carta de Paulo aos Colossenses e Carta de Paulo aos Efésios (autor, s/d), interpretado por ele.

Figura 34 - A Bíblia em Libras – Carta de Paulo aos Colossenses



Fonte: A própria autora

De acordo com Melo (2017), o trabalho com surdos na Primeira Igreja Batista de Curitiba iniciou quando a instituição recebeu o surdo Fausto Antônio de Siqueira, em 1983. Nessa época, a irmã Eunice Solion se sentava na frente dele e repetia o que o pastor falava. Depois, surgem os primeiros intérpretes e o Ministério com Surdos.

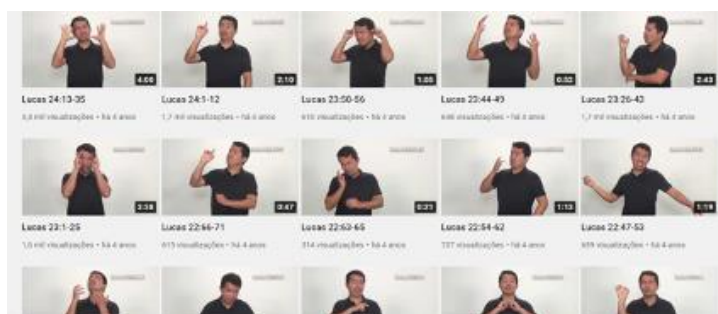
Não existe Ministério com Surdos ou de Surdos sem a presença de uma comunidade surda. Mas, o que é comunidade surda? É a reunião de uma série de fatores que compõe a vida do surdo desta sua família até as complexidades de sua língua e cultura. Se alguém quer, de verdade, iniciar um trabalho com surdos, precisa iniciar um trabalho com a comunidade surda, pois só assim o líder mergulhará na vida do indivíduo surdo e viverá a integralidade do ministério proposto. (MELO, p.31, 2017).

Entre os missionários, destaca-se ainda a atuação do pastor gaúcho Marco Arriens, formador de intérpretes desde os anos 1980, em diversos estados brasileiros, para além do meio batista e religioso (ASSIS-SILVA, 2014).

O pastor Adoniran Melo, ouvinte, é um pregador conhecido no Brasil por atuar junto às com pessoas surdas e tem usado as redes sociais de maneira consistente para a disseminação de sinais relacionados ao contexto religioso batista. Na cidade de Santana, no estado do Amapá, o pastor Adoniran Melo iniciou seu ministério com surdos e na cidade de Curitiba, em 2005, começou a atuar na Primeira Igreja Batista de Curitiba, no desenvolvimento de um projeto de tradução do Evangelho de João para a Libras. Atualmente atua no Ministério com Surdos e iniciou o Ministério com Pessoa com Deficiência.

O pastor Adoniran Melo mantém um repositório com várias playlists de vídeos, envolvendo manúário de sinais, cultos e tradução do Novo Testamento para a Libras veiculado ao YouTube. A Figura 31 ilustra o canal do Youtube com trechos do Novo Testamento traduzido para a Libras.

Figura 35 - A tradução do Novo Testamento para Libras



Fonte Fonte: Bíblia em Libras comunicar Imagem disponível em: <<https://www.youtube.com/c/B%C3%84BLIAEMLIBRASCOMUNICAR/videos>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2021.

O pastor Adoniran Melo também foi um dos presidentes da Associação Evangélica Nacional de Obreiros com Surdos (ASSENOS). Pode-se dizer que a ASSENOS começou no feriado de Páscoa de 1996 no I Encontro Nacional de Obreiros com Surdos (ENOS), na cidade de Goiânia. Mas, antes disso, alguns líderes já se encontravam para planejar ações de ministério com surdos. Desde então, a ASSENOS tem promovido encontros anuais e, mais recentemente, bianuais entre obreiros ouvintes e surdos (ENOS) em diferentes cidades do Brasil. O encontro que aconteceria no ano de 2020, na cidade de Campinas-SP, foi cancelado por conta da pandemia do novo

coronavírus Covid-19. Atualmente, a ASSENOS é presidida pelo pastor surdo Fábio Luiz Vedoato, que atua na Igreja Presbiteriana Independente, em Londrina-PR.

De acordo com Douettes (2015), O Instituto Expressão Surda – IES³⁰ é uma organização sem fins lucrativos, com sede na cidade de Curitiba-PR, que desenvolve o projeto BibLibras, que significa Bíblia em Libras. Em 2003, o IES começou a gravar mensagens bíblicas em Libras e disponibilizá-las na internet e, desde 2007, a traduzir a Bíblia do português para a Libras destinada para crianças surdas, em parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil - SBB³¹ e também a Sociedade Internacional de Linguística - SIL (Summer Institute of Linguistics)³².

A Associação de Surdos Evangélicos (ASE) foi fundada em 1992, com sede em Fortaleza – CE. O senhor Waldery Cazé da Silva, surdo, foi presidente da ASE e uma pessoa muito importante para a associação. O seu trabalho, junto com o casal Josenilson Mendes e Liane Mendes, ouvintes, foi de muita importância para o movimento evangélico. Infelizmente, falta um registro da historicidade da ASE. A Associação de Surdos Evangélicos surgiu a partir da iniciativa de um grupo de cristãos surdos de Fortaleza/CE. As reuniões promovidas pela entidade criaram um espaço de contato surdo-surdo, em que os interessados participam e compartilham os mesmos interesses como costumes, história, movimento, tradições, eventos religiosos evangélicos, como também para procurar vencer as dificuldades de integração numa igreja. Outras associações de surdos locais são a Associação dos Surdos do Ceará (ASCE) e Associação dos Surdos Organizados de Fortaleza (ASOF) em Fortaleza, embora não tenham objetivo religioso.

Em 2017, os missionários Sérgio Seiffert e Hosana Seiffert, ouvintes, deram início ao Projeto de Tradução Bíblica Própria dos Surdos, no chamado DOT Brasil. A UniEvangélica em parceria com a Missão *Wycliffe Associates* coordenam esse projeto que desenvolve uma metodologia de tradução colaborativa e que estimula o protagonismo surdo. Participa da coordenação do projeto, o pastor Alex Silva, ouvinte, e o pastor surdo Paulo Sérgio de Jesus Oliveira, que é coordenador geral do projeto DOT Brasil.

A metodologia de tradução DOT foi criada pela missão *Wycliffe Associates*, dos Estados Unidos, e trazida para o Brasil em 2017. Além de formar os primeiros tradutores surdos e intérpretes, a WA doou estúdios de gravação, tablets e câmeras de filmagem. Em 2019 este movimento de tradução da

³⁰Disponível em: <<http://www.iesurda.com/>>. Acesso em: 30/04/2021.

³¹Disponível em: <<https://www.sbb.com.br/>>. Acesso em: 30/04/2021.

³²SIL é uma organização religiosa sem fins lucrativos, que atende a comunidades linguísticas em todo o mundo, disponível em: <<https://www.sil.org/>> Acesso em: 30/04/2021.

Bíblia foi abraçado integralmente pelo Centro Universitário UniEvangélica, de Anápolis, que hoje coordena as áreas administrativa, logística e acadêmica do DOT Brasil em parceria com missões internacionais e igrejas brasileiras. (DOT BRASIL, 2020³³).

Os colaboradores, tradutores surdos e intérpretes ouvintes, de vários estados brasileiros do DOT Brasil, tiveram o primeiro encontro em Brasília-DF para conduzir o trabalho de tradução da Bíblia para Libras. Foram criados grupos regionais: o pólo do Distrito Federal (Centro-Oeste), do Tocantins (Norte), do Ceará (Nordeste), de Pernambuco (Nordeste), de São Paulo (Sudeste), de Rio de Janeiro (Sudeste), de Minas Gerais (Sudeste), de Santa Catarina (Sul) e do Rio grande do Sul (Sul). Atualmente, o grupo é de mais ou menos 77 pessoas surdas e/ou tradutores/atores surdos. O DOT começou o primeiro encontro em 2017:

- 1º Encontro em Brasília-DF, em julho de 2017 – 20 tradutores surdos e 30 intérpretes, 16 capítulos do livro de Marcos, 14 capítulos do livro de Atos. Total: 30 capítulos em 10 dias.
- 2º Encontro no Rio Grande do Sul, em fevereiro de 2018 – 22 tradutores surdos e 30 intérpretes. Total: 30 capítulos bíblicos em 5 dias.
- 3º Encontro em Brasília-DF, em julho de 2018 – 5 tradutores surdos e 6 intérpretes. Total: 6 capítulos bíblicos em 5 dias.
- 4º Encontro em Brasília-DF, em janeiro de 2019 – 12 tradutores surdos e 14 intérpretes. Total: 27 capítulos bíblicos em 9 dias.
- 5º Encontro em Brasília-DF, em janeiro de 2020 – 18 tradutores surdos e 27 intérpretes. Total: 29 capítulos em 10 dias.

O Encontro entre os tradutores e intérpretes, surdos e ouvintes, que atuam no projeto DOT Brasil, que estava previsto para acontecer em 2021, não aconteceu devido à pandemia do novo coronavírus Covid-2019. Os polos de trabalho seguiram suas atividades, na medida do possível, e o encontro aconteceu de maneira virtual. A Figura 32, a seguir, ilustra a equipe de tradutores e intérpretes que atuaram no 4º Encontro DOT Brasil, na cidade de Brasília – DF, em 2019.

³³ Disponível em: <<https://dotbrasil.org/noticia/8/surdos-de-todo-o-brasil-se-encontram-para-traduzir-a-biblia>>. Acesso em: 19/08/2021.

Figura 36 - Imagem dos participantes surdos e ouvintes no DOT Brasil



Fonte: DOT Brasil Imagem disponível em: <<https://dotbrasil.org/noticia/8/surdos-de-todo-o-brasil-se-encontram-para-traduzir-a-biblia>>. Acesso em: 19 de agosto de 2021

As publicações do DOT Brasil são gratuitas e estão disponíveis nas redes sociais vinculadas ao projeto.

Em três anos de projeto, as equipes de tradução já conseguiram produzir mais de 60% do Novo Testamento em Libras, em um primeiro rascunho de tradução. Todo esse material ainda terá de passar por avaliações teológicas, gramaticais e técnicas antes de passarem pela edição final e serem liberados publicamente. Depois do lançamento do livro de João, o primeiro publicado pelo DOT, as equipes de Brasília, São Paulo e Belo Horizonte estão trabalhando na tradução de Mateus. Surdos de Belém, Anápolis, Uberlândia, Bahia e Fortaleza se revezam na avaliação das escolhas tradutórias e na criação de novos sinais bíblicos, com o precioso apoio de intérpretes, teólogos, gramáticos, missionários e da equipe de filmagem e edição. (DOT BRASIL, 2020³⁴).

A Comunidade Cristã de Obreiros Surdos do Brasil (CCOSurdos) é mais um projeto para a divulgação em website de programação devocional em Libras, Bíblia em Libras, sinalário, Ministérios e Igrejas para surdos, pastores e obreiros surdos consagrados, missões para surdos, tradutores surdos, dentre outros. O fundador do projeto é o pastor surdo Gustavo Gartner, no Rio de Janeiro, coordenado também pelo pastor surdo Carlos Eduardo. A Figura 33, a seguir, ilustra a website do CCOSurdos.

³⁴Disponível em: <<https://dotbrasil.org/noticia/8/surdos-de-todo-o-brasil-se-encontram-para-traduzir-a-biblia>>. Acesso em: 19/08/2021.

Figura 37 - CCOSurdos



Fonte: Imagem disponível em: <<https://sites.google.com/view/gccsurdos/p%C3%A1gina-inicial>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

2.2.4 Adventista do Sétimo Dia

O pastor surdo Douglas Domingos da Silva é o primeiro pastor surdo adventista do Brasil³⁵. Formou-se em Teologia pela Faculdade Adventista da Amazônia (Faama), na cidade de Benevides – PA, região metropolitana de Belém, no ano de 2015. Na ocasião, o primeiro pastor surdo adventista no mundo, Jeff Jordan, formado pela Universidade Andrews, nos Estados Unidos, veio ao país acompanhado de sua esposa e do pastor John Blake, diretor mundial do Ministério dos Surdos para a Igreja Adventista, especialmente para assistir à cerimônia de formatura.

Atualmente, o pastor surdo Douglas Domingos atua com o Ministério Adventista de Surdos na Associação Paulistana, sede administrativa da Igreja Adventista para uma das regiões da cidade de São Paulo. A Figura 35, a seguir, ilustra a imagem do pastor Douglas.

³⁵Disponível em: <<https://www.folhavitoria.com.br/geral/blogs/caminhos-de-fe/2015/01/05/jovem-surdo-se-forma-em-teologia/>>. Acesso em: 12/08/2021.

Figura 38 - Imagem do Pastor Douglas Domingos da Silva



Fonte 1 Fonte: Imagem disponível em: <<https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/gente/primeiro-pastor-adventista-surdo-do-brasil-conta-desafios-e-realizacoes-do-ministerio/>>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.

O primeiro Ministério Adventista de Surdos no Estado de São Paulo surgiu em 1964, porém foi oficializado pela Divisão Sul-Americana somente em 2008. No ano de 2019, havia no Brasil 164 Ministérios de Surdos espalhados pelo Brasil. Em 2019, o Ministério de Surdos do Unasp realizou o I Encontro de Surdos e Intérpretes e contou com a presença do pastor Douglas Domingos da Silva, considerado também o primeiro pastor adventista surdo da América do Sul³⁶.

Vinculado à coordenação do Seminário Latino-Americano de Teologia, há o Departamento de Assistência Ministerial para Surdos. Nesse sentido, as *Lições da Escola Sabatina*, material de estudo vinculado à Igreja Adventista, são disponibilizadas em Libras. O site *Surdos Adventistas* disponibiliza a produção de materiais, de documentos oficiais e planejamentos gerais em relação ao Ministério Adventista dos Surdos (<<https://surdosadventistas.com.br/>> acessado em 13 de agosto de 2021).

4.2.5 Testemunhas de Jeová

Por meio de uma pesquisa etnográfica, Assis-Silva (2011) analisa o projeto de evangelização em língua de sinais promovido pelas Testemunhas de Jeová, que é caracterizado pela fundação de congregações particulares dessa língua, com uma larga

³⁶Disponível em: <<https://www.unasp.br/noticias/encontro-reune-surdos-e-interpretes-do-estado-de-sao-paulo-no-unasp/>>. Acesso em: 13/08/2021.

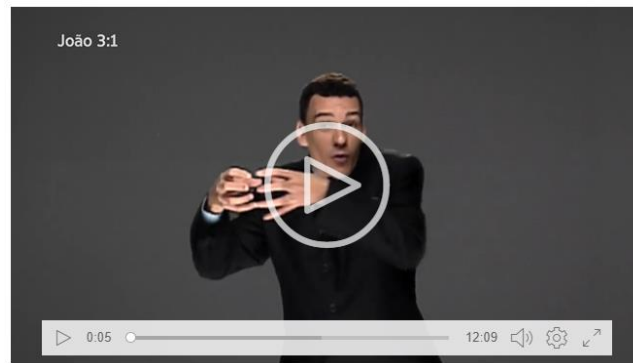
produção de vídeos e o treino sistemático da oratória, não havendo em seus rituais uma marcação de diferenças entre surdos e ouvintes.

Segundo o autor, as Testemunhas de Jeová, preferencialmente, não utilizam intérpretes em suas reuniões. A presença do intérprete pode até ocorrer eventualmente, mas, no processo de evangelização de surdos nas congregações das Testemunhas de Jeová, a prática da interpretação é substituída por congregações específicas em língua de sinais, em que todos os membros utilizam essa língua em seus rituais, independente de ouvirem ou não e da posição que ocupam na hierarquia da instituição. Isso propicia um contexto bilíngue exemplar, no qual língua de sinais e oral são tratadas de modo equivalente.

Nesse sentido, é comum que a congregação que esteja iniciando a sua atividade de evangelização em língua de sinais possua intérpretes e, na medida em que ela obtém um número razoável de pessoas fluentes nessa língua, a interpretação seja substituída pela congregação diretamente em língua de sinais (ASSIS-SILVA, 2011).

Para a institucionalização desse contexto bilíngue, foi fundamental a produção de suas principais publicações em língua de sinais, publicadas por meio de vídeos. As publicações das Testemunhas de Jeová são traduzidas para diversas línguas, incluindo para línguas de sinais de diferentes países. Há matérias produzidas em 53 línguas de sinais. Segundo Assis-Silva (2011), em 1996, passaram a produzir os *dramas* (filmes bíblicos em que todos os personagens utilizam língua de sinais); em 2000, as publicações de *Os Cânticos* e a série *O Verdadeiro Conhecimento*; em 2004, o periódico quinzenal *A Sentinela*. Há também o trabalho de tradução total da Bíblia, em elaboração. Essa equipe conta com 8 profissionais tradutores, sendo 3 tradutores surdos. Os tradutores e intérpretes surdos e ouvintes são o total de 37 atores participando do projeto e destes 7 são surdos. O Evangelho de João é um dos textos que está traduzido, cujo texto em língua de sinais é ilustrado a seguir.

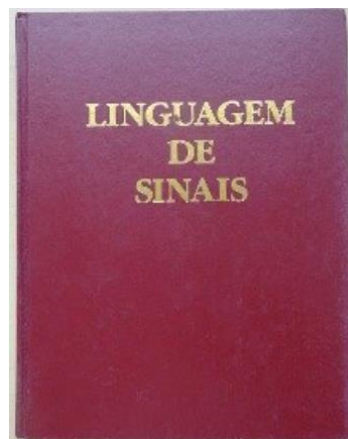
Figura 39 - O Evangelho de João em Libras



Fonte: JW.org. Imagem disponível em:
 <<https://www.jw.org/bzs/biblioteca/biblia/nwt/livros/João/3>
 />. Acesso em: 08 de fevereiro de 2022.

Os trabalhos de congregação e evangelização voltados para a surdez iniciaram na primeira metade dos anos 1980. A primeira congregação em língua de sinais foi fundada em Niterói – RJ, em 1982. Em São Paulo, começou em 1987, no bairro da Liberdade. A prática de formação de congregações em língua de sinais se fortalece principalmente no século XXI (ASSIS-SILVA, 2011). Em 1992, houve a publicação do dicionário Linguagem dos sinais, ilustrado na Figura 39.

Figura 40 - Imagem do livro “Linguagem de sinais”



Fonte: A própria autora

De acordo com Assis-Silva (2011), as reuniões em língua de sinais são exatamente como as de língua oral, apenas utilizam outras tecnologias, e são absolutamente padronizadas. Terminada a reunião, os participantes interagem sempre em língua de sinais. E como todos utilizam língua de sinais, não há marcação alguma de diferenças entre *ouvintes* e *surdos* (ou *deficientes auditivos*).

Uma especificidade das Testemunhas de Jeová, descrita pelo autor, que é diferente do que acontece em congregações protestantes e paróquias católicas, é a não referência nesses rituais a categorias como “cultura surda”, “comunidade surda” e “povo surdo”. Isso acontece porque as noções de “nação” e “povo” são categorias para marcar a universalidade entre as Testemunhas de Jeová como “povo escolhido”, por isso os surdos não são vistos como um grupo étnico específico que precisa ser evangelizado, como para os católicos e protestantes (ASSIS-SILVA, 2011).

Por fim, o autor ressalta que essa instituição religiosa possui uma larga produção de vídeos em língua de sinais, funda congregações específicas e reúne multidões em eventos onde a língua de sinais é utilizada para suas atividades. Indiretamente, favorece a emergência de uma população de sinalizantes da Libras.

4.2.6 Doutrina Espírita

No ano de 2015, foi realizado o I Encontro Nacional de Surdos e Ouvintes Espíritas (ENSOE) na cidade do Rio de Janeiro. Um dos objetivos do encontro foi refletir sobre a acessibilidade para surdos nas Casas Espíritas, propondo estratégias e informações que facilitem o acesso à estudos sistemáticos e evangelização infanto-juvenil em Libras, assim como da participação em todas as atividades oferecidas nas Casas Espíritas. Desde então, esse encontro tem sido realizado anualmente em diferentes estados brasileiros. A seguir, estão descritos os locais em que foram realizados esses encontros.

- I Encontro foi realizado 03 de outubro de 2015, na cidade do Rio de Janeiro – RJ, na instituição Grupo Espírita Regeneração.
- II Encontro foi realizado em 10 e 11 de dezembro de 2016, na cidade de São Paulo – SP, na Seara Bendita Instituição Espírita.
- III Encontro foi realizado em 18 e 19 de novembro de 2017, na cidade de Porto Alegre –RS, na Federação Espírita do Rio Grande do Sul.
- IV Encontro foi realizado em 08 e 09 de dezembro de 2018, na cidade de Belo Horizonte – MG, na instituição Grupo da Fraternidade Espírita Irmã Sheila.
- V Encontro foi realizado em 15, 16 e 17 de novembro de 2019, na cidade de Londrina – PR, na instituição Sociedade Espírita Amor e Esperança.

Durante o V Encontro, na cidade de Londrina-PR, foi fundada a Comunidade Surda Espírita Brasileira (COMSEB). A COMSEB tem com um dos objetivos divulgar a Doutrina Espírita em Libras e incentivar o protagonismo da pessoa surda no contexto espírita. A instituição mantém um canal no Facebook³⁷ e no Instagram³⁸.

A Federação Espírita Brasileira através do seu canal FEBTV no YouTube, promove o estudo da obra *O Livro dos Espíritos* semanalmente, e conta com a atuação simultânea de intérpretes de Libras da COMSEB³⁹. Da mesma forma, diferentes instituições espíritas têm promovido acessibilidade aos surdos em suas programações a partir da presença de intérpretes, principalmente nas atividades de estudo e de palestras públicas. Vemos também a participação de palestrantes surdos, como a palestrante Ronise Oliveira, da cidade do Rio de Janeiro e integrante da COMSEB. A Figura 40, a seguir, ilustra uma palestra ministrada por Ronise Oliveira no Grupo Espírita Adolfo Bezerra de Menezes, em Palmas-TO⁴⁰.

Figura 41 - Palestrante surda Ronise Oliveira



Fonte: Geabem Palmas. Imagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=027aPHtBEg0&t=3s>>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022.

A Federação Espírita do Estado da Bahia (FEEB) criou o departamento Libras e Acessibilidade, com o objetivo de promover estudos do espiritismo em língua de sinais e formar trabalhadores para o acolhimento do surdo nas Casas Espíritas. Atualmente a FEEB mantém o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita para surdos e o Estudo do

³⁷Disponível em: <<https://www.facebook.com/comsebespirita/>>. Acesso em: 06/02/2022.

³⁸Disponível em: <<https://www.instagram.com/comseb.espirita/>>. Acesso em: 06/02/2022.

³⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLQCLs_UESpg9SgYbKsI2IyqpK3gfZQ5aR>. Acesso em: 06/02/2022.

⁴⁰Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=027aPHtBEg0&t=3s>>. Acesso em: 06/02/2022.

Evangelho Segundo o Espiritismo, em que participam surdos e ouvintes sinalizantes de todo o Brasil. Ambos os estudos são realizados de maneira remota.

4.2.7 Judaísmo

Em comunicação pessoal, o professor Rimar Segala⁴¹, surdo, menciona não ter uma religião, mas que sua família tem uma herança religiosa judaica apesar de não frequentar cultos do Judaísmo. Por ocasião da II Guerra Mundial, o Brasil recebeu muitos imigrantes e, com isso, aumentou o número de judeus na cidade de São Paulo, o que influenciou o comércio na cidade. Seu pai (surdo) frequentou a Hebraica, que é um clube social, cultural, recreativo e esportivo que fica no bairro Jardim Paulistano, em São Paulo. Em geral, os associados são membros de famílias pertencentes a comunidade judaica. Rimar recorda de encontros de seu pai com outros surdos, mas que eram oralizados, não fazendo uso de língua de sinais. Ele acredita que há surdos judeus em outras localidades do Brasil, mas pela distância física fica inviável a institucionalização de uma comunidade envolvendo a língua brasileira de sinais. Menciona ainda que na cidade de Nova Iorque há rabinos surdos.

4.2.8 Igreja Messiânica Mundial

A Igreja Messiânica Mundial foi instituída no Japão, em 1935, por Mokiti Okada, ou Meishu-Sama, que significa Senhor da Luz. Em 1926, Meishu-Sama afirma que começou a receber de Deus as primeiras revelações sobre como eliminar os infortúnios que assolam o mundo e, nesse período, ele tomou conhecimento de que fora eleito para dar início à construção do Reino de Deus na Terra. No Brasil, a instituição possui mais de 500 unidades⁴².

Em comunicação pessoal, com Bruno Hassib⁴³, surdo, menciona ser religioso e frequentar a Igreja Messiânica Mundial do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro – RJ. Na instituição, participa dos cultos, de atividades voluntárias como ornamentação e limpeza

⁴¹O Rimar Ramalho Segala é surdo, filho de pais surdos e possui outros familiares surdos. Nasceu e cresceu na cidade de São Paulo, mas atualmente vive em São Carlos-SP e trabalha como professor na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). A conversa com o professor Rimar Segala foi realizada em 05 de julho de 2021.

⁴²Disponível em: <<https://www.messianica.org.br/nosso-fundador>>. Acesso em 31/01/2022.

⁴³A conversa com Bruno Pereira Hassib foi realizada em 05/07/2021.

da Igreja, atividades de caridade e promove cursos de Libras. Por iniciativa da família, cresceu nesse ambiente religioso, sendo o único surdo da instituição e sem intérprete de língua de sinais.

Ao conhecer um culto de denominação evangélica, Bruno Hassib ficou admirado com a grande quantidade de surdos e de intérpretes. Em 2005, teve a iniciativa de convidar uma amiga para interpretar os cultos da Igreja Messiânica Mundial que passou a atuar como intérprete de Libras voluntária. Atualmente, há duas intérpretes de Libras e 10 surdos frequentando as atividades da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, no Rio de Janeiro. Na cidade de São Paulo – SP também há frequentadores surdos e cinco intérpretes de Libras voluntários.

Os cultos da Igreja Messiânica Mundial do Brasil são transmitidos pelo seu canal na rede social Facebook e há a janela de interpretação para a Libras⁴⁴.

4.2.9 Candomblé

Na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), há o projeto de pesquisa e extensão, intitulado *Construindo o Saber Edé Lami* e coordenado pelo professor de Libras Wemerson Silva⁴⁵, que atua na instituição.

O objetivo do projeto é discutir com as comunidades surdas a respeito do negro, da cultura afro-brasileira e africana, colaborar na criação de sinais-termo relacionados à cultura e às religiões de matriz africana, principalmente na área do Candomblé, e disseminar os estudos afro-brasileiros e africanos em Libras. De acordo com o professor Wemerson Silva, esse projeto é fundamental para a sociedade brasileira, pois permite o acesso a questões culturais e religiosas, além do acesso a questões específicas da cultura africana por sinalizantes surdos. Sem um vocabulário especializado, é muito comum o uso da datilologia, o que pode levar a uma omissão do conteúdo requisitado pela significação.

Atualmente o projeto possui um glossário com sinais-termo dos orixás em Libras e pretende ampliar esse acervo envolvendo a culinária, paramentos dos orixás e outros

⁴⁴Disponível em: <https://www.facebook.com/messianica/?_rdc=1&_rdr>. Acesso em: 05/07/2021.

⁴⁵Entrevista realizada com o professor Wemerson Silva, em que faz uma apresentação dos objetivos e relevância do projeto para a disseminação da cultura afro-brasileira e africana no Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zihbXiT6-yg>>. Acesso em: 06/02/2022.

elementos do contexto do Candomblé. Esse glossário, ilustrado na Figura 41, está disponível em um canal do YouTube⁴⁶, de acesso livre.

Figura 42 - Glossário Axé Libras (Projeto de pesquisa e extensão Edé Lami)



Fonte: Axé Libras. Imagem disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=YBGbQtclYR4>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2022.

Neste capítulo, apresentamos a atuação de agentes religiosos enquanto política linguística que favorece a circulação da Libras em seus respectivos espaços de atuação. Estamos seguros de que há diversas iniciativas que não foram contempladas neste capítulo. O Capítulo III, a seguir, apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos em relação ao levantamento de informações, análise de dados e sistematização dos resultados da pesquisa. Esta é uma pesquisa quali-quantitativa cujo método acontece por observação-participante, análise de documentos e entrevistas semi-estruturadas.

5.1 Contato com as instituições participantes e autorização para a pesquisa

A pesquisa envolve a descrição de fatores que favorecem a disseminação e padronização de novos sinais-termo relacionados ao contexto bíblico, a partir de quatro Grupos de Trabalho, vinculados à denominação evangélica e que são constituídos por surdos em sua maioria. Os grupos de trabalho são:

(1) *Clamor do Silêncio*, responsável pela elaboração e publicação da obra impressa de mesmo nome, considerada o primeiro glossário de sinais-termo no contexto

⁴⁶Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YBGbQtclYR4>>. Acesso em: 06/02/2022.

bíblico da Igreja Evangélica Batista. Esta obra foi publicada pela Junta de Missões Nacionais (JMN) da Convenção Batista Brasileira (CBB), em 1991;

(2) *Manuário Sinais Bíblicos* (MSB), composta por colaboradores surdos e responsável pela criação de sinais-termo no âmbito do contexto bíblico;

(3) *DOT Brasil*, composta por tradutores/atores surdos e intérpretes ouvintes que realizam a tradução do livro Bíblia Sagrada para a língua brasileira de sinais. O *DOT Brasil* abrange também a equipe *Glossário DOT Brasil*, responsável por criar sinais-termo no contexto bíblico;

(4) *Sinalário Bíblico* (SB), composta por dois pastores surdos, colaboradores surdos e alguns teólogos surdos, responsável pela criação de sinais-termo bíblico, junto com apoiadores ouvintes e alguns teólogos ouvintes responsáveis pela tradução do grego para português (escrito) e do português para a Libras.

Inicialmente, em relação ao (1) *Clamor do Silêncio*, o levantamento de informações acontece a partir de análise documental, que envolve a análise de uma entrevista realizada com os dois integrantes, de domínio público e disponível na plataforma Instagram. Fizemos contato com os responsáveis dos três outros Grupos de Trabalho, a saber, (2) *Manuário Sinais Bíblicos*, (3) *Glossário DOT Brasil* e (4) *Sinalário Bíblico*, pois estão ativos. Explicamos os objetivos desta pesquisa e a relevância dos achados para compreendermos como se dá os processos de nosso interesse de investigação. Obtivemos a anuência e autorização dos responsáveis para a realização da pesquisa.

5.2 Observação participante

De acordo com Mónico et al (2017), a observação participante é um método de investigação qualitativa que possibilita o pesquisador obter uma perspectiva holística e natural do objeto de investigação. Neste caso, a observação participante está dentro de uma abordagem de investigação etnográfica, em que o observador participa ativamente das atividades envolvidas na coleta de dados, pois precisa se adaptar à situação e partilhar dos papéis e dos hábitos dos grupos observados, a partir de situações e comportamentos que provavelmente não aconteceriam (ou que seriam sensivelmente alterados) na presença de estranhos.

Nesse caminho, um observador é considerado participante quando se integra num grupo e na vida do mesmo. Uma importante característica neste processo é o grau de envolvimento do pesquisador com as pessoas e nas atividades observadas.

Esta investigação é conduzida por uma pesquisadora surda que participou de dois dos quatro grupos de trabalho, (2) *Manuário Sinais Bíblicos – MSB* e (3) *Glossário DOT Brasil*, o que pôde proporcionar uma visãoêmica na descrição das atividades destes grupos. Mais uma vez, a observação participante possibilita o pesquisador obter uma perspectiva holística sobre o fenômeno observado.

A pesquisadora participou de atividades, compartilhou normas e seguiu procedimentos em relação às atribuições e objetivos dos grupos. No grupo de trabalho *Manuário Sinais Bíblicos – MSB*, a pesquisadora atuou como colaboradora nas atividades de discussão e validação de novas propostas de sinais-termo. No grupo *Glossário DOT Brasil*, a pesquisadora ocupou o cargo de consultora linguística⁴⁷ e tradutora, responsável pela avaliação dos materiais produzidos. Essas funções são detalhadas no Capítulo 4.

Atualmente, a pesquisadora está afastada temporariamente dessas atividades, mas, mesmo afastada, continua mantendo contato com os demais participantes. Para auxiliar com a triangulação da pesquisa, há também um resgate das memórias da pesquisadora em relação aos procedimentos e regras que norteiam as atividades.

Ainda em relação à observação participante, foram observados dois cultos em Libras, cuja pregação foi realizada por um pastor surdo e transmitida ao vivo nas Plataformas do Facebook e do YouTube, por causa da pandemia. Durante essa observação, identificamos as estratégias utilizadas pelos líderes da pregação (pastores, missionários etc.) para a incorporação desses sinais em seus discursos.

5.3 Análise de documentos

Além da observação participante, o levantamento de informações para a geração de dados da pesquisa envolve a análise de documentos. Para isso, analisamos alguns documentos que são vinculados aos grupos de trabalho, tais como orientações

⁴⁷A tarefa do consultor é analisar a estrutura da Libras na tradução da Bíblia Sagrada português (escrito) para Libras, fazer revisão, orientar e avaliar as traduções bíblicas por surdos cristãos para validar a atingir os resultados desejados por meio das orientações dadas em Libras e aperfeiçoando conceitos de sinais-termo bíblicos em Libras.

institucionais, livros, glossários, entrevistas publicadas, bem como as redes sociais dessas instituições.

Os documentos são analisados a fim de que percebamos o perfil institucional das equipes de trabalho e de que forma isso favorece a disseminação e padronização de novos sinais-termo relacionados ao contexto bíblico.

O levantamento de informações sobre o grupo (1) *Clamor do Silêncio* acontece a partir da análise de uma *Live* com os dois integrantes que fizeram parte deste grupo, o diácono Valdecir Menis e o missionário Salomão Dutra Lins, ambos surdos.

A *Live* está disponível no Instagram @versionemlibras⁴⁸ e aconteceu no dia 30 de maio de 2020, com 2 horas e 30 minutos de duração, aproximadamente. O tema da conversa está relacionado ao processo de criação dos sinais, a publicação do livro *Clamor do Silêncio*, o surgimento do grupo Manuário Sinais Bíblicos (MSB) e a participação deles neste grupo. Esse documento foi produzido com o objetivo de registrar e disseminar a história de trabalho desses participantes. O segundo documento analisado é a própria obra referida acima.

Em relação ao Grupo de Trabalho (2) *Manuário Sinais Bíblicos – MSB*, os documentos analisados foram os informes disponíveis no site da instituição⁴⁹ e nas redes sociais *Facebook*⁵⁰ e *Instagram*⁵¹, além do repositório na Plataforma do *YouTube*⁵² com as regras do grupo de trabalho e de uma apostila publicada de maneira impressa e disponível em PDF. A Figura 37 ilustra uma imagem desta publicação.

⁴⁸Disponível em: < <https://www.instagram.com/versionemLibras/> >. Acesso em: 10/06/2020.

⁴⁹Disponível em:<<https://www.manuariosinaisbiblicos.com/>>. Acesso em: 09/02/2021.

⁵⁰Disponível em: <<https://www.facebook.com/Manuariosinaisbiblicos>>. Acesso em: 09/02/2021.

⁵¹Disponível em: <<https://www.instagram.com/manuariosinaisbiblicos/>>. Acesso em: 09/02/2021.

⁵²Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLEZECKZAEvm2TVYlaam6ImbwO8ya7X368>>. Acesso em: 09/02/2021.

Figura 43 - Imagem da capa da apostila publicada pelo MSB



Fonte: Fonte: Apostila do Manual Sinais Bíblicos – MSB.

No que se refere ao grupo de trabalho (3) *DOT Brasil*, analisamos dois canais do *YouTube*, cada um com características e demandas específicas, a saber: o canal Glossário DOT Brasil⁵³ e o canal Bíblia DOT⁵⁴. Analisamos também a página no *Facebook*⁵⁵, a conta no *Instagram*⁵⁶ (disponível em @dotlibras) e o site da instituição⁵⁷.

Em relação ao grupo de trabalho (4) *Sinalário Bíblico – SB*, analisamos o canal de *YouTube*⁵⁸ e o repositório das regras do grupo, disponível na Plataforma do Google Drive⁵⁹. Este repositório do SB contém 35 diretrizes, em língua portuguesa, para o novato participar do grupo SB, conhecer as regras, manifestar concordância e assumir o compromisso de trabalho junto à equipe. Analisamos também uma entrevista, disponível publicamente, com os pastores surdos Nilton Sá Damasceno e Flávio Eduardo Castellar, e com os administradores surdos Francisco Edson Martins Júnior, Mauricio Barreto Silva

⁵³O canal do *YouTube* chamado Glossário DOT Brasil está disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC13Ls2u8g6cpG7B_QxI_pvg>. Acesso em: 09/02/2021.

⁵⁴O canal do *YouTube* chamado Bíblia DOT Brasil está disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCmqg8Qxi1zdWlBwB7zHl-DQ>>. Acesso em: 09/02/2021.

⁵⁵A página do *DOT Brasil* no *Facebook* está disponível em: <<https://www.facebook.com/DotLibras>>. Acesso em: 09/02/2021.

⁵⁶A conta do *DOT Brasil* no *Instagram* está disponível em: <<https://www.instagram.com/dotLibras/>>. Acesso em: 09/02/2021.

⁵⁷O site institucional do DOT Brasil está disponível em <<https://dotbrasil.org/>>. Acesso em: 09/02/2021.

⁵⁸O canal do *YouTube* chamado Sinalário Bíblico está disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCLhJ4G4OSWLPcVTapwWAPsg/videos>>. Acesso em: 23/03/2022.

⁵⁹Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1oUzOVJWLNe_pJ-T0aBfTy4wefYelqaY8/view>. Acesso em: 01/02/2022.

e Hellen Pereira Lima, além das redes sociais do Sinalário Bíblico, a página no *Facebook*⁶⁰ e no *Instagram*⁶¹.

Dessa maneira, o levantamento de informações para a geração de dados sobre grupos (1) *Clamor do Silêncio (JMN)*, (2) *Manuário Sinais Bíblicos – MSB*, (3) *Glossário DOT Brasil*, (4) *Sinalário Bíblico – SB*, envolveu a análise de documentos disponíveis nos sites institucionais e nas redes sociais dos grupos, livros, glossários e entrevistas de caráter público.

5.4 Entrevista

Entrevistas foram realizadas com participantes surdos (um fundador de MSB, um pastor de MSB, o diretor geral de DOT Brasil e um coordenador do Glossário DOT Brasil) do grupo de trabalho (2) *Manuário Sinais Bíblicos – MSB* e do grupo de trabalho (3) *Glossário DOT Brasil* para o levantamento e análise de dados e, dessa forma, contemplar os objetivos da pesquisa. Escolhi os surdos porque a comunidade surda cristã é minoritária e há exclusão da minoria linguística surda cristã. Assim, busquei privilegiar a identidade surda cristã e, simultaneamente, contrapor a ausência de protagonismo do surdo religioso, porque vivi uma época muito difícil para o protagonismo de surdos no âmbito religioso, como narrei na introdução sobre haver no meio religioso desrespeito à língua dos surdos, um pensamento fixo de "curá-los" ou "acusá-los de terem demônios". Parte dos ouvintes ainda insiste em "cuidar" do surdo, por falta de conhecimento da identidade surda, por falta de confiança nos surdos como líderes e também por não entenderem que há uma comunidade surda cristã atuante. Por isso, esses grupos de trabalho representam a comunidade surda cristã e, atualmente, estes surdos são protagonistas cristãos.

Optamos por não entrevistar os fundadores do grupo de trabalho (1) *Clamor do Silêncio* e membros do grupo de trabalho (4) *Sinalário Bíblico – SB*, porque dispomos de entrevistas de caráter público, que acreditamos atender às demandas deste estudo. No caso do *Clamor do Silêncio*, a entrevista disponível é com o Diácono Valdecir Menis e o missionário Salomão Lins, e no caso de *Sinais Bíblicos*, a entrevista disponível é com os

⁶⁰A página do Sinalário Bíblico - SB no *Facebook* está disponível em <<https://www.facebook.com/sinalariobiblico/>>. Acesso em 29/07/2021.

⁶¹A página do Sinalário Bíblico - SB no *Instagram* está disponível em <<https://www.instagram.com/sinalariobiblico/>>. Acesso em 09/02/2021.

pastores surdos Nilton Damasceno e Flávio Castellar e com os colaboradores Edson Júnior, Maurício Silva e Hellen Lima.

Nos grupos (2) *Manuário Sinais Bíblicos* – MSB e (3) Glossário *DOT Brasil*, entrevistamos dois participantes efetivos surdos de cada um dos grupos, que possuem experiência nas atividades desenvolvidas e que tenham participação ativa no ministério com surdos. Dessa forma, fizemos entrevistas com o pastor surdo, Josiel de Paiva Teixeira e o fundador surdo, Marcos Kleber de Oliveira do MSB⁶². Entrevistamos também o pastor surdo e diretor geral do projeto DOT Brasil, Paulo Sérgio de Jesus Oliveira e o coordenador surdo do Glossário DOT Brasil, Gabriel Gonçalves Corbacho.

As entrevistas aconteceram de maneira individual, em datas diferentes e de maneira remota. Foram duas lives no Instagram do @versionemlibras com MSB e CS, porque a pesquisadora e os entrevistados moram em estados diferentes, por isso preferimos fazer lives no Instagram, também aconteceu a pandemia (2020). A live no Instagram do @sinalariobiblico foi apresentada ao público. A entrevista com o DOT Brasil foi privada, pelo Zoom Meeting, porque havia um enorme questionário e seria necessário muito tempo. Os participantes foram esclarecidos em relação aos objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas seguiram um roteiro previamente estabelecido, localizada nos Apêndices A, B e C.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados da análise de dados. O capítulo está dividido em três seções.

Na primeira seção, intitulada *Grupos de Trabalho e suas características organizacionais*, apresentamos o perfil organizacional do (1) *Clamor do Silêncio*, (2) *Manuário Sinais Bíblicos*, (3) *Glossário DOT Brasil* e (4) *Sinalário Bíblico*, com o objetivo de evidenciar fatores que favorecem disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas.

Na segunda seção, intitulada de *A necessidade de novos sinais-termo no contexto bíblico*, discutimos alguns fatores que favorecem o surgimento de novas unidades terminológicas sinalizadas, a partir da percepção dos Grupos de Trabalho sobre a noção

⁶²As entrevistas com os um pastor surdo e um fundador surdo do MSB estão disponíveis nos links em: <https://www.instagram.com/tv/CBG6DMMJFBm/?utm_source=ig_web_copy_link> Parte (1) e <https://www.instagram.com/tv/CBG-_tMJ0_t/?utm_source=ig_web_copy_link> Parte (2). Acesso em: 05/02/2021.

de sinais conceitualmente embasados (conceito visual), de heresia e a resistência de sinais inicializados.

Por fim, na última seção, intitulada *Disseminação de novas unidades terminológicas*, apresentamos as plataformas de suporte e a atitude e discurso de missionários que favorecem a difusão de sinais-termo.

6.1 Grupos de Trabalho e suas características organizacionais

A demanda por sinais-termo no contexto bíblico emerge a partir da participação de surdos em atividades das igrejas que, neste caso, mencionamos um protagonismo surdo nessas instituições. Nesse sentido, mencionamos também um protagonismo surdo no processo de reflexão e de criação de sinais-termo. Nas falas, há um reforço da cultura surda e da Libras como a primeira língua dos surdos, o que os legitima nessa posição.

Todos os Grupos de Trabalho surgem a partir da necessidade de criação, disseminação e padronização de sinais-termo no contexto bíblico. Em todos eles, há um protagonismo surdo nas atividades. O Grupo de Trabalho (1) *Clamor do Silêncio* marca o início desse empreendimento, em que a língua de sinais circula de maneira mais intensa nas instituições religiosas, bem antes do reconhecimento legal da Libras.

Nos Grupos de Trabalho mais recentes, (2) *Manuário Sinais Bíblicos*, (3) *Glossário DOT Brasil* e (4) *Sinalário Bíblico*, a necessidade de criação, padronização e disseminação de sinais-termo permanece, acrescido da necessidade de reflexão e estudo de conceitos atrelados ao termo para subsidiar a emergência de sinais com parâmetros que reflitam visualmente esses conceitos, ou seja, que os sinais sejam conceitualmente embasados.

Nesse sentido, surge a necessidade de sinais conceitualmente embasados, sem que façam exclusivamente referência ao nome em língua portuguesa. Surge também, no discurso dos organizadores dos Grupos de Trabalhos pesquisados, a ideia de que novos conceitos exigem novas formas lexicais, o que vai ao encontro da terminologia enquanto linguagem de especialidade. Além disso, reforçando esse princípio, mais especificamente no Grupo de Trabalho (4) *Sinalário Bíblico*, está a noção de que é necessário sinais-termo adequados para a compreensão do contexto bíblico e religioso de maneira também adequada. Caso contrário, há o risco indesejado de criar ou disseminar uma heresia ou blasfêmia.

Para a disseminação e padronização dos novos sinais-termo, os Grupos de Trabalho organizam glossários em vídeo e disponibilizam em redes sociais, considerando plataformas digitais. A seguir, apresentamos o perfil institucional de cada um desses Grupos de Trabalho.

6.1.1 Clamor do Silêncio (JMN)

As informações sobre o grupo *Clamor do Silêncio*, que ora apresentamos, foram obtidas a partir da análise de uma *live* realizada com os dois integrantes que fizeram parte deste grupo o diácono Valdecir Menis e o missionário Salomão Lins no @versinemlibras⁶³ do Instagram.

Na década de 1980, o diácono Valdecir Menis e o missionário Salomão Lins, ambos surdos vinculados à Igreja Batista, foram os primeiros a sistematizar a criação de sinais-termo no contexto bíblicos que, desde então, passaram a circular nas atividades atreladas a essa denominação.

De acordo com Valdecir Menis (2020), a sua participação na Igreja Evangélica e a sua identificação com aquele contexto o levaram a perceber a necessidade de sinais para termos da Bíblia. Para atender essa demanda, ele organizou uma lista de itens lexicais em língua portuguesa, que circulavam nesse contexto, com a proposta de fazer um levantamento de sinais correspondentes, pois considerava ser importante a criação, padronização e difusão de sinais bíblicos em Libras.

A participação nas atividades da Igreja Batista continuava e foi seguida de novas reflexões sobre a necessidade de mais sinais específicos no contexto bíblico. Dessa forma, a lista lexical foi sendo ampliada e foram criados sinais para atender a esta demanda. Alguns dos sinais que compuseram essa proposta inicial foram retirados do livro *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969), que contém um glossário de sinais-termo do contexto bíblico. Mas, grande parte dos sinais da nova lista foram criados por Valdecir Menis. O quantitativo de novos sinais criados totalizou 200 sinais, em meados de 1982.

Em um segundo momento, houve o desafio de ilustração dos sinais. A possibilidade de fotografar não estava disponível, por causa do custo desse procedimento à época. Inicialmente, era inviável o desenho manual dos sinais, pois, embora tentasse,

⁶³As informações com os surdos, ex-integrantes do CS estão disponíveis nos links em: <https://www.instagram.com/tv/CA1NKiyJIEz/?utm_source=ig_web_copy_link> Parte (1) e <https://www.instagram.com/tv/CA1UHAPIJc_/?utm_source=ig_web_copy_link> Parte (2). Acesso em: 23/03/2022.

Menis não tinha habilidade suficiente para a tarefa. Nesse período, Valdeci Menis conheceu Salomão Lins que começava participar das atividades da Igreja Batista. Salomão era artista e trabalhava com pinturas e ilustrações. Daí veio o convite para que ilustrasse os sinais-termo criados.

No início da década de 1980, Salomão Lins menciona que trabalhava com arte visuais, mas especificamente pinturas, sendo uma importante fonte de renda. Até então, não conhecia a língua de sinais e frequentava cultos de uma Igreja em que não havia intérpretes. Mas, teve a oportunidade de visitar um culto em uma outra instituição em que havia aproximadamente 40 surdos e a presença de intérpretes. Lins mencionou também a oportunidade de conhecer o pastor Silas Andrade, ouvinte, que pregava em língua de sinais.

Ao se conhecerem, Valdecir Menis se torna uma referência linguístico-cultural para Salomão Lins, tanto na aquisição de língua de sinais, quanto no aprendizado do contexto bíblico-cristão. Em uma parceria, Valdecir Menis criava sinais-termo, relacionados a esse contexto, e Salomão Lins os ilustrava. No processo de ilustração dos sinais, ressalta a ausência de tecnologias digitais para essa empreitada. Esse trabalho se estendeu ao longo de 3 anos.

O missionário Salomão Lins se mudou de Campinas-SP para Curitiba-PR e todo o material de ilustração produzido seguiu com ele. Na nova cidade, teve a oportunidade de apresentar o trabalho realizado para a JUERP (Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção⁶⁴), instituição fundada pela Convenção Batista Brasileira (CBB) e cuja existência está atrelada ao estudo bíblico que acontece aos domingos nas igrejas batistas. Posteriormente, o material foi apresentado à JMN (Junta de Missões Nacionais), no Rio de Janeiro. Desse encontro, houve diversos encaminhamentos, que envolveram a participação de missionários, grupo de avaliação e de validação, aprovando a publicação do material apresentado por Salomão Lins. A JMN revisou as ilustrações e ficou responsável pelo processo gráfico e editoração da obra.

A partir de um projeto coordenado por Marília Moraes Manhães (ouvinte, missionária e intérprete de Libras), a obra *Manual de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio* (JMN, 1991) foi publicada e distribuída para as instituições que desenvolviam o Ministério com Surdos, por todo o Brasil.

⁶⁴Disponível

em:

<https://pt.everybodywiki.com/Junta_de_Educa%C3%A7%C3%A3o_Religiosa_e_Publica%C3%A7%C3%B5es> Acesso em: 07/07/2021.

A autoria ficou apenas com o nome de Salomão Lins, que atribui à sua inexperiência e ingenuidade sobre produção gráfica e autoral o motivo de Valdecir Menis não ter sido referenciado como autor. Salomão Lins reconhece Valdecir Menis como o criador dos sinais, sendo o pai da publicação de sinais-termo na denominação batista.

A estratégia de criação de sinais-termo a partir da escrita em língua portuguesa evidencia, talvez, o período de prevalência do Oralismo e da Comunicação Total na educação de surdos, em que, neste último caso, a língua de sinais é meio para acesso à língua oral. Importante ressaltar também, conforme Faulstich (2018), que as linguagens de especialidade em língua de sinais, considerando o contexto brasileiro, geralmente surgem a partir do português.

Na próxima seção, apresentamos os procedimentos institucionais do *Manuário Sinais Bíblicos*, que surge como uma continuação do *Clamor do Silêncio*.

6.1.2 Manuário Sinais Bíblicos (MSB)

O Manuário Sinais Bíblicos (MSB) surgiu como uma proposta de dar continuidade à proposta inicial do grupo que criou o Clamor do Silêncio. De um trabalho de dois surdos, surgiu uma equipe composta por aproximadamente 30 surdos (incluindo pastores e missionários) de várias regiões do Brasil, que passaram a compartilhar conhecimento, discutir conceitos e apresentar propostas de novos sinais.

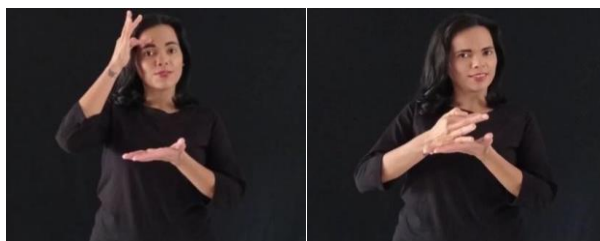
O diácono Valdecir Menis participa do grupo de trabalho MSB no processo de criação de novos sinais. Observou a mobilização da equipe em busca de um conceito para motivar os novos sinais que estão sendo criados, mas ressalta que muitos sinais estão sendo criados para conceitos que já possuem uma unidade terminológica correspondente. Segundo Valdecir Menis, é preciso respeitar a terminologia já existente, inclusive registrada e publicada em obra, e não apenas substituir por novos sinais. Muitos não fazem uma busca em dicionários e outras obras em Libras para verificar a existência de sinais-termo para a proposta em discussão, etapa prevista em um grupo de trabalho com essa proposta (FARIA-NACIMENTO, no prelo). Ele ressalta que essa foi uma preocupação quando surgiu o esboço do que posteriormente seria a obra *Manual de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio*. Na época, conforme mencionado, houve uma consulta da obra *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969).

Infelizmente, alguns não têm interesse em verificar o léxico existente e desconsideram os sinais que, até então, estão sendo utilizados. Novamente, há sinais para determinados conceitos que estão em circulação, inclusive em obras de outras denominações, não sendo necessário essa proposta desenfreada de “substituição” de novos vocábulos. (Valdecir Menis, 2020, nossa tradução).

Ainda de acordo com Valdecir Menis (2020), hoje existe uma variação linguística em relação aos sinais-termo no contexto bíblico, no que se refere às atividades vinculadas à Igreja Batista. É importante uma certa padronização e, para isso, é importante a busca por materiais católicos e evangélicos, como o Manual *de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio*. Mas, ainda são poucos os sinais-termo e, por isso, há a necessidade de publicação de novos materiais. A seu ver, os sinais registrados devem continuar em circulação e, para os conceitos que ainda não tem correspondentes em Libras, devem ser criados sinais.

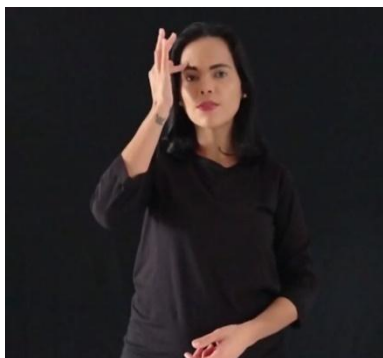
Assim como Valdecir Menis, Salomão Lins também participa do MSB e ressalta a necessidade de estudar o conceito relacionado ao termo para, daí, surgir uma proposição de um sinal-termo. Da mesma forma, reconhece a variação terminológica e que essa precisa ser respeitada. O sinal de FÉ, por exemplo, que faz parte do léxico comum, mas que possui um significado especializado no contexto religioso, demandou do MSB validar um sinal-termo dentre as variantes. A proposta é que o sinal-termo para FÉ, em seus parâmetros, contemple a noção de que Deus está presente, embora a pessoa não o veja. Mas, caso outras formas sejam utilizadas, não é preciso haver uma “substituição” de sinais, pois se trata de variação terminológica que precisa ser respeitada. As Figuras 44, 45, 46 e 47 ilustram as variações de FÉ. A última figura ilustra o sinal de FÉ que foi validade e registrado pelo MSB.

Figura 44 - Sinal-termo de FÉ (1)



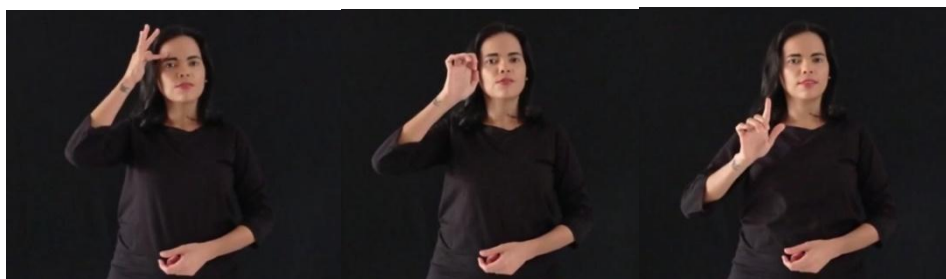
Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em: <<https://youtu.be/R7gac4bTGcU>>. Acesso em: 23 de março de 2022.

Figura 45 - Sinal-termo de FÉ (2)



Fonte: dados da pesquisa (2022).
 Imagem disponível em:
 <<https://youtu.be/qFjmlVMIADw>>
 . Acesso em: 23 de março de 2022

Figura 46 - Sinal-termo de FÉ (3)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em:
 <https://youtu.be/89Bq_3Hpgbc>. Acesso em: 23 de março de 2022

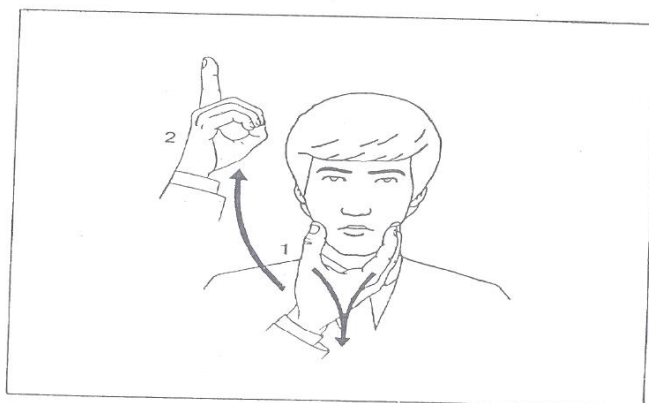
Figura 47 - Sinal-termo de FÉ (4)



Fonte: MSB (2015). Imagem disponível em:
 <<https://youtu.be/5F5P8PQXD4E>>. Acesso em: 23 de março de 2022.

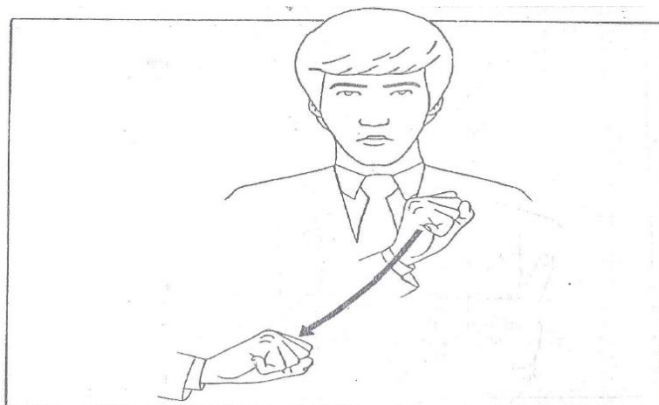
Ainda em relação à variação lexical, Salomão Lins menciona o sinal de SENHOR, que apresenta três variações na obra *Manual de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio*, que o MSB valida a forma que é articulada na região da têmpora. As variações podem ser vistas nas figuras a seguir.

Figura 48 - Sinal-termo de SENHOR (1)



Fonte: CS (JMN, 1991)

Figura 49 - Sinal-termo de SENHOR (2)



Fonte: CS (JMN, 1991)

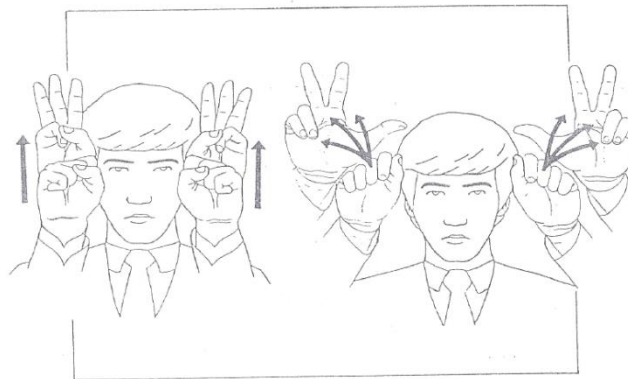
Figura 50 - Sinal-termo de SENHOR (3)



Fonte: Dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em: <<https://youtu.be/JiSF-EsO5io>>. Acesso em: 23 de março de 2022

Há também situações de variação fonológica, como o sinal de MOISÉS. A consequência é uma variação terminológica. No manual, não havia uma explicação que este sinal apresenta duas variantes, parecendo que as duas unidades formas um sinal composto que deveriam ser articulados em sequência para significar MOISÉS.

Figura 51 - Sinal-termo de MOISÉS (1)



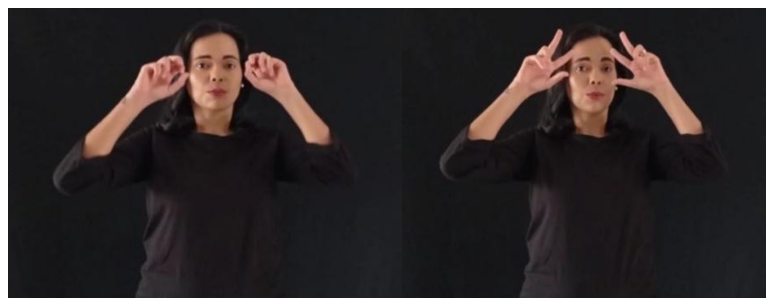
Fonte: CS (JMN, 1991).

Figura 52 - Sinal-termo de MOISÉS (2)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em:
<<https://youtu.be/AdfLwCfkb70>>. Acesso em: 23 de março de 2022

Figura 53 - Sinal-termo de MOISÉS (3)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em:
<<https://youtu.be/Pqwf22QOIIY>>. Acesso em: 23 de março de 2022

Figura 54 - Sinal-termo de MOISÉS (4)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em: <<https://youtu.be/flk4fyRJVsy>>. Acesso em: 23 de março de 2022

O MSB é fruto de um Grupo de Trabalho com colaboradores surdos de denominações evangélicas, idealizado com o objetivo de implementar o processo de criação, validação, registro e disseminação de novos sinais-termo no contexto bíblico. O grupo é formado por pastores surdos, missionários surdos, líderes surdos, professores surdos da Escola Bíblica Dominical e um linguista surdo, de várias as regiões do Brasil. Em 2015 os surdos criaram um grupo fechado no WhatsApp, chamado *Manuário Sinais Bíblicos* (MSB).

Conforme mencionado, o grupo foi criado em 2015 como uma estratégia de ampliar o repertório de sinais-termo do Clamor do Silêncio. Nesse processo, emergiram novos sinais-termo com o intuito de trazer novas possibilidades à datilologia. Por mais que o grupo tenha essa proposta de criar sinais de maneira que a forma dos parâmetros esteja icônicamente atrelada ao conceito, os integrantes sabem o valor da obra Clamor do Silêncio. É uma obra que traz um registro importante sobre a língua brasileira de sinais no contexto religioso.

O MSB possui publicação disponível⁶⁵ em vídeo em que apresenta o termo em língua portuguesa, o sinal-termo e sua motivação. Conforme sugere Marcos Kleber, a primeira obra sobre sinais-termo em Libras no contexto religioso, de grande circulação, foi *Linguagem das mãos* (1969), seguida de *Clamor do Silêncio* (JMN, 1991) e *Linguagem de sinais* (TJ, 1992). Talvez, o glossário publicado pelo MSB seja a quarta obra.

Marcos Kleber de Oliveira é um dos fundadores do MSB e, de acordo com o seu depoimento sobre o início das atividades em 2015, menciona uma conversa com o pastor Nilton Sá Damasceno como o início da proposta do MSB. O pastor Nilton Damasceno

⁶⁵Disponível em: <<https://www.manuariosinaisbiblicos.com/>>. Acesso em: 11/01/2022.

reside em Salvador – BA e, na época, falou da dificuldade dos surdos em ler a Bíblia e da necessidade de criação de sinais-termo. Desse contato inicial surge a proposta de criação do Grupo de Trabalho Manuário Sinais Bíblicos, envolvendo pastores surdos, líderes surdos e missionários surdos de outros estados. Entre os convidados está o pastor surdo Gustavo Gartner, pela sua experiência na elaboração do Manuário Acadêmico do INES⁶⁶, no Rio de Janeiro. O pastor Gustavo sugeriu o nome “Manuário Sinais Bíblicos”, que teve início com três integrantes. Assim, o pastor Nilton Damasceno foi o semeador e o Marcos Kleber disseminador da semente. Atualmente, o grupo é composto por 43 membros (2020).

A metodologia de criação, validação e registro de sinais-termo bíblicos adotada pelo MSB busca legitimar o povo surdo por entender que são eles os verdadeiros utentes da língua de sinais. No grupo de WhatsApp, os membros levantam as demandas, discutem conceitos religiosos e, posteriormente, propõem sinais-termo a partir dos conceitos apresentados.

A cada semana, é produzido um relatório que começa a ser elaborado na segunda-feira. Durante a semana, estuda-se conceitos, posta-se vídeos em Libras e discute-se possibilidades de sinais para que, até sexta-feira, haja propostas de sinais-termo. Na sexta-feira o relatório é concluído e, no sábado, as propostas de sinal são votadas e uma é aprovada. Na semana seguinte, inicia-se um novo relatório. As discussões são coordenadas por um dos administradores do grupo.

De acordo com pastor Josiel de Paiva Teixeira, entre as atividades do grupo está a análise e a discussão de versículos e de contextos, em diferentes versões da bíblia, incluindo o estudo da etimologia dos termos em hebraico e grego. Isso se faz necessário para a apreensão do conceito para, assim, criar propor forma condizente em Libras.

Josiel Teixeira ressalta ainda que as denominações religiosas possuem concepções e entendimento distintos e que essas especificidades refletem no repertório de sinais-termo.

Ainda em relação às atividades, é orientado que haja mais de uma proposta de sinal-termo, assim, não há nenhum um impasse, caso alguém não concorde ou fique neutro. Outra regra é que o surdo que não participar da etapa de discussão sobre a criação do sinal-termo e sua conceituação, não terá direito de votar. Se um sinal for aprovado,

⁶⁶Projeto Manuário Acadêmico do INES e Escolar de registrar e divulgar lexicais em Libras. É um dicionário acadêmico bilíngue. Disponível em: <<http://www.manuario.com.br/>>. Acesso em: 29/09/2021.

significa que o sinal é validado pelo grupo. Depois, o sinal é registrado e disseminado para que se torne padrão. Os dados são apresentados em um glossário bilíngue em Libras e em português.

O processo de criação de sinais-termo pelo grupo MSB tem como um de seus principais requisitos a participação exclusiva de surdos, com conhecimento profundo em Teologia. Não há a participação de ouvintes⁶⁷. As discussões acontecem em Libras e há a orientação de evitar longos textos em língua portuguesa, bem como copiar textos produzidos por ouvintes. Há um estímulo para que o surdo tenha autonomia na pesquisa, no estudo e entendimento dos conceitos atrelados ao termo. Não se pode prescindir da contribuição da linguística em todo o processo de criação dos sinais-termo. É preciso reconhecer a importância da relação de interdependência entre as ciências, durante o processo de criação dos sinais.

A entrada de novos integrantes precisa de uma aprovação prévia. Os administradores do grupo MSB fazem uma entrevista, avaliam o perfil do candidato e, após aprová-lo, autorizam a entrada no grupo MSB, procedimento que dura de uma a duas semanas. Uma das condições que os administradores do grupo impõem aos participantes é que assumam o seu papel de servir à igreja com dedicação. Nesse processo, o grupo é consultado se concorda e autoriza o novo integrante. O ingresso de novo integrante acontece no início da semana para que possa iniciar suas atividades junto com o início de um novo relatório.

O MSB possui participantes de todas as regiões do país, mas nem todos os estados estão representados. Recomenda-se que haja, no máximo, 5 participantes por estado. Os membros passam por uma entrevista e assinam um termo de compromisso em relação às normas do grupo.

Ainda em relação à atividade do MSB, Marcos Kleber ressalta a importância da participação da comunidade para a validação dos sinais, já que é o uso que vai determinar essa validação. A postura desse grupo de trabalho parece atender à proposta de Faria-Nascimento (no prelo), no que se refere ao processo de criação de sinais-termo responsável e consistente. Dentre as ações, a autora menciona o estudo do conceito atrelado ao termo, presença de especialistas, de linguistas, análise crítica das propostas de sinais-termo, validação acadêmica, registro e disseminação.

⁶⁷Para os surdos, a Libras é a língua da comunidade, pois a veem como uma representação cultural legítima de propriedade surda. (QUADROS, 2019, p. 39).

Segundo Marcos Kleber e pastor Josiel Teixeira há uma repercussão positiva dos novos sinais, que passa a ser disseminado em todos os estados do Brasil. A maioria dos intérpretes ouvintes que atuam nas igrejas manifestaram interesse pelos novos sinais e apresentaram demandas para a criação de novos. Mas, mencionam que o MSB não apresenta uma postura prescritiva. A padronização de sinais-termo é necessária, mas é um processo natural e que leva tempo. Por isso a importância do registro e da divulgação dos novos sinais-termo.

6.1.3 DOT Brasil

Em 2017, o *Deaf Owned Translation*, chamado DOT Brasil, teve início no país em parceria com o *Wycliffe Associates*, quando foi realizada a primeira oficina sobre tradução da Bíblia para Libras, em Brasília.

O DOT Brasil desenvolve a tradução do livro A Bíblia Sagrada para a Libras e parte do princípio do protagonismo surdo ao redor do mundo, a partir do trabalho distribuído em equipes pólo em algumas regiões do Brasil. Esse é um projeto de pesquisa e extensão vinculado e coordenado pela UniEvangélica, na cidade de Anápolis-GO, em parceria com missões, ministérios, Associação Educativa Evangélica (AEE), igrejas, pastores e líderes, tanto da comunidade surda quanto de instituições religiosas. Em 2019, o projeto DOT Brasil ganhou prêmio da Secretaria de Cultura do Distrito Federal⁶⁸.

A tradução do Novo Testamento está prevista para conclusão no prazo de três anos e a do Antigo Testamento no prazo de dois anos, entre os anos de 2020 e 2025. Em setembro de 2020, um mês de comemorações para os surdos, houve o lançamento do Evangelho de João em Libras, traduzida pelos surdos brasileiros.

O DOT Brasil é composto por várias frentes de trabalho, que envolve direção geral, conselho consultivo, coordenadores/gestores, tradutores e intérpretes (ouvintes), tradutores/atores surdos, cinegrafistas, maquiadores, editores e profissionais da comunicação, teólogos, linguistas e lideranças cristãs. O processo de tradução segue os onze passos (orientações) da metodologia⁶⁹ DOT: 1) Consumir/Ler, 2) Expressar, 3) Agrupar os versículos; 4) Primeiro rascunho (memorizar); 5) Auto verificação; 6)

⁶⁸Disponível em: <<https://dotbrasil.org/noticia/26/projeto-dot-brasil-ganha-premio-da-secretaria-de-cultura-do-distrito-federal>>. Acesso em: 14/02/2022.

⁶⁹Para conhecer mais, o detalhamento do processo está disponível em: <<https://bibleineverylanguage.org/processes/dot/>> em inglês e em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LP5PZhicEhY>> em Libras. Acesso em: 14/02/2022.

Verificação com outro; 7) Verificação de palavra-chave; 8) Segundo rascunho; 9) Verificação versículo por versículo; 10) Verificação pelo grupo (validação) e 11) Filmagem final. O produto é distribuído gratuitamente com direitos autorais abertos.

O projeto envolve também a elaboração de um glossário de sinais do contexto religioso, intitulado Glossário DOT Brasil⁷⁰. Durante o processo de tradução no contexto bíblico, algumas vezes, acontece a busca de sinais correspondentes ao que precisam traduzir. O Glossário DOT Brasil tem como referência o MSB, favorecendo um contexto pluri-denominacional. Mas, em algumas ocasiões, acontece a criação de sinais-termo.

Alguns desafios se apresentam, tais como a falta de tradutores surdos neste contexto religioso, a necessidade de formação de TILS (Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais) e formação em linguística. Em relação à competência referencial, não basta ter conhecimento sobre o contexto bíblico, é preciso conhecer aspectos da teologia e da linguística, além de áreas da terminologia.

O pastor surdo Paulo Sérgio de Jesus Oliveira é o coordenador geral do Projeto DOT Brasil, acompanhando tanto o trabalho de tradução das equipes distribuídas em polos, quanto a organização do Glossário DOT Brasil mais uma vez. O grupo é composto por pessoas de vários estados que se reúnem de maneira remota.

De acordo com o pastor Paulo Sérgio de Jesus Oliveira, a maioria das traduções disponíveis da Bíblia faz uso da soletração manual.

A falta de um sinal disponível nos desperta a necessidade de criar um novo sinal. Nesse processo, estudamos o conceito atrelado ao termo. Uma equipe composta de surdos discute durante esse processo de criação e disponibiliza para o tradutor surdo. Novamente, a necessidade surge para suprir as lacunas lexicais que geralmente são suprimidas pelo uso da datilologia. (Paulo Oliveira, 2021, nossa tradução).

Atualmente, a coordenação do Glossário DOT Brasil está sob a responsabilidade de Gabriel Gonçalves Corbacho, surdo, da Igreja Comunidade Shalom de Uberlândia – MG. As suas atribuições envolvem receber e analisar as demandas por sinais-termo dos pólos estaduais de tradução e promover discussões sobre conceitos e propostas de novos sinais. Cada polo de tradução é orientado a elaborar uma lista terminológica que demanda sinais em Libras. Assim como o pastor Paulo Oliveira, Gabriel Corbacho reforça que as lacunas lexicais preenchidas pela datilologia podem causar incompreensão pelo leitor surdo.

⁷⁰Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC13Ls2u8g6cpG7B_QxI_pvg>. Acesso em: 14/02/2022

Há também variação linguística da Libras. Nesse sentido, o grupo discute a realidade de cada um e faz uma negociação para chegar a um consenso e conseguir eleger um melhor sinal, que contemple o conceito e a linguística da língua de sinais.

Os entrevistados são cientes de que o acesso aos novos sinais no texto alvo, a Bíblia traduzida em Libras, podem causar incompreensão em um primeiro momento. Por isso a necessidade da criação de um glossário. Nesse glossário é explicitado como esse sinal é formado e a sua motivação.

Nas discussões sobre os conceitos, é preciso conhecer a história na Bíblia e relacionar esse conceito ao sinal-termo. Caso uma palavra tenha uma etimologia na língua grega ou latim, por exemplo, promove-se discussões com pastor e/ou teólogo para fundamentar a proposta de sinal. Então, os surdos estudam uma proposta para criar o sinal bíblico a partir do conceito, de forma que os parâmetros da língua o representem visualmente.

Inicialmente, os tradutores surdos fazem uma leitura focada para conhecer os nomes que ainda não possuem sinal na Libras. Em um segundo momento, fazem uma pesquisa sobre a história e as características de um lugar ou de uma personagem, a imagem das localidades e tudo isso compõe uma apresentação de slides para um grupo, onde existe intérpretes e surdos. Os integrantes discutem ali as pesquisas, também a origem do termo em língua grega ou língua hebraica. A criação do sinal segue principalmente um contexto histórico-cultural do antigo testamento ou do novo testamento para apresentar coerência ao final. O próximo passo é a filmagem no estúdio e, após as filmagens, o sinal é veiculado em um canal no YouTube. Geralmente, a busca e o estudo de informações sobre localidades, com posterior proposta de sinal, são mais fáceis. Esse mesmo processo sobre pessoas tende a ser mais demorado.

Mas, o grupo sempre faz uma pesquisa prévia nos glossários já existentes, como o Clamor do Silêncio, o Manuário Sinais Bíblicos (MSB), o Sinalário Bíblico (SB) e o Manuário Bíblia em Libras⁷¹. Este último é organizado pelo pastor ouvinte Adoniran Melo, de Curitiba-PR. Da mesma forma, há uma busca por sinais-termo em outras línguas de sinais. Mesmo havendo um sinal-termo disponível, seja em Libras ou em outras línguas de sinais, o grupo analisa se o termo é adequado no sentido de explicitar o conceito icônicamente e, caso seja considerado adequado, o sinal é validado pelo grupo.

⁷¹Manuário Bíblia em Libras com enfoque no cristianismo. O Pastor Adoniran Melo. Disponível em: <<https://gfycat.com/@bibliaemLibras>>. Acesso em: 21/10/2021.

O Glossário DOT Brasil não restringe a participação apenas para pessoas de denominação cristã, nem apenas para surdos, mas reconhece que a pessoa cristã está constituída de um conhecimento que faz parte da competência referencial necessária às atividades. A participação de colaboradores surdos e ouvintes é bem-vinda.

Atualmente, o responsável pelo glossário é surdo, Gabriel Corbacho. Nas atividades do grupo, geralmente os ouvintes explicam o conceito porque são teólogos e conhecem mais a língua grega e aramaica. A criação de sinais fica a cargo principalmente dos participantes surdos, embora os participantes ouvintes possam avaliar e opinar sobre as propostas. Há um protagonismo surdo nessas atividades.

O DOT Brasil possui um laboratório de Libras⁷² na UniEvangélica, em Anápolis – GO, que é o núcleo de desenvolvimento das atividades. O DOT Brasil publicou um material sobre a genealogia de Jesus, narrada no Evangelho de Mateus, Capítulo I, que também contou com a publicação de 33 novos sinais-termo bíblicos⁷³. O material completo em Libras está disponível no aplicativo DOT Brasil que pode ser visualizado no celular. Os textos dos versículos correspondentes estão disponíveis. Não há dublagem e não há legenda.

6.1.4 Sinalário Bíblico (SB)

O fundador do Sinalário Bíblico (SB), um grupo de WhatsApp, o pastor surdo Nilton Sá Damasceno, é pastor auxiliar da Igreja Batista Metropolitana (IBAM) em Salvador-BA. Ele é responsável pelo Ministério Resgate Surdos da IBAM. É licenciado em Letras Libras pela UFSC, no pólo da UFBA, e bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Nordeste (STBNE⁷⁴). Atualmente, estuda o curso de Bacharelado em Pós-graduação em Teologia e Interpretação Bíblica, pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPA⁷⁵) por EaD.

O pastor Nilton Damasceno é considerado fundador do MSB, pelas discussões com Marcos Kleber sobre a necessidade de novos sinais-termo relacionados ao contexto bíblico. Mas, nos primeiros meses, desistiu da participação no grupo por divergência na

⁷²Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KnYdSB9QEJg>>. Acesso em: 23/03/2022.

⁷³Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLIXVDWkho2SHrwdqbb_ugIRU1-BeNUmc8>. Acesso em: 23/03/2022.

⁷⁴Disponível em: <<http://www.stbne.org.br/site/index.php>>. Acesso em: 14/02/2022.

⁷⁵Disponível em: <<https://www.fabapar.com.br/graduacao-ead/bacharelado-em-teologia-ead/>>. Acesso em: 14/02/2022.

condução das atividades. Por isso, um novo grupo foi criado, chamado Sinalário Bíblico (SB) em 28 de agosto de 2020, com o objetivo de criar sinais-termo a partir de conceitos atrelados ao termo.

O Sinalário Bíblico (SB) surge do MSB e conta com alguns de seus antigos membros, seguindo também regras que consistem de normas de comportamento, compromisso de participação ativa no grupo e procedimentos para criação, votação e registro de sinais. O grupo tem um documento que traz também algumas noções de linguística, tais como os conceitos de iconicidade, arbitrariedade e signo linguístico. Importante observar que dentre as regras do grupo SB, há menção de que “a validação dos sinais será feita mediante a aceitação ou não dos sinais junto à Comunidade Surda” (SB, 2021, p. 5 – Art. 35).

De acordo com o fundador Pr. Nilton Damasceno, em Live realizada sobre o Sinalário Bíblico⁷⁶ em 2021, o grupo é administrado pelos colaboradores surdos, Pr. Flávio Castellar, Hellen Lima, Edson Júnior e Maurício Silva, além de colaboradores surdos e ouvintes de todo o Brasil.

As políticas linguísticas em relação à Libras, sobretudo a disseminação de estudos linguísticos promovidos pela academia na graduação e na pós-graduação, trouxeram novas reflexões sobre lexicologia e terminologia. Atualmente vemos grupos de pesquisa se organizando para munir a Libras de repertórios lexicais que atendam a participação social dos surdos em diferentes espaços. Um exemplo é o grupo de estudos que envolve criação de sinais sobre a história da África e afro-brasileira, envolvendo discriminação racial e religiões de matriz africana, bem como o grupo de estudos sobre sinais-termo relacionados à comunidade LGBTQIA+.

Assim como o Manuário Sinais Bíblicos e o Glossário DOT Brasil, a criação de sinais-termo no contexto bíblico promovido pelo SB segue a partir do estudo do conceito que é mobilizado pelo termo, de forma que os parâmetros formacionais possam explicitá-lo. Alguns sinais-termo (antigos) não remetem de maneira plena a acepção do conceito atrelado ao termo, por isso a necessidade de renovação lexical. Essa renovação pode acontecer também em relação a um sinal proposto. Além disso, pode acontecer as transformações fonológicas como algo inerente às línguas naturais.

⁷⁶Disponíveis em: <https://www.instagram.com/tv/CQ4ncPNJHbg/?utm_source=ig_web_copy_link> (1º parte) e <https://www.instagram.com/tv/CUyT9CLpRgK/?utm_source=ig_web_copy_link> (2º parte). Acesso em: 14/02/2022.

A necessidade de sinais-termo conceitualmente embasados é o grande alicerce para a atuação do grupo na criação de novos sinais. O pastor surdo Nilton Damasceno argumenta que sinais que não trazem conceitos ou conceitos equivocados representam heresia e blasfêmia. Ao mesmo tempo em que há o discurso de que a validação é feita pela comunidade surda e que é esperado que haja variação terminológica, há um reforço sobre o entendimento adequado da Bíblia a partir de novos sinais-termo conceitualmente embasados.

De acordo com Nilton Damasceno, A metodologia de trabalho é semelhante ao MSB, em que as discussões acontecem em grupo. Mas, o grupo não é composto apenas por surdos. Há pastores ouvintes, teólogos ouvintes e intérpretes ouvintes. Geralmente os surdos pedem aos ouvintes a explicação dos conceitos bíblicos e, então, os surdos criam os sinais. Os surdos demandam a colaboração de ouvintes, pastores surdos e teólogos surdos. É importante manter a união, pois agradecemos aos pastores e teólogos ouvintes que têm compartilhado há muito tempo da comunidade surda cristã. Ainda de acordo com Nilton Damasceno, não é interessante separar surdos e ouvintes. Todos possuem conhecimentos que precisam ser compartilhados.

O tempo de estudo, levantamento de propostas e decisão é mais demorado que o grupo MSB, porque o SB entende que a etapa de estudo demanda mais tempo para uma compreensão aprofundada do conceito.

6.2 A necessidade de criação de sinais-termo no contexto bíblico

Nessa seção, discutimos três fatores que favorecem o surgimento de novas unidades terminológicas sinalizadas, a partir da percepção dos Grupos de Trabalho.

Na primeira parte é discutido o primeiro fator, que diz respeito à necessidade de delimitação de conceitos a partir de uma linguagem de especialidade, isto é, a partir de sinais-termo. Na oportunidade, trazemos dados que explicitam a noção de sinais cujos parâmetros sejam conceitualmente embasados (conceito visual). Na segunda parte, discutimos o discurso presente em Sinalário Bíblico, que diz respeito à heresia e blasfêmia, caso o sinal-termo não esteja a contento para mobilizar os conceitos necessários à interpretação da Bíblia. Por fim, na última parte dessa seção, discutimos a resistência a sinais inicializados cuja configuração de mão faz referência ao nome do termo em língua portuguesa.

6.2.1 Novos termos para novos conceitos

Esses três fatores, apesar de serem apresentados de maneira isolada, estão integrados, pois um sinal inicializado ou feito por datilologia, muitas vezes, não traz em seus parâmetros os conceitos mobilizados pelo termo e, conseqüentemente, podem ser considerados inadequados para a compreensão da Bíblia.

O sinal-termo se refere a uma linguagem de especialidade e tem o objetivo de delimitar conceitos, domínios e subdomínios em áreas específicas do conhecimento e, por isso, difere do léxico comum. Essas reflexões igualmente se aplicam ao ambiente religioso e ao conhecimento mobilizado pelo contexto bíblico.

Para especificar um objeto de estudo de uma área de especialidade, é necessária a construção de um discurso metalinguístico específico, pois a codificação do saber perpassa pelo discurso dessas ciências (BARBOSA, 1998). Mais uma vez, o acesso a um campo conceitual específico exige uma metalinguagem também específica e os Grupos de Trabalho são cientes dessa necessidade. A Figura 54, a seguir, ilustra o sinal-termo de SINAGOGA.

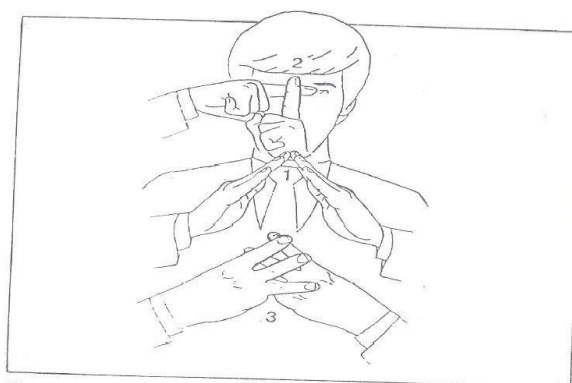
Figura 55 – Sinal-termo de SINAGOGA



Fonte: Linguagem das mãos (OATES, 1969).

Percebemos que neste sinal de SINAGOGA, há uma justaposição de três unidades seguido da explicação: “[...] fazer a mímica de ‘casa’, a de ‘judeu’ e a de ‘rezar’” (OATES, 1969, p. 233). A partir um dos Grupos de Trabalho, o sinal-termo poderia ter permanecido em uso, pois não apresenta parâmetros com inadequações conceituais, mas foi substituído por outro, levantado nas entrevistas, cuja forma é realizada pela justaposição IGREJA^JUDEU (Figura 56).

Figura 56 - Sinal-termo de SINAGOGA



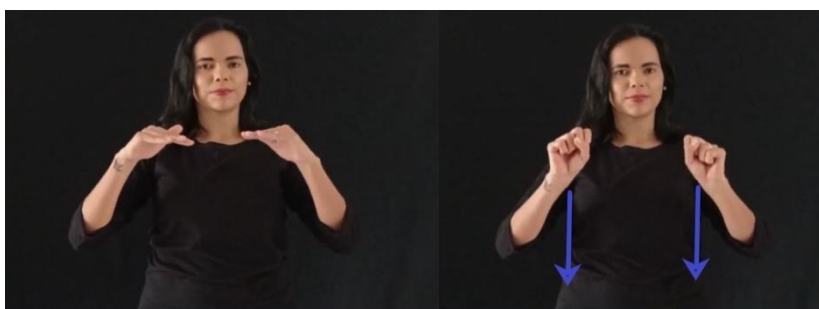
Sinagoga
Sinal: Fazer o sinal de igreja e, em seguida, o sinal de judeu.
Significado: Igreja dos judeus.

Fonte: Clamor do Silêncio (JMN, 1991).

O sinal de IGREJA, por sua vez, remete também a uma justaposição CASA^CRUZ. Neste caso, esse sinal pode levar o participante a compreender equivocadamente esse estabelecimento religioso referido pelas narrativas do Antigo Testamento. Os judeus não usavam, antes nem agora, a cruz como símbolo de fé. A forma das edificações judaicas antigas, com teto plano e horizontal, também não encontra referência icônica adequada nos sinais-termo propostos por Oates (1969) e CS (JMN, 1991).

O novo sinal-termo para SINAGOGA, proposto pelo MSB, faz referência à forma arquitetônica das edificações judaicas, assinalando o teto e colunas de sustentação, além das mãos finalizarem o sinal em “S”, o que remete ao nome e é mais econômico na quantidade de elementos fonológicos.

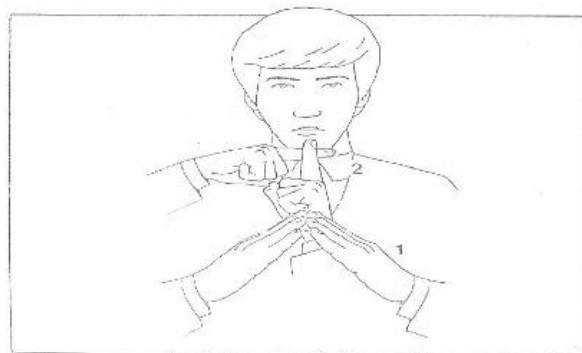
Figura 57- Sinal-termo novo de SINAGOGA



Fonte: MSB (2015). Imagem disponível em:
<<https://youtu.be/hSi5exuen2A>>. Acesso em: 23 de março de 2022.

O sinal IGREJA, a partir da justaposição CASA^CRUZ (Figura 58), pode remeter a uma interpretação equivocada, dependendo do contexto a que se refere.

Figura 58 - Sinal-termo de IGREJA



Igreja
 Sinal: Fazer cruz, em seguida o sinal da cruz
 Significado: A igreja estabelecida pelo Cristo

Fonte: Clamor do Silêncio (JMN, 1991)

O Sinalário Bíblico propõe outros dois sinais-termo para IGREJA, um que se refere à noção de estar em Cristo – pertencer ao Corpo de Cristo (Figura 59), e o outro que se refere a um local (estabelecimento) de comunhão (Figura 60). As figuras a seguir ilustram esses sinais a partir desses conceitos, respectivamente.

Figura 59 - Sinal-termo novo de IGREJA (Corpo de Cristo)



Fonte: SB (2020)

Figura 60 - Sinal-termo novo de Igreja (estabelecimento)






Fonte: SB (2020)

Estes novos sinais-termo foram criados para representar com mais exatidão o sentido de igreja usado no meio evangélico, que em se reúnem em locais de culto onde, normalmente, não têm uma cruz exposta, e fazer referência ao sentido bíblico de igreja como ajuntamento de cristãos, formando o Corpo de Cristo.

No quadro a seguir, podemos observar um comparativo entre os sinais-termo registrados e difundidos por OATES (1969), CS (JMN, 1991) SB (2020).

Quadro 1 - Comparativo dos sinais-termo de IGREJA: OATES (1969), CS (JMN, 1991) e SB (2020)

OATES (1969)	Clamor do Silêncio (JMN, 1991)	Sinalário Bíblico (2020)
		

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Um vocábulo da linguagem comum pode integrar uma linguagem de especialidade. De acordo com Andrade (1998), a especificação do significado determina a redução dos semas de maneira que o vocábulo passa a apresentar uma única significação. Esse é um processo natural em que um vocábulo passa a ter um conceito correspondente, em uma relação monorreferencial.

Mesmo assim, uma questão que reforça a necessidade de uma nova forma lexical é a preocupação em causar uma compreensão equivocada do conhecimento que está sendo mobilizado. Não se pode usar sinais comuns para relacionar à Bíblia Sagrada, porque esses sinais comuns não conseguem contemplar o conceito. De acordo com os Grupos de Trabalho, isso pode causar confusão.

No contexto religioso, a partir das entrevistas, é recorrente o uso desse argumento para a manutenção dos grupos de criação de novos sinais. A área de especialidade relacionada ao contexto bíblico, há muitos conceitos que precisam de uma terminologia adequada, de forma a contemplar o que é previsto do ponto de vista conceitual.

Em relação a isso, Douettes (2015) mostra que diferentes concepções religiosas favorecem a variação terminológica no contexto bíblico, justamente porque os sinais termos refletem, de alguma forma, essas crenças. Para exemplificar, mencionamos o conceito relacionado à Páscoa, no contexto religioso.

A Páscoa é um memorial bíblico narrado em Êxodo 12, que consistia numa refeição cerimonial realizada obedecendo diversas regras. A palavra páscoa significa “passagem”, do hebraico “Pessach” pois marca a passagem do anjo do Senhor trazendo juízo sobre os inimigos de Israel e, assim, libertando-os da escravidão.

O significado da Páscoa está relacionado à execução do juízo de Deus sobre os inimigos de Israel “Porque, naquela noite, passarei pela terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até aos animais: executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor” (Êxodo 12:12), e à libertação da escravidão egípcia “Esta noite se observará ao Senhor, porque, nela, os tirou da terra do Egito” (Êxodo 12:42^a). Além disso, significa a libertação dos cristãos do pecado, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo (no Novo Testamento).

Nesse sentido, algumas denominações cristãs têm diferentes formas de fazer referência à Páscoa. A palavra páscoa também tem um significado comum, atrelado à prática comercial de compra e venda de chocolates e a elementos estranhos à cultura bíblica. Em Libras, também há o sinal de PÁSCOA atrelado ao contexto comercial, (Figura 61 e Figura 62).

Figura 61 - Sinal-termo de PÁSCOA (comercial)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em: <<https://youtu.be/xclrzH7gBb0>>. Acesso em: 23 de março de 2022

Figura 62 - Sinais-termo de “Feliz Páscoa” (comercial)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em: <https://youtu.be/f_rYk-ta_Rw>. Acesso em: 23 de março de 2022

A interpretação de pregações religiosas e o trabalho de tradução da Bíblia, demandou um termo específico para o significado de Páscoa no contexto do antigo testamento. O uso do sinal de léxico comum para Páscoa não conseguiria atender o significado que o conceito remete nessa área de especialidade.

Para discutir essas diferenças conceituais, em que uma velha forma fonológica não contempla um novo significado, ainda mais um significado de especialidade, descrevemos dois sinais: páscoa, no contexto da denominação evangélica, e páscoa, no contexto da denominação católica.

Como exemplo dos sinais antigos para PÁSCOA, temos um em *Linguagem das mãos* (OATES, 1969), em *Clamor de Silêncio* (JMN, 1991) não há esse sinal-termo e em *Linguagem de Sinais* (TJ, 1992) utilizou-se de datilologia (Quadro 2).

Quadro 2 - Comparativo dos sinais-termo de PÁSCOA

OATES	JMN	TJ
	SINAL-TERMO NÃO REGISTRADO	PÁSCOA Fazer as letras 'P' 'A' 'S' 'C' 'O' 'A'.

Fonte: Douettes (2015, p. 181).

Atualmente, a Igreja Católica utiliza o sinal-termo de PÁSCOA em uma forma que faz referência à ressurreição de Jesus. A mão dominante está configurada em “P” e faz um movimento na vertical para cima, partindo do contato no dorso da mão não dominante. O sinal-termo de PÁSCOA (católico) está ilustrado a seguir.

Figura 63 - Sinal-termo de PÁSCOA (católico)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em: <<https://youtu.be/gR9QrOclC6g>>. Acesso em: 23 de março de 2022

Figura 64 - Sinais-termo de FELIZ PÁSCOA (católico)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em: <<https://youtu.be/dNmuEP30wVs>>. Acesso em: 23 de março de 2022

A comunidade surda evangélica também utiliza esse sinal, embora haja uma proposta de renovação terminológica, justamente por causa do conceito que é mobilizado na forma do sinal. Há outras variações terminológicas para o mesmo sinal, mas estas bastam para o objetivo da pesquisa.

No contexto evangélico, a proposta de novo sinal remete à narrativa no Antigo Testamento de pintar com sangue de um cordeiro sacrificado os umbrais das portas por ordem mosaica, para exaltar a Deus, bem como à crucificação de Jesus. Dessa forma, o significado de Páscoa abrange o Antigo e o Novo Testamento. Nas palavras do Grupo de Trabalho Sinalário Bíblico (SB),

O Sinalário Bíblico apresenta o novo sinal de páscoa atualizado. A Páscoa é uma festa de origem judaica, que comemora a liberdade do povo hebreu após um longo período de escravidão no Egito. Com o mesmo sentido de libertação e de esperança, a Páscoa cristã surge posteriormente com a comemoração da ressurreição de Jesus Cristo. Páscoa “PASSAGEM DA LIBERDADE da escravidão” saída de Israelitas do Egito. Páscoa cristã seria uma passagem da liberdade para

ressurreição da vida eterna. Livre do pecado sendo purificado pelo sangue Cristo Jesus para vida nova celestial. (SB, 2020).

A Figura 65, a seguir, ilustra esse sinal-termo.

Figura 65 - Sinal-termo novo de PÁSCOA (evangélico)



Fonte: SB (2020). Imagem disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CVx6KptphJ4/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em: 11 de janeiro de 2021

Figura 66 - Sinais-termo de “FELIZ PÁSCOA” (evangélico)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em:
<<https://youtu.be/pdXMrJhTp3o>>. Acesso em: 23 de março de 2022

Mais uma vez, a variação dos sinais-termo no contexto religioso mostra a influência da doutrina dessas denominações na formação desses sinais. Douettes (2015) cita o sinal de BATISMO que, embora tenha a mesma tradução em língua portuguesa, possui sinais diferentes a partir das crenças Católica, Evangélica e das Testemunhas de Jeová.

De acordo com o autor, no sinal BATISMO (Católico) (Figura 67), a mão está configurada em concha perto da testa, movimento para acima, e caracteriza batismo de crianças e de bebês, quando o padre derrama água na cabeça deles. É uma tradição da Igreja Católica. A Igreja Presbiteriana usa o mesmo sinal, pois “os membros da Igreja

Presbiteriana do Brasil devem apresentar seus filhos para o Batismo [...]” (Art. 11⁷⁷). A Igreja Luterana batiza por aspersion ou derrama água na cabeça da criança ou do adulto.

Figura 67 – Sinal-termo de BATISMO (Igreja Católica/ Igreja Presbiteriana/ Igreja Luterana)



Fonte: dados da pesquisa (2022).
Imagem disponível em:
<<https://youtu.be/K5C4O-YegRU>>.
Acesso em: 23 de março de 2022

O sinal de BATISMO evangélico (Figura 68), representa a imersão na água do corpo inteiro do fiel, com qualquer idade que demonstre consciência da decisão de tornar-se membro de uma Igreja Evangélica. Enquanto, que no sinal de BATISMO das Testemunhas de Jeová (Figura 69), o sentido de imersão também está presente, o que muda é a configuração das mãos. As Figuras, a seguir, ilustram esses sinais.

Figura 68 - Sinal-termo de BATISMO (evangélico)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em:
<https://youtu.be/G-dgfKa_8Tc>. Acesso em: 23 de março de 2022

⁷⁷Disponível em: < <https://presbiterianacuritiba.com.br/batismo-infantil-batismo-de-criancas-pedobatismo/#:~:text=Art.,ou%20mesmo%20de%20simples%20testemunha.> >. Acesso em: 11/02/2022.

Figura 69 - Sinal-termo de BATISMO (TJ)



Fonte: dados da pesquisa (2022). Imagem disponível em: <<https://youtu.be/Wh1gLcnXIqI>>. Acesso em: 23 de março de 2022

Atrelado à noção de que novos conceitos exigem novos sinais-termo, atendendo a uma demanda da linguagem de especialidade, vemos também a necessidade de que esses novos sinais sejam conceitualmente embasados ou seja, de que os parâmetros façam menção ao conceito. Os grupos de trabalho usam o termo CONCEITO VISUAL que se refere aos sinais-termo cujos parâmetros resgatam, icônicamente, o conceito que é mobilizado pelo termo. Esse é um forte argumento presente em todos os grupos.

O diácono Valdecir Menis considerado fundador do Grupo de Trabalho Clamor do Silêncio (CS) e que participa do Manuário Sinais Bíblicos (MSB), reconhece a mobilização da equipe em busca de um conceito (visual) para motivar os novos sinais que estão sendo criados, mesmo para conceitos que já possuem uma unidade terminológica (sinal-termo) correspondente. Segundo ele, é preciso respeitar a terminologia já existente, inclusive registrada e publicada em obra, e não apenas substituir por novos sinais. Muitos não fazem uma busca em dicionários e outras obras em Libras para verificar a existência de sinais-termo para a proposta em discussão. Ele ressalta que essa foi uma preocupação quando surgiu o esboço do que posteriormente seria a obra *Manual de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio*. Na época, houve uma consulta da obra *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969). Infelizmente, ressalta, alguns não têm interesse em verificar o léxico existente e desconsideram os sinais que, até então, estão sendo utilizados. Novamente, há sinais para determinados conceitos que estão em circulação, inclusive em obras de outras denominações, não sendo necessário essa proposta desenfreada de “substituição” de novos vocábulos.

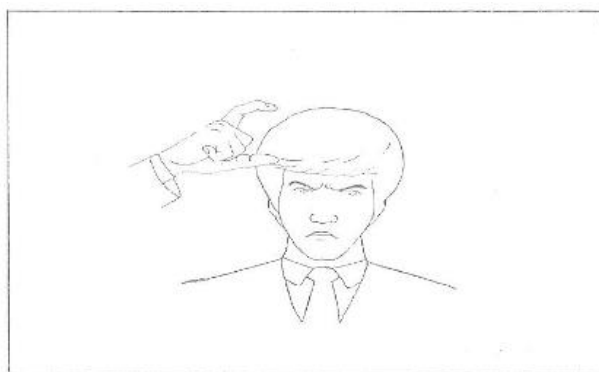
No grupo MSB, a renovação terminológica para atualizar os itens lexicais do contexto religioso em detrimento dos antigos sinais é problematizado. Os integrantes entendem o valor histórico dos sinais-termo, inicialmente criados a partir da datilologia

que remete à língua portuguesa, fator que também motiva a criação de novas unidades terminológicas. Contudo, é preciso discutir o conceito bíblico para propor sinais-termo que façam uma relação icônica ao conceito no texto bíblico.

Os sinais já existentes passam por uma análise em relação a essa referência do conceito na própria forma. Dependendo da avaliação, vai demandar a emergência de uma nova unidade terminológica. Novamente, de acordo com o pastor Nilton Damasceno (Grupo de Trabalho Sinalário Bíblico), determinada forma pode conduzir a uma compreensão equivocada do contexto bíblico. Essa proposta é reforçada por Gabriel Corbacho, ao mencionar que sinais-termo com um conceito claro na forma lexical são importantes para conhecer a palavra de Deus.

O Sinalário Bíblico (SB) traz novas unidades terminológicas sinalizadas para as noções de DIABO e SATANÁS. Na obra *Clamor do Silêncio* (CS), o sinal DIABO faz referência à imagem metafórica do senso comum, de uma forma quase humana com chifres, rabo e tridente (Figura 70). Ao contrário, no contexto bíblico, a menção ao diabo é uma forma humana, que nos persuade de maneira sutil e discreta. Nesse sentido, a forma antiga de DIABO que remete a essa forma metafórica pode trazer a uma concepção equivocada do conceito. As Figuras 71 e 72, a seguir, ilustram esses dois sinais.

Figura 70 - Sinal-termo de DIABO



Diabo
Sinal Sinalário Bíblico, Lector, Belén

Fonte: *Clamor do Silêncio* (JMN, 1991).

Figura 71 - Sinal-termo de DIABO



Fonte: SB (2020)

Figura 72 - Sinal-termo de SATANÁS



Fonte: SB (2020).

Percebemos que os novos sinais-termo foram criados pelo SB para que a forma do sinal contemplasse icônicamente o significado. O sinal-termo antigo DIABO, registrado no CS, não contemplava as distinções conceituais dos termos usados no contexto bíblico.

Outro argumento para a manutenção de Grupos de Trabalho que atuam na criação de novas unidades terminológicas é a necessidade de sinais-termo para a devida compreensão do contexto religioso. Caso contrário, pode haver heresia e blasfêmia, que serão discutidos na próxima seção.

6.2.2 Os sinais-termo podem ser heresia

O ambiente religioso é um local sagrado, um ambiente que as pessoas procuram ter um profundo respeito. Por exemplo, há espaços em que há orientação para o uso de roupas específicas para preservar esse sentimento sagrado com a divindade. Há locais em que não se pode andar com calçados. Há denominações que preservam o dia de sábado.

Tudo isso remete à ideia de respeito e consideração em relação à Deus e à religião que professam.

O uso de roupas inadequadas, de comportamento inadequado, o corte de cabelo inadequado, seria considerado heresia. Um desrespeito às normas da instituição e, principalmente, um desrespeito à relação com Deus e com o sagrado.

Essa relação com o sagrado também se transfere para a língua. Alguns sinais parecem que não estão à altura para santificar essas relações com o sagrado e com a divindade. O argumento de alguns grupos é a heresia.

Um conceito de heresia é ter um pensamento diferente de um sistema de crenças ou de uma religião. Quem pratica heresia é considerado um herege ou heresiarca. O termo heresia tem origem etimológica na palavra grega *háiresis*, que chega ao português pelo latim *haëresis* e significa “escolha” ou “opção”.

No contexto religioso, heresia pode significar interpretação (compreensão) equivocada; ensino falso de uma religião como “falsas doutrinas”; teorias, ideias e práticas que contrariam a doutrina e atitudes que desrespeitam a religião. A Figura 73, a seguir, ilustra o sinal de HERESIA em Libras.

Figura 73 - Sinal-termo de HERESIA (evangélico)



Fonte: MSB (2015)¹. Imagem disponível em: <<https://youtu.be/kW4xtLjDBO0>>. Acesso em: 23 de março de 2022

Os teólogos, surdos e ouvintes, se preocupam com a heresia. A tradução pode ser influenciada por um conceito equivocado baseado no senso comum da sociedade, o que pode ser considerado heresia. O foco da tradução em Libras é o contexto cristão e procura evitar a heresia.

Os surdos dos Grupos de Trabalho que estão em atuação acreditam que muitos sinais-termo antigos foram criados baseados em imagens e desenhos ilustrativos relacionados à Bíblia Sagrada, e não no conceito mobilizado pelo termo. O processo de

tradução da Bíblia é um trabalho cuidadoso e os tradutores não se sentem confortáveis com alguns sinais-termo antigos, pois podem ser considerados uma heresia. Por isso a necessidade de sinais-termo que tratam das noções e conceitos de uma maneira que torna possível a compreensão de um texto especializado, neste caso, do texto bíblico.

Esse cuidado também prevalece no momento da pregação. De acordo com o pastor surdo Nilton Damasceno, o uso de sinais equivocados pode ser considerado uma blasfêmia. Enquanto pastor e pregador, ele se diz firme em utilizar novos sinais-termo porque ele tem uma doutrina a preservar. Mesmo sabendo que as pessoas são livres para usarem outras formas lexicais e que não se proíbe o uso da língua, ele se preocupa com a heresia. De acordo com Zuck (1994),

Outros, por sua vez, interpretam a Bíblia erroneamente sem o saber. Por quê? Por não darem a devida atenção aos princípios em causa na compreensão das Escrituras. Nos últimos anos, vemos um interesse crescente pelo estudo bíblico informal. Muitos grupos pequenos reúnem-se em casas ou nas igrejas para debater a Bíblia – o que quer dizer e como aplicar sua mensagem. Será que os integrantes desses grupos sempre chegam ao mesmo entendimento da passagem estudada? Não necessariamente. Alguém pode afirmar: “Para mim, este versículo quer dizer isto”: já outro pode retrucar: “Para mim, o sentido não é esse; é este aqui”. Estudar a Bíblia dessa forma, sem as diretrizes apropriadas da hermenêutica, pode gerar confusão e interpretações que se encontram até em inequívoco desacordo. (ZUCK, 1994, p. 11).

Quando a Bíblia não é interpretada corretamente, a teologia de um indivíduo ou de toda uma igreja pode ser desorientada ou superficial, e seu ministério, desequilibrado. (ZUCK, 1994, p. 15).

A prática da heresia a partir do uso de uma linguagem equivocada está relacionada ao uso de sinais-termo cuja forma não remete ao conceito mobilizado pelo termo. Ou seja, o uso de sinais cujos parâmetros não são icônicamente embasados (conceito visual) é considerado uma heresia.

A doutrina religiosa toma forma a partir da língua e uma maneira de preservar a doutrina em sua pureza, de maneira a espalhar a verdade e, assim, promover o ser humano, é munindo a língua de sinais a partir de formas icônicas e conceitualmente motivadas. Dessa maneira, cuidar do sinal-termo é cuidar da doutrina religiosa. Esse é um dos motivos, por exemplo, para a criação e manutenção do Grupo de Trabalho Sinalário Bíblico (SB).

Ainda de acordo com o Pastor Nilton Damasceno, na língua acontecem mudanças, assim como na sociedade e nos seus produtos. A noção de língua padrão não significa a permanência das mesmas formas lexicais. A língua muda e precisamos estar abertos a

essas transformações. Na próxima seção, discutimos a resistência dos Grupos de Trabalho em relação àqueles sinais-termo que remetem ao nome em língua portuguesa.

6.2.3 Resistência aos sinais-termo inicializados

Quadros (2019) explica que os surdos, em geral, têm uma certa resistência em relação aos sinais oriundos de empréstimos da língua portuguesa. As configurações de mão (CM) que remetem à ortografia do português escrito parecem remeter às relações de poder entre surdos e ouvintes e às questões de colonialidade.

Embora o foco da discussão sejam as formas lexicais cuja configuração de mão remete ao nome em língua portuguesa, estendemos essa resistência a toda tipologia de empréstimos provenientes da língua oral (portuguesa) sobre a Libras, proposto por Faria-Nascimento (2009).

Uma discussão que ronda os grupos é a presença de configuração de mão cuja forma remete às letras do sistema ortográfico da língua portuguesa. Há uma resistência da comunidade surda por sinais que têm uma configuração de mão que remete ao termo em língua portuguesa. Essa discussão, a partir da concepção dos grupos, de alguma forma, perpassa pela valorização da língua de sinais, da cultura e das identidades surdas. Questões como protagonismo e empoderamento surdo também são levadas em consideração, assim como questões como relações coloniais entre língua portuguesa e língua brasileira de sinais. A proposta é valorizar a riqueza dos processos de formação de palavras inerentes à Libras.

Apresentamos os dados de sinais-termo antigos de profetas no Antigo Testamento. São ao todo 16 personagens, sendo os 4 primeiros conhecidos como profetas maiores e 12 conhecidos como profetas menores. São eles: *Isaías, Jeremias e Lamentações de Jeremias, Ezequiel, Daniel, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias*. Na obra *Manual de Sinais Bíblicos: O Clamor do Silêncio* (JMN, 1991), cada um desses sinais possui uma configuração de mão que corresponde à letra(s) do nome do termo em língua portuguesa.







Percebemos que a escolha das configurações de mão que compõem esses sinais corresponde às letras que se referem ao índice da Bíblia que, ao listar estes personagens, apresenta a abreviação do nome dos mesmos. Essa mesma abreviação foi emprestada para a Libras no que se refere aos sinais destes profetas. Logo, isso mostra a influência da













língua portuguesa sobre a Libras no momento em que foram pensados na criação destes sinais.













É nesse caminho que surge a argumentação de que sinais antigos, que tenham uma configuração de mão que remete ao nome do termo em língua portuguesa, sejam substituídos por novos termos. Da mesma forma, entre os grupos, há uma preocupação por uma padronização de sinais-termo icônicos e conceitualmente embasados, a fim de contribuir com as equipes de pregadores surdos, tradutores surdos e intérpretes ouvintes na tradução e interpretação em eventos religiosos, tais como: cultos, aulas, eventos, encontros, entre outros.





Ainda em relação aos sinais dos profetas do Antigo Testamento, eles foram pensados em ser modificados no âmbito das discussões do MSB, considerando o significado do sinal. Nos novos sinais criados pelo MSB, eles apresentam nos parâmetros formacionais uma motivação vinculada ao conceito mobilizado pelo termo, mesmo a configuração de mão permanecendo inicializada em alguns deles. Neste caso, há referência às características das personagens.

Quadro 3 - Análise comparativa entre sinais-termo de profetas em Clamor do Silêncio (JMN, 1991) e Manuário Sinais Bíblicos (2015)

NOMES PORTUGUÊS	SINAIS (CS, 1991)	SINAIS-TERMOS (MSB, 2015)
Isaías	 Empréstimo linguístico, “I”, “S”	 Configuração de mão em “3”. Referência ao serafim que toca com uma brasa a boca do profeta para limpar o pecado (Isaías 6:7).
Jeremias	 Empréstimo linguístico, “J”, “R”	 Configuração de mão em “Y” ou “J”. Referência ao nome do profeta e ao seu choro.
Lamentações de Jeremias	 Empréstimo linguístico, “L”, “M”	 Configuração de mão em “A+I”. Referência ao ser humano, porque ele se entristece ao perceber o estado lamentável do povo.

Ezequiel	 <p>Empréstimo linguístico, “E”, “Z”</p>	 <p>Configuração de mão em “5+CURIOSO”. Ele tem uma visão de quatro seres viventes.</p>
Daniel	 <p>Empréstimo linguístico, “D”, “N”</p>	 <p>Configuração de mão em “3+Palma do sinal de ORAÇÃO”. Referência a que Daniel orava 3 vezes por dia.</p>
Oséias	 <p>Empréstimo linguístico, “O”, “S”</p>	 <p>Configuração de mão em “dois dedos (indicador e médio)” no coração. Referência ao amor por sua mulher e pelo povo de Israel.</p>
Joel	 <p>Empréstimo linguístico, “J”, “L”</p>	 <p>Configuração de mão em “A+5”. Referência ao profeta do avivamento e o derramar do Espírito Santo.</p>
Amós	 <p>Empréstimo linguístico, “A”, “M”</p>	 <p>Configuração de mão em “Y+RESPONSÁVEL”. Referência ao trabalho do profeta de cuidar de bois.</p>
Obadias	 <p>Empréstimo linguístico, “O”, “B”</p>	 <p>Configuração de mão em “1+5”. O sinal é uma construção classificadora. Referência ao fato dele ter escondido cem profetas em cavernas.</p>

Jonas	 <p>Empréstimo linguístico, “J”, ”N”</p>	 <p>Configuração de mão em “3 em ASL”. O sinal é uma construção classificadora. Referência ao profeta sair da boca do peixe.</p>
Miqueias	 <p>Empréstimo linguístico, “M”, ”Q”</p>	 <p>Configuração de mão em “W” e/ou “M+PROFETA”. Referência a ele ser um profeta.</p>
Naum	 <p>Empréstimo linguístico, “N”, ”A”</p>	 <p>Configuração de mão em “3 em ASL +S”. Referência ao sinal de CONSOLAR, por causa do significado de seu nome em hebraico.</p>
Habacuque	 <p>Empréstimo linguístico, “H”, ”B”</p>	 <p>Configuração de mão em “A+ABRAÇO+Y”. Referência ao significado do nome do profeta e sua atividade de anunciar a mensagem de Deus.</p>
Sofonias	 <p>Empréstimo linguístico, “S”, ”F”</p>	 <p>Configuração de mão em “1+S”. O sinal é uma construção classificadora para “o Senhor o escondeu”.</p>
Ageu	 <p>Empréstimo linguístico, “A”, ”G”</p>	 <p>Configuração de mão em “1 (número cardinal)+CONSTRUIR”. Referência à construção do segundo Templo em Jerusalém.</p>

Zacarias	 <p>Empréstimo linguístico, “Z”, “C”</p>	 <p>Configuração de mão em "V + movimento em Z". Referência às oito visões do profeta.</p>
Malaquias	 <p>Empréstimo linguístico, “M”, “L”</p>	 <p>Configuração de mão em “3 em ASL +S”. O sinal é uma construção classificadora. Referência às ofertas e aos dízimos.</p>

Fonte: A própria autora

Algumas CM usadas para compor os sinais dos profetas (Jeremias, Miqueias e Naum) podem remeter à inicialização dos nomes em português. Não havia obrigação de excluir CM que se referem a letras do alfabeto, mas não fica muito claro que a motivação seria a datilologia. Alguns sinais para livros do N.T, por exemplo, ATOS, CORÍNTIOS etc mantiveram a motivação da datilologia. Houve somente propostas de mudança nos sinais dos profetas no A.T.

No canal do Facebook vinculado ao Manuário Sinais Bíblicos (MSB), há vídeos que explicam a motivação de cada um dos novos sinais-termo relativos aos profetas. A proposta dos novos sinais atende tanto às questões de sinais icônicos e conceitualmente embasados (conceitos visuais), bem como a “substituição” de sinais em datilologia. Atualmente, surge também, no discurso dos participantes, uma preocupação em preservar esses sinais, considerando que são sinais que estão em circulação e que consideram o valor histórico-cultural da obra Clamor do Silêncio (JMN, 1991).

Nessa seção, discutimos os três fatores que favorecem o surgimento de novas unidades terminológicas sinalizadas, a partir da percepção dos Grupos de Trabalho, que são (1) novos sinais-termo para novos conceitos, além de sinais icônicos e conceitualmente embasados (conceito visual), (2) o cuidado com a heresia e (3) resistência a sinais por datilologia.

6.3 Disseminação de novas unidades terminológicas sinalizadas

De acordo com Faria-Nascimento (no prelo), a validação de um sinal-termo acontece a partir do uso da comunidade sinalizante que, por sua vez, determinará a padronização terminológica. Mesmo havendo uma validação prévia, considerando a aprovação de propostas de sinais-termo nos Grupos de Trabalho, somente o uso garante que tais formas ocupem uma lacuna terminológica.

Nesse sentido, é preciso ações para difusão dessas unidades terminológicas sinalizadas e uso pela comunidade interessada. Essas ações fazem parte de um planejamento linguístico (Shermer, 2012). Nessa seção, discutimos as plataformas de suporte e a atitude de missionários como parte dessas ações, que favorecem a difusão de sinais-termo para fins de padronização.

6.3.1 Plataformas de suporte

O registro dos novos sinais acontece em glossários virtuais. As principais plataformas de suporte são as redes sociais, de fácil acesso e gratuitas, o que favorece a disseminação de novas unidades terminológicas sinalizadas.

Esta é uma estratégia que tem o potencial de atingir um grande número de sinalizantes, pois a organização dessas plataformas de suporte permite a circulação de vídeos, ao invés do registro em suporte impresso.

Os Grupos de Trabalho (2) Manuário Sinais Bíblicos (MSB), (3) Glossário DOT Brasil e (4) Sinalário Bíblico (SB) gravam vídeos, organizam glossários e disponibilizam seus produtos gratuitamente de forma acessível em computadores, tablets e celulares e redes sociais. Isso promove uma rede de disseminação dos novos sinais-termo.

O Grupo de Trabalho Manuário Sinais Bíblicos (MSB) possui um site institucional e contas no site da instituição⁷⁸, *Facebook*⁷⁹, *Instagram*⁸⁰ e no *YouTube*⁸¹, onde disponibiliza os novos sinais produzidos. As Figuras a seguir, ilustram as redes sociais institucionais do MSB. Uma dificuldade do grupo é a alimentação dessas redes com novos

⁷⁸Disponível em: <<https://www.manuariosinaisbiblicos.com/>> Acesso em: 05 de abril de 2022.

⁷⁹Disponível em: <<https://www.facebook.com/Manuariosinaisbiblicos>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

⁸⁰Disponível em: <<https://www.instagram.com/manuariosinaisbiblicos/>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

⁸¹Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC4RfFF4ypkWOJDwB_2Fremg>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

vídeos, considerando que o trabalho dos membros é voluntário e depende de tempo e recursos financeiros disponíveis.

Figura 74 - Imagem da página inicial do Manuário Sinais Bíblicos - MSB



Fonte: Imagem disponível no site da instituição em: <<https://www.manuariosinaisbiblicos.com/>>. Acesso: em 09 de fevereiro de 2021

Essa imagem é da página inicial do Manuário Sinais Bíblicos - MSB. No menu acima, há opções de pesquisar por ordem alfabética, com mais de 90 sinais bíblicos (A-Z), mas ainda estão faltando novos sinais, que em breve serão lançados, conhecer os perfis de colaboradores brasileiros, quais suas igrejas, como ser membro e contato.

Na página do MSB no Facebook (Figura 75), o grupo voluntário posta os vídeos dos novos sinais-termo bíblicos em Libras, explica motivação dos sinais-termo bíblicos e cita os principais versículos relacionados ao novo sinal-termo bíblico para divulgar. Tem mais informação no site. Pode-se enviar mensagem, informar o telefone e e-mail.

Figura 75 - Imagem da página do Manuário Sinais Bíblicos - MSB do Facebook



Fonte: Imagem disponível em:
 <<https://www.facebook.com/Manuariosinaisbiblicos>>.
 Acesso em: 09 de fevereiro de 2021

O MSB criou uma conta no Instagram em 2020 (Figura 76), mas ainda falta postar alguns vídeos dos novos sinais-termo bíblicos em Libras.

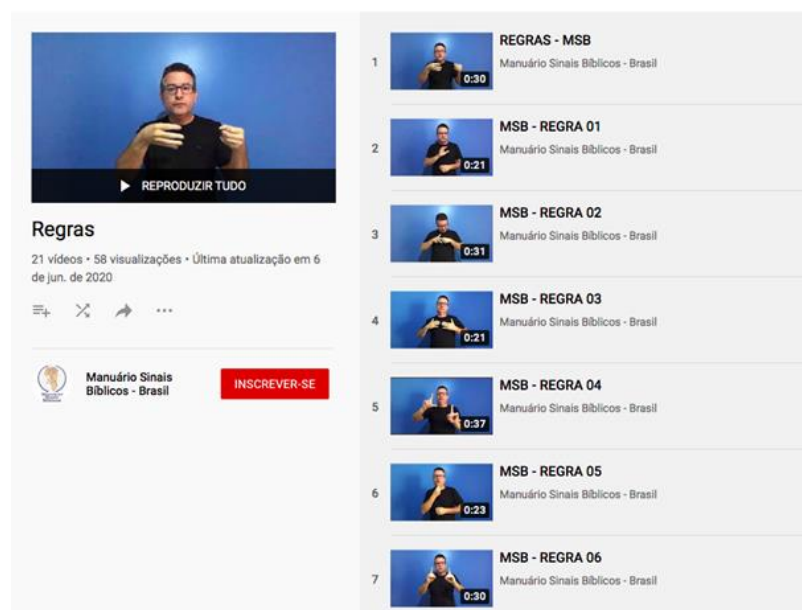
Figura 76 - Imagem da conta do Manuário Sinais Bíblicos - MSB no Instagram



Fonte: Imagem disponível em:
 <<https://www.instagram.com/manuariosinaisbiblicos/>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021

O MSB mantém um repositório de regras (Figura 77) atualizado com 22 vídeos, para que o novato que venha a participar no grupo MSB conheça as regras, concorde e assuma alguma responsabilidade no trabalho junto com a equipe.

Figura 77 - Imagem do repositório das regras do Manuário Sinais Bíblicos - MSB na Plataforma do YouTube



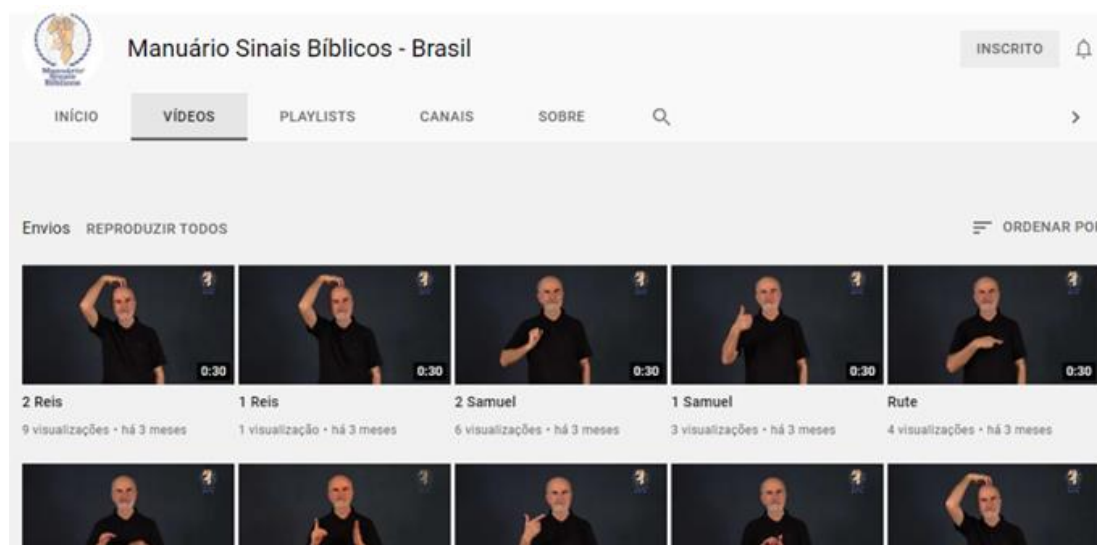
Fonte: Imagem disponível em:

<<https://www.youtube.com/playlist?list=PLEZECKZAEvm2TVYlaam6ImbwO8ya7X368>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021

Este repositório no Youtube não é público. A administração avalia o novato e vê se aceita que ele participe do grupo MSB.

O MSB convidou Valdecir Menis, ex-integrante do CS, e postou vídeos dele sinalizando antigos sinais-termo bíblicos em Libras (Figura 78), porque entendem que todos podem usar os antigos e novos sinais-termo bíblicos.

Figura 78 - Imagem do Manuário Sinais Bíblicos - MSB na Plataforma do YouTube



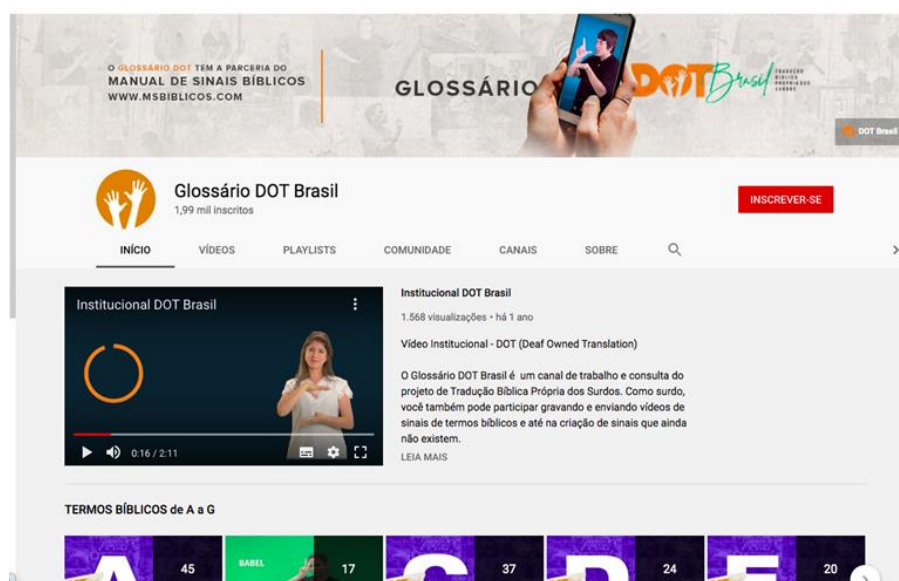
Fonte: Imagem disponível em <

https://www.youtube.com/channel/UC4RfFF4ypkWOJDwB_2Fremg/videos>. Acesso em 06 de julho de 2021

O Grupo DOT Brasil possui uma rede de colaboração mais ampla, considerando as parcerias institucionais que o projeto de tradução da Bíblia apresenta. Além das contas nas redes sociais no site da instituição⁸², *Facebook*⁸³, *Instagram*⁸⁴ e *YouTube*⁸⁵, o DOT Brasil possui um aplicativo⁸⁶ (Bíblia DOT) de uso em celulares e que permite o acesso aos seus produtos.

A figura 79 ilustra a conta própria do Glossário DOT Brasil no YouTube, aparecendo em ordem alfabética os termos bíblicos (A - Z) relacionados à tradução Bíblia Sagrada em Libras. Um tradutor/ator surdo explica o conceito do sinal-termo pesquisado e o significado no texto escrito na descrição do vídeo, além das referências nos livros do antigo testamento e do novo testamento.

Figura 79 - Imagem do Canal no YouTube DOT Glossário Brasil



Fonte: Imagem disponível em:

<https://www.youtube.com/channel/UC13Ls2u8g6cpG7B_QxI_pvg>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021

No canal Bíblia DOT no YouTube (Figura 80), aparecem todos os tradutores/atores surdos cristãos que fazem tradução da Bíblia Sagrada em Libras, e, também na descrição do vídeo, há os nomes dos intérpretes ouvintes, qual é sua profissão,

⁸²Disponível em: <<https://dotbrasil.org/>> Acesso em: 05 de abril de 2022.

⁸³Disponível em: <<https://www.facebook.com/DotLibras>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

⁸⁴Disponível em: <<https://www.instagram.com/dotlibras/>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

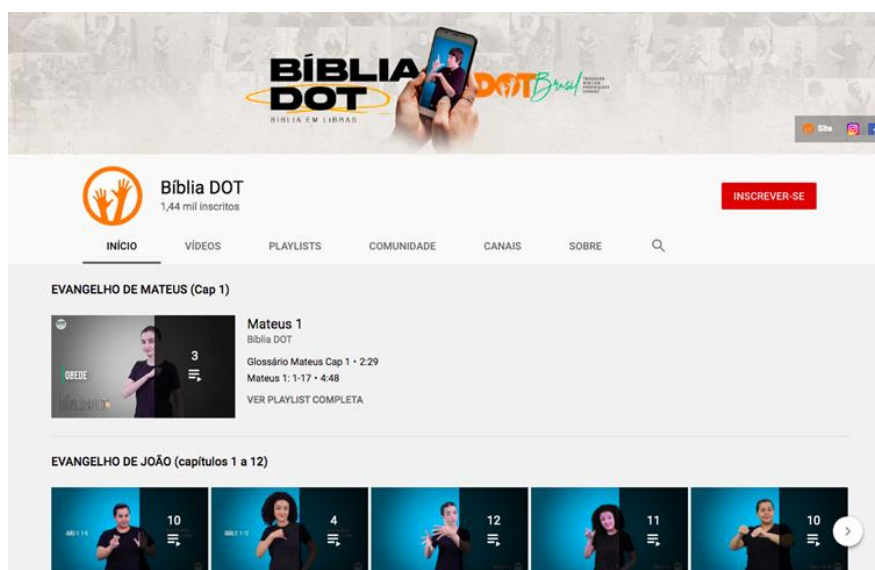
⁸⁵Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/DOTBrasil>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

⁸⁶ Disponível em:

<https://play.google.com/store/apps/details?id=dotbrasil.pippa.com.br&hl=pt_BR&gl=US>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

formação, qual é sua igreja e sua cidade. Informa os versículos agrupados. O texto fonte é uma parceria com a Bíblia NVA (Nova Versão de Acesso livre).

Figura 80 - Imagem do Canal Bíblia DOT no YouTube



Fonte: Imagem disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCmqg8Qxi1zdWIBwB7zHI-DQ>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2021

O DOT Brasil mantém uma página no Facebook (Figura 81) que é gerida por uma equipe voluntária que divulga os lançamentos, movimentos cristãos, novas gravações, os perfis de quem participa, quais as igrejas parceiras, novas traduções, novos sinais-termo no Glossário DOT Brasil, encontros etc.

Figura 81 - Imagem da página do DOT Brasil no Facebook



Fonte: Imagem disponível em: <<https://www.facebook.com/DotLibras>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021.

O conteúdo do DOT Brasil no Instagram (Figura 82) é semelhante ao que está disponível no Facebook, mas há mais destaques e as lives.

Figura 82 - Imagem da conta do DOT Brasil no Instagram



Fonte: Imagem disponível em: <<https://www.instagram.com/dotLibras/>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2021.

O site do DOT Brasil (Figura 83) é um projeto comunitário, interdenominacional e internacional. Há ainda parceiros no Brasil e no exterior. Há mais notícias, o Glossário DOT Brasil, contato, botão quero doar etc.

Figura 83 - Imagem do site institucional do DOT Brasil

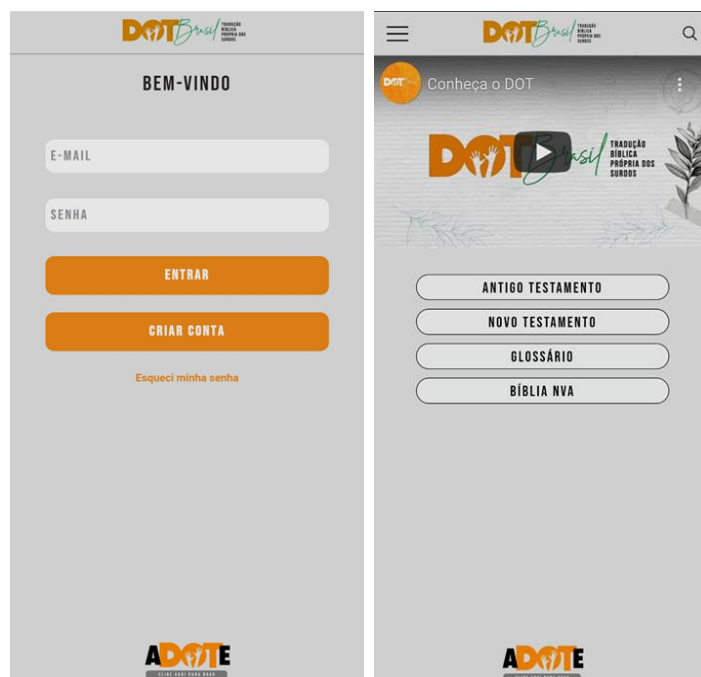


Fonte: Imagem disponível em: <<https://dotbrasil.org/>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2021

O aplicativo da Bíblia DOT (Figura 84) está disponível para as plataformas Google e IOS. É a Bíblia em Libras com os tradutores surdos. Baixar o aplicativo é

gratuito. Já estão traduzidos os livros de Atos dos Apóstolos, Mateus, Efésios, João, 1 Coríntios, Filipenses e Filemom e em breve haverá mais livros.

Figura 84 - Imagem do aplicativo do DOT Brasil



Fonte: Aplicativo da Bíblia DOT

O Grupo Sinalário Bíblico (SB) possui contas nas redes sociais *Facebook*⁸⁷, *Instagram*⁸⁸ e *YouTube*⁸⁹, onde disponibiliza os produtos das discussões. Além disso, assim como as duas instituições anteriores, o SB mantém um grupo no *WhatsApp* com os membros do grupo de trabalho. As Figuras 85, 86 e 87 a seguir ilustram as redes sociais institucionais do SB.

⁸⁷Disponível em: <<https://www.facebook.com/sinalariobiblico>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

⁸⁸Disponível em: <<https://www.instagram.com/sinalariobiblico/>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

⁸⁹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UCLhJ4G4OSWLpCvTapwWAPsg>> Acesso em: 05 de abril de 2022.

Figura 85 - Imagem do Instagram do Sinalário Bíblico - SB



Fonte: Imagem disponível em: < <https://www.instagram.com/sinalariobiblico/> >. Acesso em: 11 de agosto de 2021

O SB criou uma conta no Instagram em 2020, mas ainda está postando bastante imagens e alguns vídeos dos novos sinais-termo bíblicos em Libras no Facebook.

Figura 86 - Imagem do Facebook do Sinalário Bíblico - SB

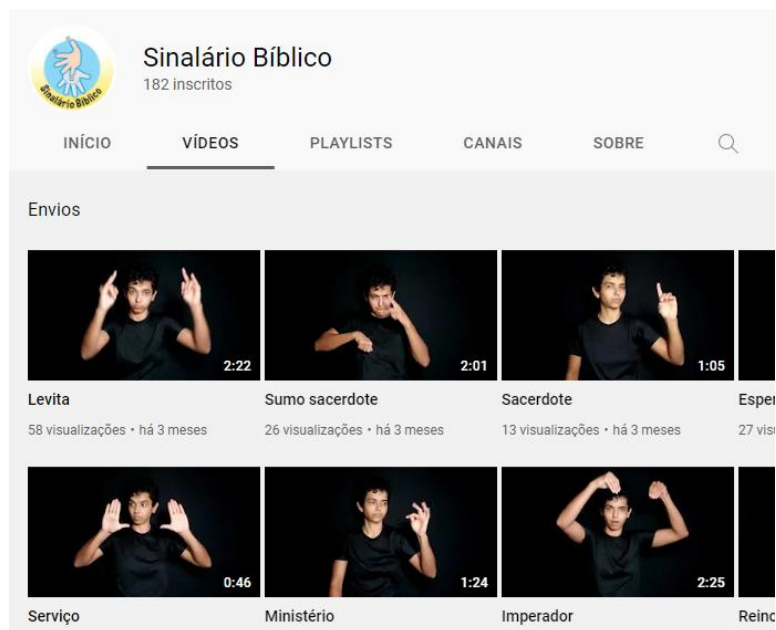


Fonte: Imagem disponível em: < <https://www.facebook.com/sinalariobiblico/> >. Acesso em: 11 de agosto de 2021

As postagens de novos sinais-termo na conta do Instagram do SB são as mesmas no Facebook. Há mais informação no Facebook e pode-se enviar mensagem, informar o telefone e e-mail.

No canal do YouTube (Figura 87), os vídeos dos novos sinais-termo bíblicos em Libras são apresentados ao público e há a explicação do conceito e da motivação relacionada à Bíblia Sagrada.

Figura 87 - Imagem do YouTube do Sinalário Bíblico - SB



Fonte: Imagem disponível em: <
<https://www.facebook.com/sinalariobiblico/>>. Acesso em: 11 de agosto de 2021

Essas plataformas possibilitam a circulação massiva de vídeos em Libras, o que favorece a disseminação da língua em uma forma de registro que tem ocupado cada vez mais espaço na sociedade brasileira. A divulgação de novos sinais-termo em redes sociais e a circulação de vídeos institucionais com novos vocábulos não representam uma prescrição de novas formas, mas pode potencializar e favorecer uma padronização.

Na próxima seção, discutimos como a atitude e o discurso podem favorecer a disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas.

6.3.2 Atitude e discurso dos missionários

Entre as ações que parecem favorecer a disseminação e a padronização de novos sinais-termo no contexto bíblico, vinculados às atividades dos Grupos de Trabalho, estão: (1) a demanda pela criação de novos sinais parte dos surdos; (2) os trabalhos de criação de novos sinais são liderados por surdos; (3) a recomendação para uso desses sinais entre os membros que compõem os Grupos de Trabalho; (4) os Grupos de Trabalho que atuam na criação de novos sinais são formados por integrantes que são membros atuantes nas instituições vinculadas ao movimento evangélico; (5) há membros surdos de vários os estados brasileiros; (6) o registro dos novos sinais acontecem em glossários virtuais com

suporte de divulgação de fácil acesso e gratuito, ao invés do registro em suporte impresso. Outro fator que contribui para a disseminação e padronização de sinais-termo é (7) a realização de eventos e de ações envolvendo a comunidade surda nacional.

Narro aqui minha experiência enquanto participante de um desses eventos. Em 2001, pela primeira vez, viajei com amigos para Salvador/BA, para o 7º Encontro Nacional de Obreiros com Surdos (ENOS) da Associação Evangélica Nacional de Obreiros com Surdos (ASSENOS), realizado na igreja Batista da cidade. Essa viagem me possibilitou aprofundar meus conhecimentos de sinais bíblicos, de forma que, por estar em uma cidade diferente da minha, percebi que havia variação linguística para alguns sinais em específico. Já curiosa para entender mais sobre esse universo da Libras no meio religioso, essa viagem acabou incentivando-me a voltar às minhas atividades com mais vontade de aprender e estudar novos sinais bíblicos.

Durante meus estudos, um pastor surdo me indicou um grupo do WhatsApp, chamado *Manuário Sinais Bíblicos* (MSB). Para entrar no grupo, tinha uma regra de seleção que era uma entrevista, e um administrador do grupo enviava um arquivo informando as regras. Apesar de toda a ansiedade durante o processo, felizmente, fui aprovada pelo grupo MSB em 2017. Foi um momento de muita alegria para mim, mas ao mesmo tempo eu sabia que teria uma grande responsabilidade pela frente de levar o grupo com seriedade, pois, devido ao grupo ser muito organizado, as regras eram bem rígidas. A partir disso, aprendi vários sinais icônicos e conceitualmente embasados de forma que antigos sinais utilizados por mim foram substituídos.

A demanda pela criação de novos sinais surge pela preocupação dos líderes surdos na elaboração e divulgação de textos bíblicos em Libras para o público surdo. Essa preocupação demanda a criação de novos sinais que, por sua vez, precisam ser disseminados e padronizados à comunidade sinalizante. Por muitos anos, a liderança da coordenação do Ministério de/com Surdos foi realizada apenas por ouvintes. Hoje, há a atuação de líderes surdos.

Nos grupos de trabalho, há a indicação para que os pastores surdos, líderes surdos, tradutores surdos e intérpretes ouvintes usem os novos sinais na pregação, tradução e interpretação em eventos religiosos, como: cultos, aulas, eventos, encontros, entre outros. Há um reforço em relação à cultura surda que passa a ser ressaltada nos novos sinais-termos.

A liderança dos surdos na implementação desse planejamento linguístico no âmbito institucional também se manifesta na atitude dos intérpretes ouvintes de Libras,

que tendem a recorrer aos surdos sobre quais são os sinais-termo que estão em circulação. Grande parte dos integrantes dos grupos de trabalho fez cursos de teologia, são cristãos há vários anos e com vasta experiência de trabalho nas instituições em que atuam. Alguns com muitos anos exercendo liderança na coordenação do Ministério de/com Surdos.

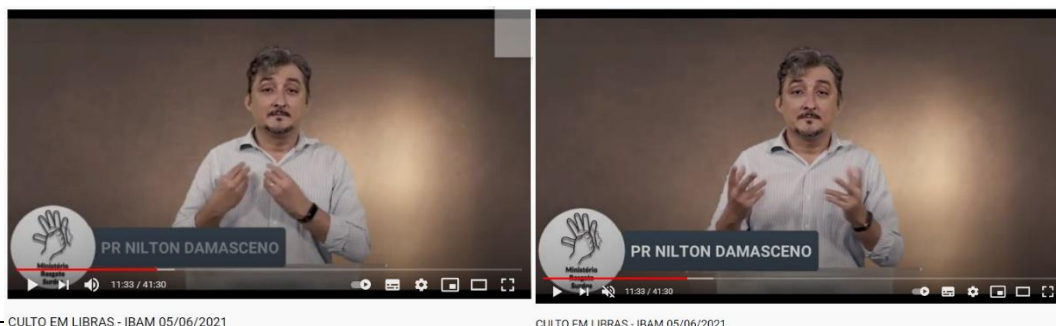
A liderança surda possui um maior poder de persuasão junto aos demais membros da comunidade. Os líderes possuem influência, sabem dessa influência e usam novos sinais-termo em seus discursos.

Há também um discurso de metalinguagem. O pastor Nilton Damasceno vincula o cuidado com a língua e o cuidado com a doutrina que ele ensina, pois *“cuide de você mesmo e tenha cuidado com o que ensina. Continue fazendo isso, pois assim você salvará tanto você mesmo como os que o escutam”* (Bíblia NTLH, 1 Timóteo 4:16). O Pastor surdo compara sua insistência no uso de novos sinais-termo ao legado de Martim Lutero, que foi persistente nas convicções e nas atitudes para promover as transformações no movimento religioso de sua época.

Diante disso, fizemos uma análise das pregações do pastor surdo Nilton Sá Damasceno e do pastor surdo Gustavo Lima Ferreira Gartner. Analisamos também a tradução de 1 Coríntios 1:10-16, promovida pelo DOT Brasil, realizado por Samira Araújo, da Igreja Renascer em Cristo, em São Paulo, e Diego Martins (intérprete), da Igreja Batista do Povo, também em São Paulo. Os três textos estão disponíveis no YouTube.

O pastor surdo Nilton Sá Damasceno é, pastor auxiliar na Igreja Batista Metropolitana (IBAM⁹⁰) em Salvador/BA. A pregação que analisamos foi transmitida pelo canal do YouTube. Neste vídeo, o Pastor Nilton Damasceno pregou sobre a morte ser a consequência do pecado. O novo sinal-termo de GRAÇA é usado por 4 vezes, durante a sua pregação, nos minutos (11'34"), (28'55"), (30'09") e (34'38"). A Figura 88 ilustra o sinal-termo de GRAÇA.

Figura 88 - Sinal-termo de GRAÇA (SB) no culto do Pastor Nilton Damasceno



⁹⁰Disponível em: <<https://www.ibam.com.br/>>. Acesso em: 04/08/2021.

Fonte: Ministério Resgate Surdos IBAM. Imagem disponível em:
 <<https://www.youtube.com/watch?v=Hs4BW-oXbF0>>. Acesso em: 07 de julho de 2021

O novo sinal-termo de CRISTO também foi utilizado em seu discurso, por duas vezes, nos instantes (27'06") e (29'13"). A Figura 89 ilustra esse sinal.

Figura 88 - Sinal-termo de CRISTO (SB) no culto do Pastor Nilton Damasceno



CULTO EM LIBRAS - IBAM 05/06/2021

Fonte: Ministério Resgate Surdos IBAM. Imagem disponível em:
 <<https://www.youtube.com/watch?v=Hs4BW-oXbF0>>.
 Acesso em: 07/07/2021

O novo sinal-termo para FÉ foi usado 8 vezes, nos instantes (12'30"), (13'19"), (13'21"), (27'15"), (27'26"), (28'26"), (29'29") e (30'14"), enquanto a datilologia foi utilizada apenas uma vez, no instante 27'27". A datilologia parece não ter sido usada para introduzir o novo sinal. A Figura 90 ilustra o sinal-termo para FÉ.

Figura 89 - Sinal-termo de FÉ (MSB) no culto do Pastor Nilton Damasceno



CULTO EM LIBRAS - IBAM 05/06/2021

CULTO EM LIBRAS - IBAM 05/06/2021

Fonte: Ministério Resgate Surdos IBAM. Imagem disponível em:
 <<https://www.youtube.com/watch?v=Hs4BW-oXbF0>>. Acesso em: 07 de julho de 2021

Como estratégia para introduzir o novo sinal-termo de EZEQUIEL há o uso da datilologia combinada ao novo sinal. Esse sinal foi usado apenas 1 vez, no instante

(22'18''), seguido imediatamente da datilologia, no instante (27'27''). A Figura 91 ilustra o sinal-termo de EZEQUIEL.

Figura 90 - Sinal-termo de EZEQUIEL (MSB) no culto do Pastor Nilton Damasceno



CULTO EM LIBRAS - IBAM 05/06/2021

Fonte: Ministério Resgate Surdos IBAM. Imagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hs4BW-oXbF0>>. Acesso em: 07 de julho de 2021

Analizamos também a pregação do Pastor Surdo Gustavo Lima Ferreira Gartner, fundador do projeto CCTSurdos (Centro Cristão de Treinamento para Surdos). A pregação analisada foi disponibilizada no canal do YouTube da Igreja de Cristo para Surdos (ICriSurdos⁹¹).

Em seu discurso, ele faz uso tanto do antigo sinal-termo quanto do novo sinal-termo de GRAÇA. A forma antiga é usada no instante (1'56'') e a forma nova em (1'57''). As Figuras 92 e 93 a seguir ilustram esses sinais.

Figura 91 - Sinal-termo antigo de GRAÇA (CS) no culto do Pastor Gustavo Gartner



Fonte: Ministério ICriSurdos (Igreja de Cristo para Surdos). Imagem disponível em: <<https://youtu.be/cCGwh6oHCw8>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

⁹¹Disponível em: <<https://www.icrisurdos.org/>>. Acesso em: 11 de abril de 2022.

Figura 92 - Sinal-termo novo de GRAÇA (SB) no culto do Pastor Gustavo Gartner



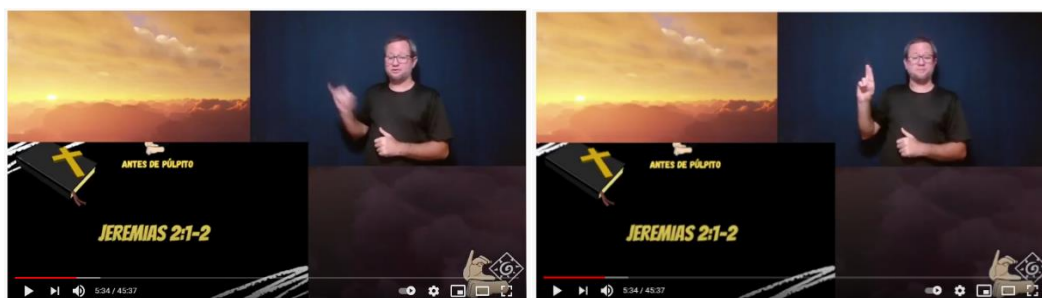
Culto online de Surdos as 20hs em 05.07.21

Fonte: Ministério ICriSurdos (Igreja de Cristo para Surdos).
Imagem disponível em: <<https://youtu.be/cCGwh6oHCw8>>.
Acesso em: 10 de agosto de 2021

O uso do sinal-termo do profeta JEREMIAS também foi analisado. Em seu discurso, o pastor Gustavo Gartner usou a forma antiga do sinal-termo JEREMIAS, que corresponde à datilologia de “J”+“R”. Essa forma foi utilizada 12 vezes, nos instantes (5’34”), (5’36”), (5’58”), (6’05”), (6’18”), (7’04”), (7’59”), (10’19”), (10’29”), (10’39”), (10’43”), (10’51”), (11’04”) e (13’22”). O novo sinal-termo JEREMIAS foi introduzido duas vezes, nos instantes (5’37”), (5’42”), quando o pastor faz o sinal-termo antigo e diz “este é o sinal” e articula o sinal-termo novo. Em seguida, ele faz a datilologia J-E-R-E-M-I-A-S (5’39” até 5’41”) e volta a fazer o sinal-termo novo JEREMIAS.

As figuras 94, 95 e 96 a seguir ilustram os sinais-termo antigo e novo, bem como o uso da datilologia pelo Pastor Gustavo Gartner.

Figura 93 - Sinal-termo antigo de JEREMIAS (CS) no culto do Pastor Gustavo Gartner



Culto online de Surdos as 20hs em 05.07.21

Culto online de Surdos as 20hs em 05.07.21

Fonte: Ministério ICriSurdos (Igreja de Cristo para Surdos). Imagem disponível em: <<https://youtu.be/cCGwh6oHCw8>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

Figura 94 - Sinal-termo novo de JEREMIAS (MSB) no culto do Pastor Gustavo Gartner



Culto online de Surdos as 20hs em 05.07.21

Fonte: Ministério ICriSurdos (Igreja de Cristo para Surdos).
 Imagem disponível em: <<https://youtu.be/cCGwh6oHCw8>>.
 Acesso em: 10 de agosto de 2021

Figura 95 - Datilologia de J-E-R-E-M-I-A-S no culto do Pastor Gustavo Gartner



Culto online de Surdos as 20hs em 05.07.21

Fonte: Ministério ICriSurdos (Igreja de Cristo para Surdos).
 Imagem disponível em: <<https://youtu.be/cCGwh6oHCw8>>.
 Acesso em: 10 de agosto de 2021

Há um outro momento em que o uso do sinal-termo novo é combinado ao uso da datilologia. Em seu discurso, o Pastor Gustavo Gartner usa a datilologia de A-M-Ó-S (18'10" até 18'11") e, em seguida, o sinal-termo novo de AMÓS (18'12"), e usa a datilologia novamente (18'12" até 18'13"). As Figuras 97 e 98 ilustram essas ocorrências.

Figura 96 - Datilologia de A-M-Ó-S no culto do Pastor Gustavo Gartner



Culto online de Surdos as 20hs em 05.07.21

Fonte: Ministério ICriSurdos (Igreja de Cristo para Surdos).
 Imagem disponível em: <<https://youtu.be/cCGwh6oHCw8>>.
 Acesso em: 10 de agosto de 2021

Figura 97 - Sinal-termo novo de AMÓS (MSB) no culto do Pastor Daniel Gartner



Culto online de Surdos as 20hs em 05.07.21

Fonte: Ministério ICriSurdos (Igreja de Cristo para Surdos).
 Imagem disponível em: <<https://youtu.be/cCGwh6oHCw8>>.
 Acesso em: 10 de agosto de 2021

Por fim, fizemos uma análise da tradução de 1 Coríntios 1:10-16, promovido pelo DOT Brasil e disponível em seu canal do YouTube. O trecho foi traduzido por Samira Araújo (tradutora/ atriz e surda) e por Diego Martins (intérprete). No vídeo de (1'17"), e percebemos o uso de sinais-termo novos, sem a combinação com a datilologia ou sinais-termo antigos. Os sinais-termo usados são CLOÉ (0'28"), APOLO (0'35"), CEFAS (0'36"), CRISPO (0'56"), GAIO (0'57"), ESTÉFANAS (1'07"). As Figuras 99,101, 102, 103 e 104 a seguir ilustram esses sinais.

Figura 98 - Sinal-termo de CLOÉ (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil



1 Coríntios 1:10-16

Fonte: 1 Coríntios 1:10-16, traduzido em Libras. Imagem disponível em: <<https://youtu.be/JrQz3KfkuLA>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

Figura 99 - Sinal-termo de APOLO (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil



1 Coríntios 1:10-16

Fonte: 1 Coríntios 1:10-16, traduzido em Libras. Imagem disponível em: <<https://youtu.be/JrQz3KfkuLA>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

Figura 100 - Sinal-termo de CEFAS (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil



1 Coríntios 1:10-16

Fonte: 1 Coríntios 1:10-16, traduzido em Libras. Imagem disponível em: <<https://youtu.be/JrQz3KfkuLA>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

Figura 101 - Sinal-termo de CRISPO (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil



1 Coríntios 1:10-16

Fonte: 1 Coríntios 1:10-16, traduzido em Libras. Imagem disponível em: <<https://youtu.be/JrQz3KfkuLA>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

Figura 102 - Sinal-termo de GAIO (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil



1 Coríntios 1:10-16

Fonte: 1 Coríntios 1:10-16, traduzido em Libras. Imagem disponível em: <<https://youtu.be/JrQz3KfkuLA>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

Figura 103 - Sinal-termo de ESTÉFANAS (Glossário DOT Brasil) na tradução DOT Brasil



Fonte: 1 Coríntios 1:10-16, traduzido em Libras. Imagem disponível em: <<https://youtu.be/JrQz3KfkuLA>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

Na análise das pregações e do texto (vídeo) em Libras, percebemos que tanto sinais-termo antigos e sinais-termo novos estão em uso. Observamos (1) o uso dos novos sinais-termo, diretamente, sem referência aos sinais antigos ou aos nomes correspondentes em português, (2) o uso do sinal-termo antigo seguido do sinal-termo novo, (3) o uso da datilologia combinada ao sinal-termo novo e (4) percebemos, em alguns momentos, o uso tanto da soletração quanto do sinal-termo antigo seguido do sinal-termo novo. Isso acontece quando é a primeira vez que o termo aparece. Depois, durante a pregação, utiliza-se diretamente o novo sinal-termo.

Nessa seção, mencionamos a organização de glossários e destacamos que a veiculação desses materiais nas redes sociais favorece a disseminação de novas unidades terminológicas sinalizadas. Analisamos também a pregação de dois pastores surdos e a tradutora/atriz surda em um trecho da Bíblia traduzido para Libras, no qual há o uso dessas novas formas e percebemos que também favorece a disseminação e a padronização de sinais-termo no campo religioso.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, intitulada Terminologia em língua brasileira de sinais: disseminação e padronização novos sinais-termo no contexto bíblico, teve como objetivo descrever os fatores que favorecem a disseminação e padronização de novos sinais-termo relacionados ao contexto bíblico. O objeto de investigação envolveu a descrição de quatro Grupos de Trabalho que estão vinculados a igrejas evangélicas brasileiras, a saber: (1) Clamor do Silêncio, (2) *Manuário Sinais Bíblicos*, (3) Glossário *DOT Brasil* e (4) Sinalário Bíblico.

A partir disso, os objetivos específicos foram (1) descrever fatores que favorecem a necessidade de surgimento, disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas; (2) descrever atitudes dos Grupos de Trabalho que favorecem a disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas e (3) descrever as atitudes de líderes e participantes do contexto bíblico que também favorecem a disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas.

A pesquisa possui um caráter quali-quantitativo e uma metodologia de coleta e análise de dados a partir de observação-participante, análise de documentos e entrevistas. Essa investigação está embasada nas noções de política e planejamento linguístico envolvendo línguas de sinais, com foco nas práticas de planejamento de corpus e de aquisição, sobretudo no contexto religioso e bíblico da esfera denominacional evangélica.

Os Grupos de Trabalho (1) Clamor do Silêncio, (2) *Manuário Sinais Bíblicos* - MSB, (3) Glossário *DOT Brasil* e (4) Sinalário Bíblico - SB prestigiam a língua de sinais e o protagonismo surdo na condução de suas atividades. Há um discurso que reforça a cultura surda e que os surdos são utentes da língua.

Identificamos três fatores que favorecem a necessidade de criação, disseminação e padronização de novas unidades terminológicas sinalizadas.

O primeiro fator diz respeito à delimitação de conceitos a partir de uma linguagem de especialidade, isto é, a partir de sinais-termo. Novos conceitos precisam de novos termos. Surge também a necessidade de sinais-termo que sejam icônicos e conceitualmente motivados, definidos como sinais de *conceito visual*. O segundo fator se refere à heresia. O cuidado com a doutrina exige um cuidado com a língua para que não haja uma compreensão equivocada da Bíblia. Nesse sentido, o uso de sinais-termo equivocados pode ser considerado uma prática herege. O terceiro fator é a resistência a

sinais por datilologia, cuja configuração de mão inicializando faz referência ao nome do termo em língua portuguesa. Esses três fatores estão integrados e sustentam a necessidade de renovação terminológica.

O estudo de conceitos atrelados ao termo e a apresentação de propostas que sejam icônicamente embasadas perpassam pelas atividades dos Grupos de Trabalho como fundamentais. A questão da preocupação com heresia também é um fator presente nos grupos, mais preponderante no Grupo de Trabalho Sinalário Bíblico (SB), o que evidencia a cultura doutrinária nas atividades realizadas. Essa cultura doutrinária também se reflete na inovação terminológica, gerando uma variação terminológica entre diferentes denominações.

Observamos um certo prestígio da teologia, evidenciado na questão da heresia. Talvez os conhecimentos da área da linguística ainda sejam discretos. A resistência a sinais que remetem ao termo em língua portuguesa também levanta temas importantes. Há uma certa tensão entre os integrantes dos grupos, pois ao mesmo tempo em que, de um lado, há uma resistência dos grupos em detrimento a sinais que envolvem configuração de mão que remete às letras do nome dos termos em língua portuguesa, há também uma manifestação de preservação dos sinais já criados, em respeito aos surdos mais velhos e pioneiros nesse processo de criação.

A validação de novos sinais-termo acontece a partir do seu uso, ou seja, é a comunidade de sinalizantes que determina a padronização (Faria-Nascimento, no prelo). A padronização perpassa pela disseminação dessas formas, o que demanda um planejamento de aquisição (Schermer, 2012).

O registro dos novos sinais acontece em glossários virtuais, veiculados às redes sociais. Essa disseminação de novas unidades terminológicas sinalizadas - UTS é de fácil acesso, especialmente, porque é gratuita.

As atitudes dos Grupos de Trabalho também podem favorecer a disseminação e a padronização de novos sinais-termo. Dentre elas, identificamos que (1) a demanda pela criação de novos sinais parte dos surdos; (2) os trabalhos de criação de novos sinais são liderados por surdos; (3) existe a recomendação para uso desses sinais entre os membros que compõem os Grupos de Trabalho; (4) os Grupos de Trabalho são formados por integrantes que são membros atuantes nas instituições vinculadas ao segmento evangélico; (5) há membros surdos de todos os estados brasileiros; (6) o registro dos novos sinais acontece em glossários virtuais com suporte de divulgação de fácil acesso e gratuito e (7) a realização de eventos e de ações envolvendo a comunidade surda nacional.

Analizamos também a pregação de pastores surdos e um texto (vídeo) da Bíblia em Libras, em que percebemos estratégias utilizadas para a disseminação de novos sinais-termo. Observamos (1) o uso dos novos sinais-termo, diretamente, sem referência aos sinais antigos ou à datilologia dos nomes correspondentes em português, (2) o uso do sinal-termo antigo seguido do sinal-termo novo, (3) o uso da datilologia combinada com o sinal-termo novo e (4) percebemos, em alguns momentos, o uso tanto da soletração quanto do sinal-termo antigo seguido do sinal-termo novo.

Este estudo permitiu que disponibilizássemos mais informações sobre as experiências dos surdos e como acontece a disseminação e padronização de novos sinais-termo, sobretudo no contexto religioso. Novas demandas de investigação surgem, tais como a variação terminológica nesse contexto, questões atitudinais tanto individuais quanto institucionais e o envolvimento de outros Grupos de Trabalho, como o Instituto Expressão Surda (IES), em Curitiba – PR, por exemplo.

Temos notícia de que um novo grupo está sendo constituído para a criação do Sinalário TeoLibras (Teologia em Libras) cujo objetivo será de criação de sinais-termo no âmbito teológico por participantes que sejam pastores e teólogos para implementar um curso de teologia, cujo fundador é o Pastor Nilton Damasceno.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Conceitos/Denominações nas línguas de especialidades e na língua geral**. Acta Semiotica et Linguistica. João Pessoa, v.7, n. 1, p. 9-24, 1998.

ASSIS-SILVA, César Augusto de. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

ASSIS-SILVA, César Augusto de. **Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos**. Tese de doutorado em Antropologia Social. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2011 (versão corrigida).

ASSIS-SILVA, César Augusto. **A constituição da língua brasileira de sinais: considerações sobre a missão protestante com surdos**. Revista Sures, v. 3, p. 1-14, 2014.
ASSIS-SILVA, César Augusto. **As congregações em língua de sinais das Testemunhas de Jeová: a universalidade do Governo do Reino de Deus e a particularidade das línguas**. Debates do NER, v. 20, p. 212-144, 2011.

ASSIS-SILVA, César Augusto. **Igreja Católica e surdez: território, associação e representação política**. Religião & Sociedade (Impresso), v. 32, p. 13-38, 2012.

ASSIS-SILVA, César Augusto. **O papel de agentes religiosos na surdez: considerações sobre a constituição da cultura surda**. Espaço, v. 39, p. 5-16, 2013.
ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Anuário das Testemunhas de Jeová**. [S.I.]: [s.n.], 2004.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações**. Acta Semiotica et Linguistica. São Paulo: Plêiade; SBPL, v.7, p. 25-44, 1998.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A resistência da Feneis na denominação da Libras sobre a LSCB. In: SOUZA, Regina Maria de (Org.). **História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil**. Contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da Anpoll. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 87-104.

COSTA, Messias Ramos. **EncicloLibras: produção sistematizada de sinais-termo em língua brasileira de sinais em novos eixos temáticos: LSB e LGP**. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Programa de pós-graduação em Linguística, 2021.

DECRETO Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1>. Acesso em: 04/03/2020.

DOUETTES, B. B. **A tradução na criação de sinais-termos religiosos em libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilíngue**. 2015. 440 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. **Estudos da língua brasileira de sinais I**. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 79-113.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **O conflito entre o in vivo e o in vitro no advento da terminologia em língua brasileira de sinais**: em busca do equilíbrio. (prelo).

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **Representações lexicais da língua brasileira de sinais**: uma proposta lexicográfica. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Programa de pós-graduação em Linguística, 2009.

FAULSTICH, E. **A terminologia entre as políticas de língua e as políticas linguísticas na educação linguística brasileira**. 2013.

FAULSTICH, Enilde. A Terminologia: a disciplina da nova era na formação profissional de língua de sinais. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, nº 49, 2018.

FAULSTICH, Enilde. Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na língua brasileira de sinais. In: BIDARRA, Jorge; MARTINS, Tânia Aparecidas; FMS. **Federação mundial dos surdos**. Disponível em: <<https://wfdeaf.org/news/resources/legal-recognition-sign-languages-country/>>. Acesso em: 01/07/2020.

HOEMANN, Harry W, OATES, Eugênio e HOEMANN, Shirley A. **Linguagem de sinais do Brasil**. Porto Alegre/RS: Centro Educacional para Deficientes Auditivos. 1983.

HOSANA, V. C. M. Seiffert. **Projeto de tradução bíblica própria dos surdos**: uma história ainda em construção. (Prelo).

Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. **O clamor do silêncio**: manual de sinais bíblicos. Rio de Janeiro, RJ: [s.e.], 1991.

LABORIT, E. **O grito da gaivota** – biografia de uma surda profunda, do berço ao êxito nos palcos do teatro francês. (2.^a Ed.) (A. Sarmento, Trad.). Lisboa: Caminho, 2000.

LIDDELL, Scott. **Grammar, gesture and meaning in american sign language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MACHADO, Rodrigo Nogueira; QUADROS, Ronice Müller de. **Contato linguístico em Libras**: um estudo descritivo da influência de outras línguas de sinais na Libras. Rio de Janeiro: Revista Linguística. 2020, p. 170 - 197. Disponível em:

<<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33484/22622>>. Acesso em 23/04/2021.

Manuário Sinais Bíblicos. **Apostila do manuário sinais bíblicos.** (s/d).

MARTINS, Francielle Cantarelli. **Libras: natureza de terminologia e perfil do terminólogo.** I MundLLibras. 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=8wIzxYYjvd4>>. Acesso em: 03/05/2021.

MCBURNEY, Susan. History of sign languages and sign language linguistics. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). **Sign Language: an international handbook.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. Cap. 38. p. 948-909.

MELO, Adoniran. **Ministério com surdos: história, desafios e sinais bíblicos.** A.D. Santos Editora, Curitiba, 2017. 120 páginas.

MOHR, Susanne. **Mouth actions in sign languages.** Preston: Boston/Berlin and Ishara Press, 2014.

MÓNICO, Lisete; ALFERES, Valentim; PARREIRA, Pedro; CASTRO, Paulo Alexandre. **A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa.** Atlas – Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. v. 3, 2017.

NUNES, V. F.; BERNARDO, S. P. Relações culturais e sinais religiosos em libras: estudo de metáforas e de metonímias. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 113–124, 2018.

OATES, Eugênio. **Linguagem das mãos.** Aparecida do Norte: Santuário, 1969, p. 223 - 234.

PASTORAL DOS SURDOS. **Pastoral dos surdos rompe desafios e abraça os sinais do Reino na Igreja do Brasil.** São Paulo: Paulinas, 2006.

PINHEIRO, Kátia Lucy. **Políticas linguísticas e suas implementações nas instituições do Brasil: o tradutor e intérprete surdo intramodal e interlingual de línguas de sinais de conferência.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.

PINHEIRO, Kátia Lucy. **Práticas pedagógicas bilíngues para crianças do instituto cearense de educação de surdos.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2012.

QUADROS, Ronice Muller de. Políticas linguísticas, línguas de sinais e educação de surdos. In: BIDARRA, Jorge; MARTINS, Tânia Aparecidas; SEIDE, Márcia Sipavivius. (Org.). **Entre a Libras e o português: desafios face ao bilinguismo.** Cascavel: Eduel, 2016, p. 17-44.

QUADROS, Ronice Muller. **Libras.** São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, Ronice Muller; STUMPF, Marianne Rossi. Reconhecimento da língua brasileira de sinais: legislação da língua de sinais e seus desdobramentos. In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Muller. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Volume IV. Florianópolis: Editora Insular, p. 17-36, 2018.

SCHERMER, T. Language planning. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs). **Sign language: An international handbook**, 2012. p. 889–908.
SEIDE, Márcia Sipavivius. (Org.). **Entre a Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo**. Cascavel: Eduel, 2016, p. 69-82.

Sinalário Bíblico. 2020, p. 5 – Art. 35. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=OLQ9oM9-3SI&t=59s>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2021.

STRAGAPEDE, S. **Padre José Gualandi: apóstolo dos surdos**. Londrina/PR: Vale Verde, [s.d.]. p.10.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. **Linguagem de sinais**. Cesário Lange: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.

TUXI, Patrícia; FELTEN, Eduardo. **Terminologia, terminografia e línguas de sinais: novos rumos linguísticos**. Revista Coralina, v. 1, n. 1, p. 123-139, fev. 2019.

UNESCO. **Declaração universal dos direitos linguísticos**. Barcelona, 9 de junho de 1996. Disponível em:
<http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf>. Acesso em: 30/04/2020.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. Tradutor Cesar de F.A. Bueno Vieira. – São Paulo: Vida Nova, 1994.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiro de questionário em Libras (Ex-integrante do Clamor do Silêncio)

- Como foi o processo de criação de sinais e a coleta sinais católicos?
- Você coletou sinais do intérprete de Libras simultaneamente no momento do culto?
- O nome do Clamor do Silêncio (CS) foi mudado para Manuário Sinais Bíblicos (MSB)?
Por quê?
- Por que foi criado o novo grupo fechado do WhatsApp? Eram vocês e os ex-integrantes de CS que participam no grupo do MSB?
- Como você fez os desenhos? Pessoalmente com Valdecir ou por vídeo?
- Como você publicou a apostila? Por uma empresa? Por um instituto?
- Concordam que antigos sinais bíblicos sejam substitutos? O que acham? Conseguem esquecer antigos sinais bíblicos? Ou usam ainda os antigos e/ou os novos sinais bíblicos?
- Vocês já viram em algum acampamento ou congresso dizerem algo sobre usar novos sinais-termo bíblicos ou antigos sinais-termo? Como?
- Concordam com uma padronização dos novos sinais bíblicos no Brasil ou deve-se respeitar a variação linguística de cada estado? Por quê?
- Vocês acham que é necessária a criação de todos os sinais no contexto bíblico? Se sim ou se não, por quê?

APÊNDICE

APÊNDICE B - Roteiro de questionário em Libras (Manuário Sinais Bíblicos)

- Como foi fundado o grupo do MSB no WhatsApp? Quem foi?
- O nome do Clamor do Silêncio (CS) foi mudado para Manuário Sinais Bíblicos (MSB)? Por quê?
- É importante os apoios dos pastores surdos e lingüísticos surdos na criação de sinais-termo no contexto bíblico? Ou apenas os pastores surdos?
- Por que somente a participação dos surdos? Ouvintes, não?
- Que sugestões você daria para aprimorar a qualidade da criação dos sinais-termo em Libras?
- Concordam com uma padronização dos novos sinais bíblicos no Brasil ou deve-se respeitar a variação lingüística de cada estado? Por quê?
- Vocês acham que é necessária a criação de todos os sinais no contexto bíblico? Se sim ou se não, por quê?
- Concordam que antigos sinais bíblicos sejam substitutos? O que acham? Sentiram um choque? Conseguem esquecer antigos sinais bíblicos? Ou usam ainda os antigos e/ou os novos sinais bíblicos?
- Concordam em respeitar a variação lingüística? Por quê?
- Somente a pessoa cristã surda pode participar do grupo MSB? Como é o processo para participar?
- Os intérpretes, tradutores e os missionários surdos e ouvintes de várias igrejas de denominações evangélicas estão aceitando os novos sinais-termo?

APÊNDICE

APÊNDICE C - Roteiro de questionário em Libras (DOT Brasil)

- Vocês acham que é necessário criar todos os sinais no contexto bíblico para tradução em Libras? Se sim ou não, explicar o porquê.
- Somente pessoa cristã surda e/ou ouvinte pode participar na equipe DOT glossário? Como participar?